

**FLAVIANA MIRANDA DA SILVA DE SÁ**

**(RE)TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO  
CINEMATOGRAFICO DE CAMPO GRANDE- MS: HISTÓRIA  
E CULTURA NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO  
LOCAL**

**BOLSISTA - CAPES**



**UCDB**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2013**

**FLAVIANA MIRANDA DA SILVA DE SÁ**

**(RE)TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO  
CINEMATOGRAFICO DE CAMPO GRANDE- MS: HISTÓRIA  
E CULTURA NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO  
LOCAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, Mestrado Acadêmico, da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Augusta de Castilho.

**BOLSISTA - CAPES**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2013**

### Ficha catalográfica

Sá, Flaviana Miranda da Silva de  
S111r (Re) territorialização do espaço cinematográfico de Campo Grande-MS: história e cultura na perspectiva do desenvolvimento local / Flaviana Miranda da Silva de Sá; orientação Maria Augusta de Castilho. 2013  
132 f. + anexos

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

1. Desenvolvimento local 2. Identidade social 3. Patrimônio cultural 5. Cinema – Campo Grande I. Castilho, Maria Augusta de II. Título

CDD - 791.43

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Título:** (Re)territorialização do espaço cinematográfico de Campo Grande - MS: história e cultura na perspectiva do desenvolvimento local.

**Área de concentração:** Desenvolvimento Local em contexto de territorialidades.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento Local, Cultura, Identidade, Diversidade.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação apresentada em: 16/09/2013.

### **BANCA EXAMINADORA**



---

**Profª Drª Maria Augusta de Castilho**  
**Universidade Católica Dom Bosco**



---

**Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa**  
**Universidade Católica Dom Bosco**



---

**Profº Drº Oséias de Oliveira**  
**Universidade Estadual do Centro Oeste**

Dedico este estudo aos meus pais, meu esposo e meus filhos pelo apoio e compreensão, fontes de amor e gratidão, e a minha tia Lúdia dos Anjos de Souza (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, primeiramente, pois sem Sua proteção e amparo não conseguiria suportar as dificuldades passadas.

Durante esse período necessitei de encorajamento, incentivos e amizade das mais diversas pessoas:

Em especial, a minha ilustre orientadora Dr<sup>a</sup>. Maria Augusta de Castilho, por ter compartilhado seu conhecimento, pela motivação com que sempre me recebeu, criando em mim uma vontade de melhorar e progredir, mesmo perante as contrariedades que foram surgindo no decorrer do estudo. Pela sua disponibilidade, pelos esclarecimentos perante as minhas dúvidas, pela atenção com que sempre me ouviu, aqui deixo meu sincero reconhecimento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Desenvolvimento Local pela valiosa contribuição à minha formação acadêmica e disponibilidade constante em me atender.

A Natália Amarante, secretária do Programa de Pós-Graduação, pela amizade, compreensão e disposição dedicadas.

As minhas queridas amigas-irmãs, Karina Teruya e Soviana Foppa, pelo apoio e ânimo nos momentos difíceis, porque juntas ultrapassamos o que muitos diziam ser improvável.

A Sônia Raimunda de Lima Vargas, por cuidar dos meus filhos e me apoiar no decorrer desta pesquisa.

Aos entrevistados: Antônio Benedito Scatena, Arlinda Cantero Dorsa, Bernardo Elias Lahdo, Celso Higa, David Cardoso, Jofman Amorim Leite da Silva,

Marcos Antônio Pedrosa, Maria de Fátima Amorim Leite da Silva, por terem participado da realização deste trabalho, contribuindo com a memória individual.

Ao Bernardo Elias Lahdo, Celso Higa, Edson Contar, Matheus de Almeida, Museu de Imagem e Som, representado por Alexandre Sogabe, e Tércio Mardine Fraulob, pela doação e cessão de uso das imagens de seus acervos.

Às funcionárias Tais Aparecida Ferreira de Souza e Ana Paula de Oliveira, da Biblioteca da FCG/FACSUL, pelo apoio prestado, possibilitando um ambiente favorável de estudo, escrita e conclusão desta dissertação, pelo tratamento a mim dispensado e pelas palavras de incentivo nos momentos de desânimo.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, em especial Evelyn Ferro, Margareth Ferro Scapinelli, Nilda Moreira, Regina de Oliveira, pelo apoio oferecido durante meu afastamento.

A Janete Miranda de Mello pela imediata disponibilidade, cooperação, compreensão e o auxílio nas devidas correções deste trabalho.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a finalização deste trabalho, o meu muito obrigada!

“Ao adentrarmos em uma sala de exibição para assistir um filme, somos transportados para um universo imaginário, o ambiente de sala grande, escura, cheia de poltronas, música ambiente, com uma tela imensa na frente, nos proporciona essa viagem, e aos poucos a tela vai iluminando, onde deixamos de ser meros espectadores para viver emoções. Nesse distanciamento do nosso cotidiano vivido, de tempo e espaço, nos identificamos com as imagens, músicas, e o enredo do filme exibido, enfim nos emocionamos com a história. E quando se acendem as luzes, o letreiro sobe e o filme termina, a saída do cinema acontece ainda sob o impacto do filme, nos revelando um ‘mundo real’”.

(MÔNICA FANTIN, 2005, p. 13-15)



## RESUMO

O trabalho tem por objetivo rememorar e demonstrar à comunidade, as transformações ocorridas pelas salas de exibições cinematográficas em Campo Grande - Estado de Mato Grosso do Sul, desde o início com o cinetoscópio, até os dias atuais com a tecnologia dos complexos 3 D. O estudo contempla a área de concentração do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, ou seja, Desenvolvimento Local no contexto das territorialidades. Vale ressaltar ainda que as reflexões a respeito de identidades locais inserem-se na linha de pesquisa do referido programa – Desenvolvimento Local: cultura, Identidade e diversidade. A pesquisa foi pautada no método indutivo, utilizando-se referências bibliográficas, por meio de consultas e interpretação de imagens, entrevistas e pesquisas *in loco*. Identificou-se também aspectos culturais e sociais do cinema na vida do campo-grandense ao longo da história. Assim, analisa-se a (des)territorialização dos espaços culturais de Campo Grande (cinemas) e sua (re)territorialização, desfazendo-se em sua maioria dos espaços culturais para dar lugar a outros que não valorizam o patrimônio cultural local e sim a parte econômica procura-se de forma contundente contribuir para um maior conhecimento da história cultural artística cinematográfica em um período marcante para comunidade local. Estabelece-se após várias reflexões que todos os espaços de exibição cinematográficos existentes em Campo Grande, influenciaram no desenvolvimento cultural, social e econômico da cidade, e de sua sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Cultura. Território. Desenvolvimento.

## **ABSTRACT**

The work aims to recall and demonstrate to the community, the changes occurring through the rooms of film screenings at Campo Grande - Mato Grosso do Sul, from the beginning to the Kinetoscope, until today with the technology of complex 3 D. The study area includes the concentration of the Graduate Program in Local Development, or, Local Development in the context of territoriality. It is worth mentioning that the reflections on local identities fall into the line of research of the program - Local Development: culture, identity and diversity. The research was based on the inductive method, using bibliographic reference, through consultation and interpretation of images, interviews and research in situ. We also identified cultural and social aspects of cinema in the life of Campo Grande throughout history. Thus , we analyze the ( un) territorialization of cultural spaces of Campo Grande (movies) and its ( re) territorialization, scrapping mostly cultural spaces to make room for others who do not value the local cultural heritage but the the economics seeks to forcefully contribute to a greater understanding of cultural history in a period film artistic milestone for the local community . Settles after several reflections that all film exhibition spaces existing in Campo Grande, influenced the cultural, social and economic development of the city and its society.

**KEYWORDS:** Movies. Culture. Territory. Development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelos de mudança cultural	24
Figura 2 - Localização de salas de exibição no Brasil - 2010	36
Figura 3 - Localização de salas de exibição na Região Centro-Oeste (2010)	38
Figura 4 - Cinetoscópio	44
Figura 5 - Hotel Democrata - local de funcionamento do extinto Cine Brasil	44
Figura 6 - Local atual do extinto Cine Brasil (1910)	46
Figura 7 - Local do extinto Cine Rio Branco (1914)	48
Figura 8 - Local atual do extinto Cine Guarani/Cine Central (1914)	50
Figura 9 - Frequentadores na entrada do extinto Cine Trianon	51
Figura 10 - Fachada do extinto Cine Trianon (1932)	52
Figura 11 - Imagens do filme Alma do Brasil	53
Figura 12 - Imagens do filme Alma do Brasil	54
Figura 13 - Local atual do extinto Cine Trianon	55
Figura 14 - Fachada do extinto Cine-teatro Santa Helena	56
Figura 15 - Imagem restaurada do extinto Cine Santa Helena	57
Figura 16 - Local atual do extinto Cine Santa Helena	59
Figura 17 - Extinto Cine Alhambra em funcionamento (1937)	59
Figura 18 - Interior do extinto Cine Alhambra (1937)	60
Figura 19 - Cartaz do filme "Paralelos Trágicos"	62
Figura 20 - <i>Avant premier</i> do filme "Paralelos Trágicos" - Cine Alhambra (1967)	63
Figura 21 - David Cardoso "Férias no sul - 1968" - Cine Alhambra	64
Figura 22 - Funcionárias do Cine Alhambra	65
Figura 23 - Fachada do extinto Cine Alhambra com exposição dos cartazes	66
Figura 24 - Imagem da fachada do extinto Cine Alhambra (restaurado)	67
Figura 25 - Local atual do extinto Cine Alhambra	67
Figura 26 - Fachada do extinto Cine Rialto	68

Figura 27 - Imagem da fachada do extinto Cine Rialto (restaurado)	70
Figura 28 - Local atual do extinto Cine Rialto	71
Figura 29 - Local atual do extinto Cine Estrela	73
Figura 30 - Fachada do extinto Cine Acapulco	74
Figura 31 - Local atual do extinto Cine Acapulco	75
Figura 32 - Telão do extinto Cine Acapulco ao fundo	76
Figura 33 - Interior do extinto Cine Acapulco	76
Figura 34 - Local atual do extinto Cine Jalisco em duas fases	78
Figura 35 - Denominação do Edifício Lahdo de fachada do extinto Cine Jalisco	78
Figura 36 - Extinto Auto Cine em funcionamento	79
Figura 37 - Imagem do Auto Cine recém-construído	80
Figura 38 - Local atual do extinto Auto Cine - UFMS	81
Figura 39 - Local atual do extinto Cine Nova Campo Grande	82
Figura 40 - Interior do extinto Cine Nova Campo Grande	82
Figura 41 - Bilheteria e local de espera do extinto Cine Plaza	84
Figura 42 - Interior do extinto Cine Plaza - Boate Non Stop (2010)	85
Figura 43 - Fachada do extinto Cine Center	86
Figura 44 - Interior do extinto Cine Center	87
Figura 45 - Fachada atual do extinto Cine Center	88
Figura 46 - Fachada do extinto Cine Haway I	89
Figura 47 - Local onde abrigava os extintos Cines Haway I e II	90
Figura 48 - Primeira sede CineCultura	92
Figura 49 - Última sede do extinto CineCultura	93
Figura 50 - Fachada do extinto Cine Campo Grande	94
Figura 51 - Interior do extinto Cine Campo Grande (A)	95
Figura 52 - Interior do extinto Cine Campo Grande	96
Figura 53 - Fachada atual do extinto Cine Campo Grande	96
Figura 54 - Modelo das salas do Complexo do Cinemark	98
Figura 55 - Espectadores da Sessão Cinematerna no Cinemark	99
Figura 56 - Fachada do Cinépolis	100
Figura 57 - Interior da sala do Cinépolis	100

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1 PATRIMÔNIO CULTURAL, MEMÓRIA, IDENTIDADE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL</b>	<b>16</b>
1.1 IDENTIDADE CULTURAL	18
1.2 PATRIMÔNIO	20
1.3 CULTURA	22
1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: NAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	25
1.5 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, (DES)TERRITORIALIZAÇÃO E (RE)TERRITORIALIZAÇÃO	27
1.6 DESENVOLVIMENTO LOCAL	33
<b>2 ESPAÇOS CINEMATOGRAFICOS EM CAMPO GRANDE - MS</b>	<b>39</b>
2.1 CINE BRASIL	44
2.2 CINE IDEAL	46
2.3 CINE RIO BRANCO	48
2.4 CINE GUARANI/CINE CENTRAL	49
2.5 CINE TEATRO TRIANON	50
2.6 CINE - TEATRO SANTA HELENA	55
2.7 CINE TEATRO ALHAMBRA	59
2.8 CINE RIALTO	68
2.9 CINE ESTRELA	71
2.10 CINE ACAPULCO	73
2.11 CINE JALISCO	77
2.12 AUTOCINE	79
2.13 CINE NOVA CAMPO GRANDE	81
2.14 CINE PLAZA	84

2.15 CINE CENTER	86
2.16 CINE HAWAY I e II	88
2.17 CINECULTURA	90
2.18 CINE CAMPO GRANDE	93
2.19 CINEMARK	97
2.20 CINÉPOLIS	99
<b>3 A PERCEPÇÃO DOS CAMPO-GRANDENSES E FREQUENTADORES DOS CINEMAS EM CAMPO GRANDE-MS</b>	<b>102</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi norteado pela (re)territorialização dos espaços cinematográficos em Campo Grande - MS, objetivando rememorar tempos passados e marcantes na vida dos habitantes campo-grandenses, destacando os fatos que influenciaram no desenvolvimento desses espaços.

Com a implantação dos cinemas e o avanço da tecnologia no mundo, as salas de exibição de filmes ou espaços cinematográficos -“os cinemas”- como são chamados, também se modernizaram. Com o advento da televisão, videocassete, DVD, internet e TV a cabo, muitos cinemas continuam com suas exibições por motivos de lazer e entretenimentos individual e coletivo.

Existem diversas formas de se distinguir o segmento de salas de exibição. Para efeito deste estudo, foi considerado o universo dos agentes de mercado que atuam comercialmente no setor, auferindo lucros, e as ações desenvolvidas por esses agentes. Vale lembrar que existem também cineclubes, clubes e instituições culturais que realizam exibições de filmes não comerciáveis, de modo que esses nichos não foram abordados neste trabalho.

Cinema é um termo muito complexo que envolve produção de filmes, *marketing*, investimento, salas de exibição, tecnologia e frequentadores. É uma verdadeira indústria de sonhos que, na realidade, se parece com uma “máquina” industrial, transformando a arte em bens (culturais, econômicos), para serem consumidos e não somente apreciados.

No decorrer da pesquisa, foi observada a forma como o cinema contribuiu para a cultura, desenvolvimento e a vida social do campo-grandense, e como esse meio de comunicação foi envolvendo a comunidade, exercendo sobre ela um enorme fascínio pelo poder e controle das imagens em movimento as quais retratam a realidade, as opiniões políticas e os comportamentos sociais.

Este estudo foi realizado por meio do método indutivo, considerado um processo intelectual, iniciando-se por dados particulares, suficientemente comprovados, deduzindo uma verdade universal ou geral, ainda não contida até então nas partes examinadas.

Utilizaram-se pesquisas bibliográficas, documentais (primárias e secundárias) de registros históricos etnográficos, análise e interpretação de textos, imagens e músicas, sendo uma pesquisa do tipo exploratória documental, com abordagem qualitativa.

O trabalho contemplou análises dos materiais bibliográficos utilizados para elaborar o referencial teórico, conceitual e metodológico, com o tema abordado, inserindo-se documentos técnico-científicos, estatísticos e fotográficos com relação ao objeto pesquisado.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi o de expor momentos históricos da memória cinematográfica de Campo Grande - MS, abordando o desenvolvimento ocorrido desde a chegada do cinema a Campo Grande aos dias atuais, bem como, as influências que foram marcantes para o desenvolvimento cultural, social e econômico do local.

A partir do objetivo geral, definiram-se os objetivos específicos da pesquisa: levantar e analisar os espaços cinematográficos em Campo Grande - MS e suas transformações até os dias atuais; demonstrar a relevância cultural, econômica e social do cinema e quais as influências na vida do campo-grandense após seu advento; relatar a arte cinematográfica em Campo Grande com o lançamento do primeiro filme realizado na cidade intitulado - Alma do Brasil (1932), que retratou a Guerra do Paraguai<sup>1</sup>.

As entrevistas (Apêndice) juntamente com a história oral dos frequentadores, foram executadas com base no modo qualitativo, pois o interesse não era a quantidade de frequentadores que os cinemas recebiam, mas as lembranças daqueles momentos vivenciados retiradas das memórias. Assim, foram realizadas oito (8) entrevistas, com frequentadores de diferentes idades e gravadas com autorização dos entrevistados, sendo que eles tiveram momentos de recordações do passado vividos a partir das falas evidenciadas.

---

<sup>1</sup> Trata-se do primeiro filme sonORIZADO feito no Estado de Mato Grosso do Sul.



A coleta de informações foi realizada com frequentadores dos extintos e atuais espaços cinematográficos de Campo Grande, por meio de entrevistas tomando como base a história oral, e visitas *in loco*.

Esta pesquisa fornece dados para se compreender e relembrar um momento histórico, vivenciado pela sociedade campo-grandense, em que uma das únicas formas de entretenimento foi o cinema e casas de espetáculos na cidade.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: 1 - Referencial teórico; 2 - Espaços cinematográficos em Campo Grande - MS; 3 - A percepção dos campo-grandenses e frequentadores dos cinemas em Campo Grande - MS, e Considerações finais.

## **1 PATRIMÔNIO CULTURAL, MEMÓRIA, IDENTIDADE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Neste capítulo, são expostos alguns conceitos fundamentais para o entendimento da temática, englobando identidade cultural, território, (des)territorialização, (re)territorialização e o desenvolvimento local, relacionados com os espaços cinematográficos de Campo Grande-MS.

As salas de exibição que se conhecem atualmente são bem diferentes das do passado. As exibições cinematográficas no mundo tiveram início em 1891, com o cinetoscópio<sup>2</sup> inventado por Thomas Edison (o mesmo inventor da luz elétrica). Esse aparelho tinha uma limitação, somente uma pessoa por vez poderia ter acesso à máquina que reproduzia imagem, por uma pequena abertura no interior da caixa e o valor para essa apreciação era muito elevado para os usuários da época (ARAÚJO, 1995).

Tornava-se, portanto, necessário criar outra opção em que pudesse ser projetada a imagem para uma quantidade maior de pessoas. Assim, em 28 de dezembro de 1895, em Paris, houve a primeira exibição pública, utilizando-se uma máquina chamada cinematógrafo<sup>3</sup> inventada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière (BERNARDET, 2000).

No Brasil em 1975, existiam 3.300 salas de cinemas, mantendo-se nessa quantitativa faixa por aproximadamente cinco anos, mas houve uma queda brusca, cujo declínio atingiu 50% dessas salas de cinema causada pelo aparecimento da TV (ANCINE, 2012).

---

<sup>2</sup> Aparelho precursor do cinematógrafo, inventado por Thomas Edison, em que as fotografias da película, em lugar de projetadas, são examinadas por intermédio de uma lente apropriada. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/cinetoscopio>>. Acesso em: 23 maio 2012.

<sup>3</sup> Cinematógrafo - Aparelho fotográfico que possibilita a projeção de imagens ou cenas animadas numa tela. (Dicionário da Língua Portuguesa de Soares Amora, 2001, p. 146). Ainda hoje essa máquina é utilizada.

O setor de exibição de filmes no Brasil encontra-se atualmente em expansão, (após um declínio em 1980) em razão de os espaços cinematográfico com entrada do capital estrangeiro, estimularem o aumento do número de salas de exibição em todo o território brasileiro.

Segundo pesquisa realizada pela ANCINE (2012), o público frequentador de cinema no Brasil em 2001, ficou em torno de 75 milhões de espectadores. Em 2011, já atingia 141, 7 milhões, continuando com uma demanda consideravelmente elevada. Quanto à renda de ingressos vendidos entre 2002 e 2011, passaram de R\$ 529.558.406 para R\$ 1.437.801.236, demonstrando um aumento tanto de público quanto de renda.

No estado de Mato Grosso do Sul, as salas de exibição já foram muitas, existindo registro de salas de exibição nas cidades de Bonito, Dourados, Guia Lopes da Laguna, Nova Andradina, entre outros municípios (PINHEIRO; FISCHER, 2008). Em 2007, existiam apenas quatro municípios do estado com salas de exibição cinematográfica: Campo Grande (12 salas), Corumbá (1 sala) Dourados (6 salas), e Três Lagoas (1 sala), totalizando 20 salas em todo o estado (ANCINE, 2012). Em Campo Grande, esse número aumentou para 26 salas, com o futuro Cinema da Rede *United Cinemas International* (UCI), no novo Shopping Bosque dos Ipês, com inauguração em 15/08/2013.

Entre 1910 e 1940, houve o surgimento do primeiro espaço para exibição cinematográfica em Campo Grande. A população da cidade nesse período era de 31.708 habitantes (BITTAR; DANTE FILHO, 2004).

Este primeiro espaço cinematográfico chegou em 1910, por meio de um italiano chamado Rafael Orrico, vindo da cidade de Aquidauana, trazendo uma máquina que fazia projeção de imagem (cinetoscópio). Esse italiano hospedou-se no Hotel Democrata, onde fez a primeira exibição para os moradores da região (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Os grandes complexos de exibição de olho no mercado financeiro, na renda movimentada e no aumento da demanda pelos locais de exibição de filmes no Brasil, vêm prosperando e implantando um novo modelo na organização das salas, ocorrendo com isso mudanças nos hábitos de consumo dos espectadores com a modernização tecnológica (OCA, 2013).

As salas de exibição de pequeno porte, então conhecidas como cinemas de rua, por estarem localizadas no centro das cidades e em bairros, acabaram extintas, por esses complexos que passaram a se concentrar em *shopping center*; um exemplo desses cinemas, foi o Cine Campo Grande que não resistiu e fechou as portas em 2012.

## 1.1 IDENTIDADE CULTURAL

Este trabalho busca uma relação entre identidade cultural e cinema. Pelo viés do cinema como atividade cultural, destacam-se as relações sociais mantidas entre seus frequentadores, representando dia a dia suas emoções, problemas e sonhos, portanto, o cinema fez e faz parte de uma representação cultural, ficando impraticável afirmar que ele não interfere na construção da identidade da população.

De acordo com Hall (1997), a identidade está em constante mutação, pois as necessidades internas de um grupo sempre se transformam, e o discurso sobre identidade sempre se atualiza. Dessa forma, identificou-se que com as mudanças culturais, o cinema também foi se modificando ao longo do tempo e o mesmo ocorreu em Campo Grande, com apresentações esparsas que gradativamente foram sendo implantadas via salas de exibição.

No que diz respeito aos indivíduos e comunidade, no âmbito da identidade cultural, pode-se enfatizar o pensamento de Castells (1999, p. 22), ressaltando que a identidade é um processo de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) só prevalece(m) sobre as outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver múltiplas identidades. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Leite (2003, p. 7; 89-90) enfatiza que “a cultura de mídia da sétima arte induz a comunidade a conformar-se com a organização vigente em contrapartida, também lhe oferece meios de fortalecer uma oposição da sociedade a esta mesma mídia”. O cinema é uma fonte de recursos para compreensão da sociedade, e um instrumento de transmissão de ideias, valores e diferentes visões do mundo,

construindo ou destruindo contextos, pois tem o poder de transformar lendas em fatos reais.

Dessa forma, a identidade cultural de uma comunidade se determina, por meio de manifestações culturais, que exprimem seus sentimentos comuns, expondo suas particularidades (GUIMARÃES, 2004). Criaram-se também na localidade manifestações culturais próprias, ocasião em que as pessoas iam aos espetáculos cinematográficos individual ou coletivamente para satisfazer suas necessidades de lazer, tornando-se para muitos um hábito semanal proporcionando encontros, diálogos e até debates sobre as temáticas dos filmes.

Rossini (2005, p. 96) conceitua identidade como um termo ligado diretamente às representações verbais e não-verbais, uma definição de um grupo sobre si mesmo e sua trajetória, social, cultural e histórica, ressaltando suas diferenças sobre o outro. No entanto, para Hall (2005, p. 50), a identidade cultural juntamente com a cultura nacional é um modo de construir um sentido de influenciar e organizar tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Na visão de Bauman (2005, p. 17),

[...] tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma nos caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'.

Pode-se assinalar mais uma vez que o pertencimento e a identidade não são imutáveis com o passar do tempo. Atualmente, vive-se uma crise de identidade. Infere-se que o tempo de hoje é líquido, instável e quando se aborda uma "crise de identidade" pode-se entender o indivíduo que anteriormente tinha sua identidade unificada e estável, ocasião em que esta se torna cada vez mais dividida, e em alguns casos contraditórios e mal interpretada (HALL, 2005).

Bauman (2005) compara as relações sociais modificadas do passado com as relações sociais modernas, como tempo líquido da modernidade, "laços sociais fracos que se desfazem facilmente e se constroem com a mesma facilidade, sendo substituídas rapidamente pelas novidades", portanto, quando o autor afirma a

existência atual do tempo líquido-moderno, remete-nos ao tempo atual vivido com as novidades tecnológicas predominantes, interferindo-se nas relações sociais.

A identidade de uma sociedade é construída, ao longo de um determinado período e sobre si mesma, por aquilo que ela demonstra de si, sua história, seus mitos e seus heróis. Um grupo social passa por transformações necessárias com o tempo, e com isso, a maneira de representar sua identidade sofre modificações, permitindo a um grupo se reconhecer como tal (SILVA; ONOFRE, 2008).

“O cinema é uma evolução da fotografia, mas em movimento, e foi a partir do cinema que o mundo conheceu o mundo” (PINHEIRO; FISCHER, 2010, p. 263). Os filmes brasileiros em sua maioria retratam a realidade vivida no Brasil, portanto, mesmo na ficção verificam-se alguns comportamentos típicos da identidade cultural e da cultura brasileira. Sendo assim, Laraia (2011) reforça que o homem é o único de sua espécie a possuir cultura, por ter a capacidade de criação de instrumentos para usufruir sua vida da melhor forma possível e por ter a possibilidade da comunicação oral.

Assim, o cinema no passado e o atualmente auxilia o indivíduo e a sua socialização na comunidade. Influencia também na situação conhecida como “crise de identidade”, pois retrata momentos vividos pela sociedade na forma artística de seus filmes, podendo criar um atrito da realidade com o imaginário.

O tipo de cultura de mídia analisada nesta pesquisa está diretamente ligado à sétima arte, pois fornece um amplo material de filmes, construindo um modelo de classe social, etnia e raça, nacionalidade, sexualidade, muitas vezes condizente com a realidade vivida, definindo o que é bom ou ruim, certo ou errado. Contudo, as identidades, os sentimentos e valores culturais são transmitidos, construídos e reconstruídos a todo o momento pelos grupos sociais.

## 1.2 PATRIMÔNIO

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007) o patrimônio cultural divide-se em dois tipos: patrimônio material e imaterial. O patrimônio material é considerado um conjunto de bens culturais registrados nos

Livros do Tombo que são quatro: a) Arqueológico, paisagístico e etnográfico; b) Histórico; c) Belas Artes; e d) das Artes Aplicadas. Nesses estão registrados os bens imóveis como os edificadados urbanos, paisagísticos e bens individuais; e móveis como acervos museológicos, documentais, bibliográficos, fotográficos e cinematográficos.

Porém, Castilho e Santos (2012, p.28-29) conceituam patrimônio material e imaterial como patrimônio material: um bem familiar (herdado), um bem cultural de uma comunidade, dentre outros; e o patrimônio imaterial como um costume cultural, ensinamentos e lições herdadas por familiares como os nossos antepassados e, sua origem vem do latim “*patrimonium*, que denomina tudo que pertencia ao pai”. Com o passar do tempo, o termo foi inserido no meio jurídico e passou a ser citado como direito de propriedade e, até os dias de hoje, utiliza-se o termo patrimônio como uma propriedade individual ou pública (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 11).

Conforme Funari e Pelegrini (2009, p. 8-9): “o patrimônio material e o imaterial podem pertencer a um indivíduo ou a uma coletividade”. Desse modo, entende-se que patrimônio individual depende somente do indivíduo, pois somente ele poderá dar o devido valor ao patrimônio recebido. Há também o patrimônio da coletividade, pertencente a uma comunidade, cidade ou país. Não depende do interesse individual, porém do interesse de uma coletividade que se torna um patrimônio.

As coletividades mencionadas anteriormente podem ser constituídas por grupos diversos, nem sempre com os mesmos interesses e em constantes transformações. Como os valores sociais mudam com o tempo, a coletividade pode aceitar que um prédio se torne um patrimônio público e com o passar dos anos, não entender a razão daquele bem ter sido considerado um dia um patrimônio (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

Mesmo com a implantação de leis voltadas especificamente para a preservação do patrimônio histórico do Brasil, as quais representam um avanço para manter viva a memória social, nem toda a população brasileira pode se identificar nos monumentos e artes reconhecidos como patrimônio cultural. Um dos motivos da não identificação com o bem reconhecido seria a forma do reconhecimento do patrimônio resultante do poder público.

De acordo com (CASTILHO; SANTOS, 2012, p. 28): “o patrimônio cultural, é conceituado como um conjunto de realizações construídas ao longo do tempo, por ser um produto coletivo pertencente à comunidade”. Levando-se em conta a multidiversidade cultural no Brasil, não se compõem patrimônio cultural apenas bens materiais (praças, construções edificadas), mas juntamente os bens imateriais, considerados como cultura viva, diversificada e transformada constantemente.

### 1.3 CULTURA

Não existe uma definição exata de cultura, pois, cultura pode ser conceituada de diversas maneiras, podendo-se verificar que a cultura trazida pelo cinema para a sociedade campo-grandense influenciou muito na vida de seus moradores, visto que, o cinema fez com que pessoas que não tinham oportunidade de viajar e sair da cidade pudessem conhecer locais, costumes, paisagens, e propriamente a cultura de outro povo, mesmo que de forma fictícia, mas sempre fazendo uma relação com o momento atual.

Na concepção de Lévi-Strauss (1950, p. 19):

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. Primeiramente em um destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros.

Nessa mesma linha de pensamento, Johnson (1997, p. 59) associa cultura como um conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, podendo ser uma comunidade, uma sociedade ou uma família. Dessa forma, os cinemas com a exibição de filmes que serviram tanto para diversão como para fins educativos, disseminaram a cultura e a ciência.

A cultura expressa pelos cinemas junto às exibições de filmes, e durante esses encontros da população nos espaços de exibição, tinha como fins: o divertimento e entretenimento, disseminando cultura e aprendizado, e muitos



cineastas utilizaram-se desses espaços para expor aspectos da realidade social, pensamentos ligados à política, entre outros costumes, não condizentes para uma parte da sociedade.

Sob a ótica de Hall (2003, p. 133), a cultura ao longo do tempo é conceituada como algo que se relaciona com todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, podem ser uma forma comum da atividade humana, mediante as quais homens e mulheres fazem a história.

Na concepção de Reale (2005, p. 2):

A cultura pressupõe, em cada um de nós, um longo e continuado processo de seleção ou de filtragem de conhecimentos e experiência, do qual resulta, por assim dizer, um complexo de ideias e de símbolos que passa a fazer parte integrante de nossa própria personalidade.

Esse processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. Portanto, a cultura do indivíduo estará constantemente em transformação de acordo com o processo em que estiver passando.

Na concepção de Ávila (2006, p. 15), cultura é composta por símbolos, ideias e produtos materiais acumulados e associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. A cultura torna-se uma forma transmissora da memória de uma sociedade, por meio de seus instrumentos reproduzidos e conservados ao longo da história.

Para Gertz (2008), o homem é um animal inacabado e incompleto, que se completa por meio da cultura, não da cultura em geral, mas das formas altamente particulares de cultura, que podem ser modificadas e transformadas conforme a criação e a educação de cada indivíduo. Ao nascerem, os seres são capazes de ter diversas formas e modelos de cultura, mas o que determina é o aprendizado e o comprometimento do indivíduo com o local vivido.

Para Edward Tylor (1832 - 1917 *apud* LARAIA, 2011, p. 30), “a cultura no amplo sentido etnográfico é este complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Com esse pensamento, destaca-se que a cultura não é transmitida por meios biológicos e sim sociológicos.

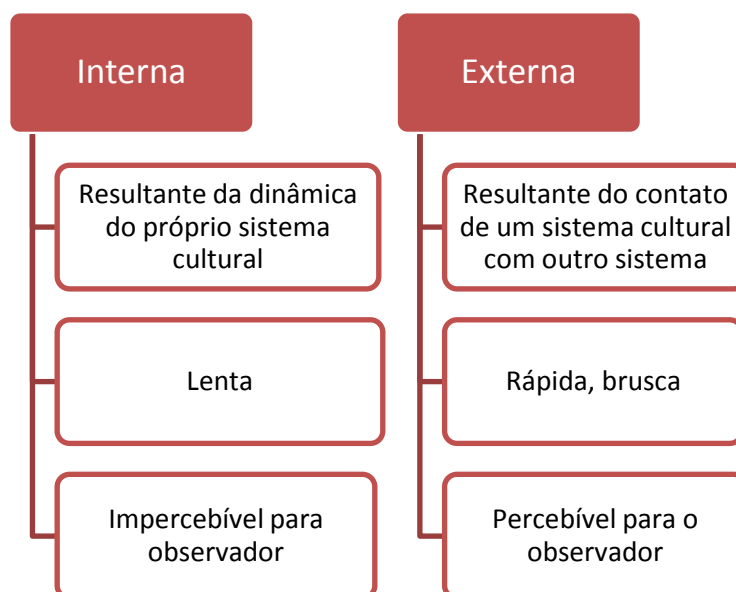
Laraia (2011) enfatiza que o comportamento do indivíduo depende do processo de aprendizagem, chamado de endoculturação, assim, um menino e uma menina agem diferentes não em decorrência dos hormônios e nem do determinismo geográfico de cada um, mas pela educação diferenciada que receberam.

A cultura de uma comunidade em frequentar cinema e se interessar em assistir a um filme pode tornar-se um processo cultural, como por exemplo, um pai que leva seu filho ao cinema poderá interferir no seu desenvolvimento cultural, e essa criança poderá vir a se tornar um jovem apreciador da arte cinematográfica.

Na concepção de Laraia (2011), a herança cultural é transmitida no modo como o indivíduo vê o mundo, seu comportamento social e até mesmo suas posturas corporais.

Laraia (2011, p. 96) afirma ainda que existem dois modelos de mudança cultural, conforme visualizados a seguir na Figura 1.

**Figura 1-** Modelos de mudança cultural



As manifestações culturais e espaços culturais de um local interferem na formação de identidade e na comunidade por meio de três segmentos: afeto, espaço e circunstâncias (NOLASCO, 2011, p. 135). O afeto está diretamente relacionado aos sentimentos e emoções vividos que podem ser considerados nas circunstâncias experienciadas no período. Dessa forma, pode-se ressaltar que cada indivíduo no

interior de sua comunidade traz consigo uma bagagem cultural que serve como referência.

O termo cultura é muito complexo e extenso, podendo ser constituído por meio de normas, símbolos, mitos e imagens, e o homem é o único de sua espécie capaz de desenvolvê-la e esta é repassada de geração a geração por meio de um processo construtivo.

#### 1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: NAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Para o presente estudo, torna-se imprescindível relacionar memória e história oral no contexto social, pois todo indivíduo possui diversas relações existentes com sua cidade, e parte das imagens e lugares está impregnada na memória da sua vida. No entanto, muitas vezes, memória e história se confundem, pois a memória é vista por meio da história oral.

No pressuposto de Rodrigues (1969 *apud* MARTINS FILHO, 2006), o termo história tem origem na palavra grega *istoria*, que significa ao mesmo tempo “o que sucedeu” e o “conhecimento do sucedido”. Na concepção de Robert Schafer (1980 *apud* MARTINS FILHO, 2006), existem três significados para o termo história, a saber:

- 1º - Eventos ocorridos no passado, podendo ser distantes ou recentes;
- 2º - Registros dos acontecimentos ocorridos;
- 3º - Disciplina a ser estudada.

A história de cada cinema de Campo Grande - MS foi reconstruída por meio da memória, documentos e fotos via sentimento coletivo e não individual, uma vez que o passado influencia o presente e o futuro. Atualmente, a sociedade valoriza muito o novo, o passageiro, o efêmero, existindo, pois, uma necessidade de se recuperar algumas lembranças, para o conhecimento e conseqüentemente uma preservação do patrimônio cultural.

Na concepção de Nora (1993, p. 9), memória é:

O sentimento vivo, carregada pelos indivíduos como um elo vivido no eterno presente, é mágica e afetiva, se alimenta de lembranças vagas, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transformações, guardada no íntimo do indivíduo, porém, a história a liberta, tornando conhecido o fato, é uma reconstrução de algo já não mais existente e incompleto, uma reconstrução do passado, uma operação intelectual.

Nessa relação entre memória e história, Nora (1993, p. 24) enfatiza “que memória contada juntamente com a história escrita tenha mais veracidade aos fatos ocorridos no passado”. Dessa forma, a pesquisadora utilizou-se da história na forma de fontes bibliográficas, e a memória no sentido da lembrança, com o auxílio da história oral dos frequentadores, por meio de narrativas, pois ao lado da história escrita, a memória pode ajudar na reconstrução mais detalhada do passado. É relevante enfatizar que a história oral tem um suporte nas lembranças, evidenciando assim uma memória coletiva.

Bosi (1994, p. 55) preconiza que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar as imagens de hoje, com as experiências do passado”. Considerando essa linha de pensamento, Corrêa (1996) recomenda que a história oral deva ser utilizada como um complemento, ou cobrindo determinadas lacunas existentes por ausência de fontes bibliográficas disponíveis, para que se tenha mais credibilidade na pesquisa realizada.

Haguet (2001, p. 85) conceitua história oral como “uma técnica de coleta de dados baseada em depoimento oral gravado, entre o pesquisador e a testemunha do acontecimento, para a compreensão de uma sociedade”, tendo como finalidade preencher as lacunas de documentos escritos existentes.

Dessa forma, Bosi (2002) enfatiza que o indivíduo recebe do passado não só dados da história escrita, mas é influenciado por suas raízes que são parte de sua socialização e cultura, sendo assim, a história escrita e a memória estão sempre próximas uma da outra, mas não podem ser consideradas sinônimo.

A história oral passou por um período de descrédito e resistência por inúmeros historiadores, sendo atualmente ainda um objeto de controvérsias no meio acadêmico, mas de muita utilização quando o material referencial teórico disponível é insuficiente, fazendo-se necessário o uso da história oral. Martins Filho (2006) ressalta que a utilização dos frequentadores dos cinemas de Campo Grande foi

muito útil ao se recorrer à história oral, com o intuito de registrar os depoimentos dessas pessoas que participaram, testemunharam, ou ouviram falar de alguma forma de acontecimentos do passado.

No entanto, “a história vem utilizando uma nova fonte, chamada de iconografia, imagens, fotos, ilustrações, entre outros ícones de registros históricos, que são utilizados para dialogar com referenciais teóricos, dando um melhor entendimento e visualização ao leitor”, permitindo assim uma reflexão do passado com as características impressas nas imagens, demonstradas no decorrer de um trabalho (PAIVA, 2006, p. 17).

A memória coletiva tem como base “sua intensidade e duração, por conjuntos de pessoas, esses indivíduos ao se recordarem do passado, enquanto integrantes do grupo, de forma que apoiados uns nos outros”, não aparecendo da mesma forma na memória individual, essa tem sua intensidade e duração separadamente, conforme seu indivíduo (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A memória individual ou coletiva de uma comunidade é importante para destacar fatos históricos ocorridos, verificando suas autenticidades e créditos, tanto como as imagens têm sua importância em demonstrar um passado em meio às narrativas e testemunhos vividos, de determinado período.

## 1.5 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, (DES)TERRITORIALIZAÇÃO E (RE)TERRITORIALIZAÇÃO

As leituras para esta pesquisadora fortaleceram a visão de que território é parte de um espaço geográfico com transformações ocorridas pela comunidade; a territorialidade se dá conforme a construção dessa relação entre o espaço e seus respectivos agentes da sociedade: a (des)territorialização e, a (re)territorialização se dão em consequência das mudanças ocorridas nesses territórios vividos.

Segundo Tuan (1993, p. 60), a “cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto, nos ofendemos se um estranho a critica”. Percebe-se que o maior sentimento dedicado pela cidade e sua história é das pessoas mais vividas e naturais de Campo Grande-MS.

Os indivíduos precisam do seu território, do seu espaço para que possam criar vínculos e ligações. Dessa forma, os espaços das salas de exibição, ou melhor, o cinema, pode ser considerado um desses territórios, para a criação de relações sociais e culturais da comunidade campo-grandense.

Raffestin (1993, p. 143-144) lembra ainda a importância de analisar “o espaço como sendo anterior ao território, pois o território se forma a partir do espaço”. Os termos espaço e território para o autor não são sinônimos, o território se apoia no espaço, mas não pode ser considerado território. Entretanto, Santos e Silveira (2002) utilizam o termo território como um sinônimo de espaço geográfico, o qual é resultado da relação de espaço material e das relações sociais, reproduzindo território com base nas relações de poder.

Haesbaert (2011, p. 40,43) afirma que a palavra “território vem do latim *territorium*, que significa pedaço de terra apropriado”. O vocábulo latino *terra* é fundamental para se entender o significado da palavra território, pois menciona uma ligação com a terra, como um fragmento do espaço onde se constroem relações materialistas e elos sociais na comunidade. O autor complementa que território pode ser dividido em quatro segmentos:

- Território político (relação de poder);
- Território cultural ou simbólico (apropriação de um grupo em relação ao espaço vivido);
- Território econômico (fonte de recursos/espaço de trabalho);
- Território natural (relação da sociedade e natureza).

O território ultrapassa o ambiente natural e a comunidade, e quando apropriado pela comunidade tem outro sentido, o da territorialização, portanto, o território vivido com a apropriação e evolução cultural da comunidade local modifica o espaço (BRAND, 2001; GONÇALVES, 2002).

Nesse enfoque, Haesbaert (2011, p. 17) conceitua o termo território como:

Território, [...] focado numa perspectiva geográfica, intrinsecamente integradora, que vê a territorialização como um processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Cada um de nós necessita, como um ‘recurso’ básico, territorializar-se.

Um dos aspectos mais importantes para se perceber e compreender o sentimento de pertença é relativo ao passado histórico, uma vez que esse é um fator relevante nos sentimentos de amor e afeto atribuídos ao lugar. Dessa forma, Tuan (1993, p. 158) conceitua esse sentimento como “um sentimento profundo criado pelo território vivido, que ocorrido pelos acontecimentos simples se transforma ao longo do tempo”.

O território da sala de exibição de filmes pode criar situações acidentais ou intencionadas de acordo com o enredo dos filmes e dos telespectadores que vivenciam o momento, podendo até vir a interferir na vida desses indivíduos.

A territorialidade nasce de uma rede de relações sociais que usa o território com a finalidade do bem-comum. Segundo Raffestin (1993), a territorialidade não é constituída somente por relações de território concreto, mas por territórios com relações abstratas. É um conjunto de relações mantidas pelas pessoas, pertencentes a uma sociedade. O autor considera território como resultado das modificações ocorridas após a apropriação concreta ou abstrata do indivíduo ou comunidade num determinado espaço.

Raffestin (1993, p. 160) salienta que a territorialidade é como a multidimensionalidade do território vivido pela comunidade, em geral de forma dinâmica, exemplifica como um “sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo”. Território é o espaço onde ocorre determinada ação desenvolvida pelo indivíduo, ocorrendo assim a territorialidade. É preciso que haja uma relação do indivíduo com o espaço, uma relação de reciprocidade ou até mesmo de distanciamento, uma procura simultânea entre os múltiplos tempos e espaços.

Na concepção de Sack (1986), territorialidade é uma forma de os agentes ou comunidade influenciarem pessoas, por meio de relacionamentos, delimitação e controle sobre uma determinada área geográfica.

Na visão de Lastres e Cassiolato (2004, p. 25):

A territorialidade refere-se às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas- uma localidade, uma região ou um país - e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território. A territorialidade reflete o vivido territorial, em toda a sua abrangência e em suas múltiplas dimensões: cultural, política, econômica e social.

Assim, entende-se que, com as modificações e transformações ocorridas no espaço, proporcionadas pelos agentes e/ou comunidade, nasce o território e, com isso, a territorialidade, juntamente com o sentimento de pertencimento com o local vivido pela comunidade. O sentimento de pertencimento do indivíduo por um determinado local é uma característica própria, sendo inerente ao homem, o qual necessita de um lugar onde possa se identificar, habitar e juntamente com a comunidade local construir sua identidade.

Ao se abordar a questão da (des)territorialização, tem-se de ter em mente que esse processo de (des)territorialização é procedido de uma (re) territorialização, seja ela na dimensão econômica, política ou cultural. Não se pode analisar apenas como uma destruição, descontinuação, pela exclusão social ou territorial de determinada comunidade.

Os espaços cinematográficos de Campo Grande podem ser vistos como um espaço cultural (des)territorializado, de acordo com dois dos autores mais referendados e que discorrem acerca do termo (des)territorialização, Deleuze e Guattari (1988 *apud* HAESBAERT, 2011) preconizam o conceito de (des)territorialização como uma crescente mobilidade e circulação de pessoas, bens ou informação. Enquanto para Haesbaert a (des)territorialização denomina-se multiterritorialidade.

Deleuze e Guattari (1988 *apud* HAESBAERT, 2011) defendem o processo de (des)territorialização como um processo implícito e iminente ao processo de (re)territorialização. Dentro desse enfoque, entende-se que a (des)territorialização é o movimento pelo qual o indivíduo ou comunidade abandona o território, e a (re)territorialização se torna o movimento de reconstrução do território.

Na concepção de Ianni (1995, p. 93), (des) territorialização aplica-se além dos mercados monetários, mas também em grupos étnicos, movimentos políticos, territórios sociais, que atuam crescentemente aos novos modelos das identidades territoriais. Esses se mantêm territorializados, perdem seu significado e aspecto original, tornando-se outro, prevalecendo assim o espaço e o tempo.

A função de (des)territorialização: D é o movimento pelo qual abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma (re)territorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é a



negativa. Qualquer coisa pode fazer às vezes da (re)territorialização, isto é, vale-se pelo território perdido; com efeito, a (re)territorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um aparelho [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 224).

No aporte de Fernandes (2008, p. 5), “(des)territorialização é considerada um rompimento do controle do indivíduo ou comunidade sobre seu território”. No caso do cinema, a comunidade perde seu território, respectivo espaço simbólico, utilizado como um local de socialização e entretenimento de toda a comunidade campo-grandense.

Diversos autores conceituaram (des)territorialização. Um dos pioneiros foi o conceito dado pelos filósofos Deleuze e Guattari (1988 *apud* HAESBAERT, 2011, p. 99):

Construímos um conceito de que gosto muito, o de (des) territorialização [...], precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vector de saída do território, e não há saída de território, ou seja, (des)territorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se (re)territorializar em outra parte.

O indivíduo pratica a (des)territorialização com o simples ato de pensar, Deleuze e Guattari (1988 *apud* HAESBAERT, 2011) relatam que existe a criação de algo novo e consequentemente é necessário romper com o território já existente, criando outro. O autor ressalta que todo tipo de (des)territorialização é acompanhado por uma (re)territorialização.

Para Haesbaert (2011), a (des)territorialização é interpretada conforme o segmento de território, não podendo ser vista apenas como o deslocamento físico de grupos sociais. No segmento de território cultural, um dos fatores que evidencia a (des)territorialização é a crescente mobilidade das pessoas.

Esse processo pode ocorrer de forma voluntária ou forçada, de perda do território, de quebra de controle das territorialidades individuais ou coletivas. Pode-se verificar que os espaços cinematográficos de Campo Grande (des)territorializados, foram processo de perda de territórios econômico e simbólico.

A (re)territorialização é uma consequência da (des)territorialização, ou seja, não ocorre uma (re)territorialização sem que ocorra a (des)territorialização. A

(des)territorialização é o término de um processo, encerramento, fim, pode-se dizer de um território. Entretanto, a (re)territorialização é a criação do novo, em substituição ao outro, de forma mais tranquila e rápida, principalmente, quando a comunidade e os indivíduos têm maior capacidade de adaptação e resiliência.

De acordo com Oliveira (2011), a (re)territorialização é caracterizada por um processo nem sempre bem sucedido, pois o indivíduo ou comunidade precisa se adaptar ao novo território, tornando-se um agente deste, criando-se novos vínculos em substituição aos perdidos.

Haesbaert (1999, p. 135; 2011, p. 131) destaca que “nunca nos (des)territorializamos sozinhos, mas pelo menos de dois em dois e, principalmente, toda (des)territorialização é acompanhada de uma (re)territorialização”. Esse processo de (re)territorialização torna-se fundamental como fonte de recursos para a sociedade manter viva a memória de seus antepassados.

Raffesttin (1993) e Chelloti (2010) mencionam que os processos geográficos de territorialização-(des)territorialização-(re)territorialização são determinados pela criação dos territórios; a (des)territorialização representa a destruição da territorialização, mesmo que temporária e sua recriação torna-se uma (re)territorialização. Não existe uma (des)territorialização sem que antes ocorra uma (re)territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997 *apud* HAESBAERT, 2011).

Segundo Haesbaert (1997, p. 94), “as relações sociais, não podem ser vistas somente como destruidora de território, ocorrendo uma combinação mais articulada das relações, essa pode ser base para um processo de (re)territorialização”, ou seja, de formação de novos territórios.

A (re)territorialização configura-se com a criação de novos espaços, reconfigurados, com o objetivo de reconstrução dos laços e sentimento de pertencer ao território, os quais foram destituídos com a (des)territorialização, isto é, reconstruindo as relações sociais, culturais, valorizando e preservando esse novo local.

Sob esse enfoque, pode-se verificar que os espaços de exibição cinematográficos de Campo Grande foram (re)territorializados em sua maioria, não para o mesmo fim, o da exibição, mas a comunidade tem em alguns desses espaços locais de encontro, um exemplo: os extintos Cinemas Santa Helena e Rialto que,

respectivamente, nos espaços há hoje um *shopping center* (Pátio Central) e uma igreja (Seicho-no-ie).

## 1.6 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Percebe-se que Desenvolvimento Local é um termo muito abrangente e engloba não apenas o desenvolvimento econômico, pois, o crescimento econômico isoladamente não garante o desenvolvimento local, e sim a soma dos valores sociais e culturais de uma comunidade. O desenvolvimento local, mesmo considerado primeiramente como desenvolvimento econômico, deve ser utilizado para transformar a vida social, cultural e política de um determinado local.

Ávila *et al.* (2000, p. 68) conceitua Desenvolvimento Local:

[...] o desenvolvimento local consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma 'comunidade definida' (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a 'metabolização' comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.

No entanto, para que haja o desenvolvimento é necessário um esforço dos agentes e de instituições sociais em todo o mundo e não é somente responsabilidade dos governantes, porém, uma preocupação das coletividades sociais, administrações local e regional (MARQUES *et al.*, 2001).

Assim, estabelece-se que o desenvolvimento local está diretamente ligado com o nível cultural da sociedade. Dessa maneira, o conceito de cultura tem uma primordial importância nessa conexão (ÁVILA, 2005, p. 14). Nesse contexto, os locais dos cinemas eram lugares de encontros de uma sociedade de uma determinada época praticamente unânime em que a comunidade local se relacionava, influenciando demasiadamente nos processos intelectual e cultural como um todo.

Na concepção de Knopp e Vieira (2007, p.61), desenvolvimento não é o mesmo que crescimento econômico, pois o crescimento econômico não garante o desenvolvimento humano, mas consiste na melhoria das condições de vida, na ampliação do horizonte de possibilidades e no enriquecimento cultural da comunidade local.

Santos (2011, p. 14) ressalta que “o desenvolvimento local só ocorre quando na prática se vê o referido ditado pensar globalmente e agir localmente”, podemos destacar, aqui neste ponto, os Irmãos Lahdo, fundadores de dois cinemas (Cine Acapulco e Cine Jalisco) em Campo Grande, e os primeiros produtores de um filme produzido com equipe totalmente da cidade, o que para a época foi um desenvolvimento cinematográfico cultural local.

As salas de exibição de filmes em Campo Grande foram relevantes, para o desenvolvimento local da cidade e da comunidade como um todo, visto que cada cinema existente em Campo Grande valorizou e restaurou uma determinada região da cidade, reforçando os laços culturais da sociedade campo-grandense em uma época. O desenvolvimento ocorrido pela modernização das novas salas de exibição com o passar dos anos, trouxe consigo um público diferenciado e elitizado, principalmente, com o aumento dos valores dos ingressos e localização em ilhas de consumo, como são chamados os *Shopping Centers*.

As manifestações culturais que exprimem a identidade de um povo podem servir também como uma forma de progresso para o desenvolvimento humano e social de uma comunidade (KNOPP; VIEIRA, 2007). Dessa maneira, os espaços de exibição de filmes de Campo Grande influenciaram nesse sentido o desenvolvimento cultural, social e até mesmo econômico.

A quantidade de salas de exibição no Brasil, no estado e em Campo Grande, encontra-se em crescimento (Tabela 1), devido aos investimentos de empresas estrangeiras no ramo de exibição cinematográfica.

**Tabela 1** - Quantidade de salas de exibição

Localidade	2007	2009	2012
Nacional	2.160	1.778	2.352
Estado de MS	20	17	23
Campo Grande	12	11	18

**Fonte:** ANCINE (Junho/2012).

No Estado de Mato Grosso do Sul, as salas de exibição reconhecidas e autorizadas pela Agência Nacional de Cinema - ANCINE são: Campo Grande (9 salas - Cinemark/ Rede Bourbon); (2 salas - Cine Campo Grande/ Rede Araújo); (1 sala - Cine Center); Dourados (3 salas - Cine-*Shopping* Avenida Center) (3 salas - Cine Ouro Branco); Corumbá (1 sala - Cine Corumbá); Três Lagoas (1 sala - Cine Três Lagoas) (ANCINE, 2012).

No último levantamento realizado pela ANCINE e pelo IBGE, ocorrido em 2012, foram reconhecidas salas em Campo Grande (9 salas - Cinemark/ Rede Bourbon), (2 salas - Cine Campo Grande/Rede Araújo), (7 salas - Cinépolis Norte Sul Plaza/Rede Cinépolis), em Dourados (3 salas - Cine *Shopping* Avenida Center/Rede Araújo), em Naviraí (1 sala - Cine Oriente/ Rede Independente), em Três Lagoas (1 sala - Cine Três Lagoas/Rede (Fox Cine) Chainça.

De acordo com o estudo e levantamento feito pela ANCINE (2012), verifica-se que apenas 7% dos municípios brasileiros possuem salas de exibição. O baixo número pode ter relação com os fatores econômicos dos municípios, localização, que inviabilizam a construção e manutenção das salas. Foi possível verificar (Figura 2) que as grandes concentrações de salas de exibição no Brasil estão nas regiões Sul e Sudeste.

**Figura 2-** Localização de salas de exibição no Brasil - 2010



**Fonte:** IBGE (Censo 2010); Sistema de Registro - ANCINE (2013).

A cidade de Balneário Camboriú (SC) é a cidade com maior número de ingressos vendidos per capita do Brasil, o local é destino de férias, mas possui 108 mil habitantes regulares, e a frequência média das salas de cinema foi de 4 ingressos por habitante em 2010 (ANCINE, 2012).

De acordo com Almeida (2003, p. 59), os índices com relação à frequência de brasileiros nos cinemas são considerados baixos comparados com Estados Unidos da América do Norte. Nos EUA, cada habitante vai ao cinema pelo menos cinco vezes ao ano, no Brasil, isso é bem diferente, onde cada habitante atinge aproximadamente “meia” vez por ano, (ou seja, 0,4.).

Na Figura 2 pode-se destacar o pequeno número de salas de exibição de filmes nas regiões Norte e Nordeste, a concentração das salas basicamente está na região das capitais dos estados. Um dos fatores está ligado às dificuldades da aquisição das cópias dos filmes (distribuído em rolos de 35 mm) utilizados pelos

exibidores dos grandes centros e a dificuldade de transporte desse material para essas regiões.

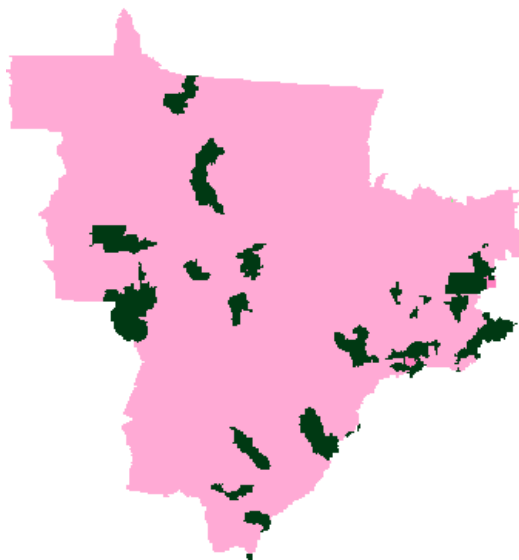
Outras dificuldades são o crescimento e desenvolvimento das salas de exibição no interior das regiões brasileiras, onde são vendidas cópias dos filmes de forma ilegal (os famosos filmes “piratas”), e as leis que garantem a meia-entrada em diversos casos.

Dessa forma, os investimentos para construção de novas salas de exibição tendem a se concentrar nos grandes centros, e nos locais onde possam ter público suficiente para viabilizar um cinema. Atualmente, os locais escolhidos pelas empresas estão nos *shopping centers*, de forma que possa utilizar o público visitante, aproveitando-se de toda a infraestrutura e segurança dos *shopping centers*, para se fidelizar mais um frequentador do cinema.

Na região Centro-Oeste (Figura 3) ocorre uma situação diferenciada, pois concentra um número de habitantes inferior ao da região Norte e, ao mesmo tempo, tem um número de salas de exibição três vezes maior, isso se deve em virtude de o estado do Distrito Federal concentrar um total de 80 salas em 15 complexos e em outros municípios da mesma região uma quantidade mínima de salas.

Ao contrário das regiões Norte e Nordeste, a região Sul apresenta grande dispersão de salas em seu território, conseguindo assim atingir quase 60% de sua população.

**Figura 3** - Localização de salas de exibição na região Centro-Oeste (2010)



**Fonte:** IBGE (2010) - Sistema de Registro - ANCINE.

Almeida (2003) assinala que as mudanças dos locais das salas de exibição, para ilhas de consumos, ocorreram a partir de 1980. Essa migração é considerada como cinema de rua. Essas referidas ilhas de consumo que, por sua vez, resultam nas modificações dos costumes e hábitos da sociedade brasileira, fazem com que o usuário seja cada vez mais consumista. A mudança do local modificou o padrão econômico social dos frequentadores, tornando seu público mais elitizado.

Os pequenos espaços de exibição de película localizados nas cidades vêm sendo fechados, os quais se (des)territorializam e se (re)territorializam em igrejas, magazines ou galerias de lojas, ou agências bancárias, e os espaços que eram no centro das cidades estão se mudando para o interior de centros comerciais. Em Campo Grande e em Dourados são assinaladas tais mudanças. O último cinema de Campo Grande externo ao Shopping Center foi extinto em dezembro de 2012. Em Dourados, o extinto Cine Ouro Branco da Avenida Presidente Vargas, 579, próximo à avenida Marcelino Pires foi fechado em 2007, após 36 anos de funcionamento.



## **2 ESPAÇOS CINEMATOGRAFICOS EM CAMPO GRANDE - MS**

Os espaços de exibição cinematográfica regulamentados pela Agência Nacional de Cinema - ANCINE, criada em 2001, através da Medida Provisória (MP) nº 2.228-1, trouxeram consigo uma série de referências ao segmento de salas de exibição. Com o objetivo principal de estabelecer os princípios gerais da Política Nacional de Cinema, criou-se o Conselho Superior do Cinema e a Agência Nacional de Cinema - ANCINE, instituindo o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Cinema Nacional - PRODECINE, autorizando também a criação de Fundos de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional - FUNCINES, alterando a legislação sobre a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional.

Vários são os conceitos de espaço e dentre eles pode-se mencionar Souza (1995) que considera como sendo espaço da atividade humana desde o local arquitetônico até toda a superfície da Terra. Complementando esse mesmo pensamento, Santos (2006) ressalta que o espaço não pode ser visto de forma isolada e indissociável, mas de uma relação dos indivíduos entre os conjuntos de objetos e de ações.

Dessa forma, entende-se que o espaço cinematográfico é o local arquitetônico, juntamente com a relação entre o objeto (filme) e a comunidade presente.

A Agência Nacional de Cinema - ANCINE (2012) considera sala de exibição ou espaço cinematográfico de exibição um conjunto de atividades encadeadas, realizadas por um ou vários agentes econômicos, necessárias à prestação do serviço de exibição cinematográfica, que consiste na projeção de obras audiovisuais em tela de grande dimensão, para fruição coletiva pelos consumidores finais.

Para Santos (2006, p. 12, 38-39), espaço “é definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos, e de sistemas de ações, não podendo ser considerados isoladamente, mas como um quadro onde a história se dá”, não apenas como um espaço geográfico físico, mas de forma a construir uma representação interna de diversos valores na condição social da comunidade ocupante desse espaço.

Segundo Le Bourlegat (2012, p. 13), em entrevista à revista Cultura em MS, o espaço pode ser “considerado como um ambiente construído nas relações sociais, percebido e representado por quem nele vivencia ou vivenciou, pois não construímos novas relações em território vivido”.

Quando se fala das salas de exibição como sendo cinema não se pode se esquecer de que a produção e a distribuição dos filmes são fatores econômicos em desenvolvimento.

Os tipos de salas de exibição reconhecidas pela ANCINE (2012) são subdivididas em dois modelos: comerciais e não-comerciais (Quadro 1).

**Quadro 1** - Tipos de salas de exibições reconhecidas

Espaço	Não Comerciais	Comerciais
<b>Filmes</b>	Filmes de ‘arte’	Filmes grandes produções nacionais ou estrangeiras ( <i>blockbusters</i> )
<b>Localização</b>	Unidades arquitetônicas independentes ou de “rua”	Internas aos <i>Shoppings Centers</i>
<b>Grupo proprietário</b>	Empresas nacionais ou familiares	Grupo de empresas multinacionais

Fonte: ANCINE (2012).

O cinema existe como uma forma de entretenimento desde julho de 1896, e como realização e expressão desde 1897, sendo também conhecido como a sétima arte, correlacionando-o com a música, a dança, a pintura, a escultura e o teatro (SOUZA, 1991). Não é apenas uma linguagem, imagem e som, incorporam também as tecnologias e os discursos distintos de câmera, iluminação, edição, montagem do cenário, tudo contribuindo para um sentido.

De acordo com Tuner (1997), o cinema é um complexo de sistemas de significação e seus significados são o produto da combinação daqueles. A combinação pode ser realizada com sistemas complementares ou conflitantes entre si, mas nenhum por si só é responsável pelo efeito total de um filme, e todos aqueles examinados possuem, como se pode observar seu próprio conjunto distinto de convenções, seus próprios meios de representar as coisas.

No Brasil, o cinema chegou pelas mãos de Affonso Segretto, um imigrante italiano, em 1898. Um grande mercado de entretenimento se formou ao redor da cidade do Rio de Janeiro, no século XX, onde centenas de filmes foram apresentados e exibidos à população local, que buscava lazer e diversão (SOUZA, 1981).

Santos (1994, p. 16), enfatiza que o espaço divide-se em três segmentos:

Primeiro visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com existência específica, determinada de maneira única. No segundo segmento um espaço relativo, se coloca em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação, uns com os outros. No terceiro segmento espaço relacional, onde o espaço é percebido como conteúdo e representado no interior de si mesmo.

Na presente pesquisa, dar-se-á mais ênfase ao primeiro conceito com relação ao espaço. Para Santos (1994, 16), “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Para que se possa denominar o território, é necessário ter ocorrido ações de transformações no espaço por indivíduos.

O processo de (des)territorialização e de (re)territorialização ocorrido nos espaços cinematográficos de Campo Grande - MS pode ser delimitado da forma que Haesbaert (2011, p. 138) relata: “a vida é um constante movimento de desterritorialização e (re)territorialização”, ou seja, está-se sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos.

Campo Grande visualizava e demonstrava que seu desenvolvimento econômico, social e de entretenimento, entre outros, estava em expansão e começava a ostentar certo ar de metrópole, com a inauguração de grandes casas de espetáculos como: Cine Trianon, Cine Santa Helena e Cine Alhambra. Em 1930,

deu-se início aos espaços cinematográficos de grande porte e de luxo para a comunidade.

De acordo com Silva (2009), os espaços cinematográficos já foram considerados lugares de encontro e de sociabilidade, onde a população desfrutava do lazer e do convívio com outras pessoas. Esses lugares ainda permanecem vivos na memória de alguns moradores de Campo Grande - MS.

Segundo Morin (1983), o cinema, considerado um lugar mágico, é estético e, ao mesmo tempo afetivo. Cada um desses termos pressupõe o outro.

No aporte de Santos e Costa (2009, p. 1):

O cinema é um meio de comunicação bastante influente que pode atuar como uma poderosa ferramenta de disseminação de práticas sociais, culturais e políticas. Atua como espaço de representações e de construção de identidades.

Sendo assim, o cinema, conhecido como a sétima arte, usado como entretenimento, pode servir também para manipular as pessoas de modo eficaz, uma vez que as imagens são próximas à realidade e, conseqüentemente, tiram o sentido de ser apenas uma arte, auxiliando na produção da identidade cultural de um grupo.

A linguagem cinematográfica é uma linguagem de signos, imagens. “[...] se o cinema é uma arte, se ele é um sistema de comunicação, se ele pode servir para a transmissão de ideias e de emoção estética, ele realmente tem sua própria linguagem” (JUNKES, 1979, p. 27).

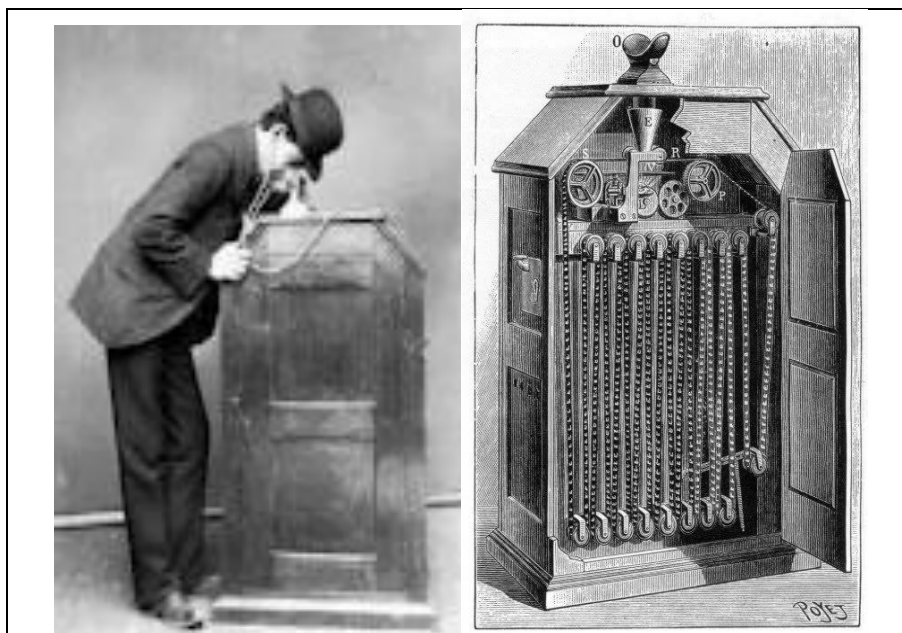
De acordo com Cuellar (1996, p. 11), o cinema obriga a reflexão quando enuncia que:

As dimensões culturais moldam nosso pensamento e imaginação, influem em nosso comportamento e é, possivelmente, mais essencial que o crescimento econômico, porque modelam a maneira como as sociedades concebem seu próprio futuro.

Contar (2002, p. 31) relata que em Campo Grande as primeiras visualizações de imagens em movimento ocorreram em 1903, com o conhecido Francisco Barros - “o Chico Phonógrafo”- e seu aparelho cinetoscópio (Figura 4), ele era um paulista que levava as novidades para os locais distantes acompanhando o

progresso das cidades grandes. Os moradores que quisessem olhar a máquina em funcionamento teriam que pagar o valor de “um mil conto de réis”.

**Figura 4 - Cinetoscópio**



**Fonte:** <http://afabulosahistoriadaanimacao.tumblr.com>. (2013)

O aparelho trazido por “Chico Phonógrafo” foi uma novidade que interessou muito à comunidade presente e trouxe uma forma de entretenimento que movimentou a população local (PINHEIRO, 2010), a qual não ficou “alheia” ao novo equipamento que, ao girar uma manivela, rodava as imagens que eram vistas em um orifício e apenas uma pessoa por vez tinha direito a vê-la. Quase uma década depois da apresentação do cinetoscópio em Campo Grande, surgiu o Cine Brasil, primeiro local de exibição de filme ao ar livre.

A seguir, serão nominados os cinemas de Campo Grande que foram (des)territorializados, (re)territorializados e alguns territorializados.

## 2.1 CINE BRASIL

A primeira exibição de filmes, apresentada para mais de uma pessoa ao mesmo tempo em Campo Grande- MS ocorreu em 1910, por intermédio de um italiano chamado Rafael Orrico, morador da cidade de Aquidauana, onde já apresentava os filmes naquela cidade. Ao ficar sabendo do desenvolvimento pelo qual a cidade de Campo Grande estava passando, e com as notícias da chegada dos trilhos do trem, e em busca de apresentar uma forma incomum de comunicação visual aliada a seu espírito empreendedor, decidiu instalar o cinematógrafo em Campo Grande (SERRA, 1971; PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Almeida (2003) enfatiza que Rafael Orrico, estando diante de um grande espaço, o pátio do Hotel Democrata, (e isso vinha ao encontro de seus anseios), instalou o aparelho em meio às copas de árvores, os fios que levavam a energia à máquina, foram estendidos por entre os galhos das árvores. O cinematógrafo é uma máquina que funcionava com motor combustível e reproduzia o filme em uma tela em branco, e assim nascia o Cine Brasil (Figura 5). Segundo Machado (2008), o proprietário do Hotel Democrata, Francisco Torreção, ao hospedar Rafael Orrico, já sabia dos interesses dele pelo local.

**Figura 5** - Hotel Democrata - local de funcionamento do extinto Cine Brasil



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 16)

Naquela época, sem muitos recursos, Rafael Orrico, ao instalar sua máquina no pátio do Hotel Democrata, utilizou como tela um pano branco o qual cobria parte da parede do Hotel para a projeção das imagens. Os assentos foram improvisados com tábuas e estacas, alguns moradores para ficarem mais confortáveis levaram suas cadeiras com seus nomes gravados (ALMEIDA, 2003).

O Cine Brasil acomodava em média 200 pessoas e os filmes apresentados eram em sua maioria franceses, italianos ou noruegueses. As apresentações tinham início às 20 horas com muitos fogos para avisar o início da sessão. No começo do filme surgia na tela improvisada a imagem de um cavalheiro vestido à Luiz XV que reverenciava a plateia com um “BOA NOITE” em letras garrafais (ALMEIDA, 2003).

Almeida (2003. p. 18) relata que:

[...] as sessões eram seguidas por comédias de Max Linder, dramas de Bertini e Zaconi [...] De todas essas apresentadas se destacava o ‘Bruxo Árabe’ por seus truques e cores atraentes, onde uma pessoa vestida de oriental, num belo jardim ao luar, sacava de um longo alfanje, feria com a sua ponta o solo e em cada lugar surgia uma odalisca vaporosa em vultuosos saracoteios e mágicos bailados.

Segundo Pinheiro e Fischer (2008), o Cine Brasil foi batizado com esse nome por ter sido o primeiro local de exibição de filme em Campo Grande-MS, localizado na antiga rua do Padre, atual rua Lydia Bais, entre as ruas 7 de Setembro e 15 de Novembro, ocupando o espaço de um quarteirão entre as ruas 14 de Julho e avenida Calógeras (Figura 6).

**Figura 6** - Local atual do extinto Cine Brasil (1910)



Com o desenvolvimento da cidade, o local atualmente é ocupado por imóveis comerciais e poucas residências. A Igreja Santo Antônio também faz parte do espaço antes ocupado pelo Hotel Democrata e o Cine Brasil. Não foi feita nenhuma obra de preservação do ambiente e não há nenhum vestígio de que aquele local abrigou um hotel ou mesmo um cinema.

## 2.2 CINE IDEAL

Na concepção de Machado (2008), o primeiro cinema de “recinto fechado e de caráter permanente”, foi o Cine Ideal, inaugurado em 1913, localizado na rua 7 de Setembro, perto de um café muito conhecido na época - “Café Paulicéia”. Esse local foi escolhido para a construção do Cine Ideal, por ser uma rua considerada muito alegre na época, com muitos locais de encontros dos moradores da cidade. O Cine Ideal pertencia à Empresa Nepomuceno Barros & Barros.

Machado (2008, p. 269) relata que no dia 17 de agosto de 1913 foi publicada a seguinte manchete no jornal O Estado de Mato Grosso: “Campo Grande teria seu primeiro cinema e um cinema de primeira ordem. A população aguardava com muita curiosidade um cinema fechado”.



Naquela época, com muitas dificuldades, foi necessária a contratação de um eletricista particular para o cinema, a fim de operar a máquina de exibição. O cinema apresentava uma vasta variedade de filmes dramáticos, comédias, terror, faroeste, entre outros. As sessões aconteciam aos sábados, domingos e quintas-feiras com cinco sessões diárias (MACHADO, 2008; PINHEIRO; FISCHER, 2008).

No decorrer dos filmes, a banda “União do Sul” brilhava o enredo de filmes, espetáculos e bailes que naquela época era cinema mudo e para acompanhar existia sempre uma orquestra em cada cinema.

O cinema mudo, em meados da década de 1920, contemplava os espectadores, pois, mesmo com os filmes desprovidos de fala e som, as imagens transmitiam o sentido e suas emoções para a plateia. Dessa forma, KEMP (2011, p.68) ressalta que o silêncio do cinema mudo, não era uma limitação, mas a capacidade que o filme mudo tinha de contar histórias apenas com imagens. Um grande ator que fez parte dessa época de ouro do cinema mudo mundialmente foi Charlie Chaplin (1889-1977).

Em Campo Grande não era diferente e nos intervalos de dez minutos os rapazes saíam para comprar guloseimas, tomar café, e as moças e/ou familiares esperavam dentro do recinto. Não havia *bomboniére* dentro dos cinemas, mas barracas em frente que vendiam doces caseiros, amendoim torrado, pipoca, bolinhos, cafés, leite com chocolate e até arroz doce (MACHADO, 2008).

Contudo, com a chegada do cinema falado no início da década de 1930, mesmo sendo visto por muitos cineastas como um retrocesso para a sétima arte, foi em meados desse mesmo ano que a nova mídia abriu novas possibilidades para o cinema mundial, principalmente nos Estados Unidos da América e na Europa (KEMP, 2011).

Do Cine Ideal não há muitas informações sobre sua localização exata e nem imagens.

## 2.3 CINE RIO BRANCO

O uberabense Bertolino Ferreira de Oliveira foi proprietário do Cine Rio Branco, inaugurado em 1914, na rua 13 de Maio próximo à avenida Afonso Pena (SERRA, 1971, p. 63), mas teve vida curta, o local era improvisado em um salão alugado (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Esse cinema foi vendido a Santiago Solari e, posteriormente, o local passou a ser residência de João Akamine (SERRA, 1971, p. 63), atualmente é alugado por uma empresa de comércio financeiro, e o espaço foi totalmente (re)territorializado, não ficando nenhuma característica de cinema (Figura 7).

**Figura 7** - Local do extinto Cine Rio Branco (1914)



**Fonte:** Acervo pessoal de Celso Higa (2013).

Os espaços cinematográficos que fizeram parte da história da cidade de Campo Grande, infelizmente, não foram conservados e, com eles, parte de momentos memoráveis da sociedade campo-grandense também.

## 2.4 CINE GUARANI/CINE CENTRAL

O Cine Guarani foi instalado e inaugurado por Valentim dos Santos, em 9 de abril de 1921 que, ao adquirir o prédio, fez as devidas adaptações para abrigar mais um cinema e casa de espetáculo teatral na cidade. Localizado na avenida Afonso Pena entre as ruas 13 de Maio e Rui Barbosa, com instalações modernas no modelo de teatro com camarotes, um luxo para época (SERRA, 1971; PINHEIRO; FISCHER, 2008).

A administração do Cine Guarani passou a responsabilidade sobre esse estabelecimento para Luís Antônio Fernandes da Silva, o qual o vendeu mais tarde para o grupo dos Irmãos Neder. Já na nova administração, o Cine Guarani passou por uma reforma, ficando com um estilo mais requintado, fino e social, quando passou a ser chamado Cine Central, localizado bem no centro da cidade.

Após a reforma, Serra (1971, p. 63) assinala que foram passados filmes, que não foram exibidos nos grandes centros do Brasil, era uma época em que o Cine Central fez muito sucesso na sociedade campo-grandense. Para Machado (2008), os bons filmes das distribuidoras Paramount e da Goldwin lotavam constantemente o Cine Central.

As películas como *Nobre Japonesa* e *Com direito à felicidade*, foram alguns desses filmes exibidos no Cine Central. O valor do ingresso para assistir a uma sessão na cadeira valia 500 réis e no camarote 3 mil réis, percebe-se que a diferença do valor era alta, justamente para separar o público. Havia sessões de *matiné* às 14 horas e *soirée* às 19 horas (SERRA, 1971; MACHADO, 2008).

Serra (1971, p. 63) relata ainda, que no dia 26 de agosto de 1923, uma noite muita fria, os frequentadores do Cine Central foram presenteados com o espetáculo “*A morgadinha de Val flor*”, uma peça teatral famosa de Júlio Diniz, que trazia no elenco atores da região. Foi uma noite de pura arte, pelo sentimentalismo da peça e pela desenvoltura e charme dos intérpretes.

No Cine Central, ocorriam festas beneficentes, bailes e poucas peças teatrais. Uma das peças de maior sucesso realizada no Cine Central foi Cia. de Operetas Elvira Beneventi, que apresentou espetáculos com o ingresso no valor de 5 mil réis (equivalente a dez quilos de carne na época) (MACHADO, 2008).

Atualmente, o espaço abriga um complexo comercial que abrange lojas e um restaurante (Figura 8). Pode-se notar que foi totalmente (des)territorializado não deixando nenhuma característica aparente de um antigo espaço cinematográfico no local.

**Figura 8** - Local atual do extinto Cine Guarani/Cine Central (1914)



**Fonte:** Acervo pessoal de Celso Higa (2013).

Os antigos proprietários desse espaço, mesmo não havendo prédios construídos especificamente para exibição cinematográfica e casa teatral, não deixavam a desejar para os grandes centros e nem para a sociedade local, pois os equipamentos, a tecnologia e a modernidade dos ambientes internos presenteavam o público com uma excelente programação de filmes, tempo inesquecível para a cultura dos moradores local.

## 2.5 CINE TEATRO TRIANON

O Cine Teatro Trianon, inaugurado em 1932, exibia filmes ainda não vistos nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por esperteza de seus proprietários em trazê-los diretamente da Argentina (SERRA, 1971; BITTAR; DANTE FILHO, 2004).

Fundado pelo proprietário Juvenal Alves Correia Filho e construído pela empresa José Gomes & Irmãos (chefiada por Inácio Gomes), o Cine Trianon localizava-se na rua 14 de Julho, entre a avenida Afonso Pena e rua Barão do Rio Branco, atualmente, no local encontra-se o edifício da Galeria São José (MACHADO, 2008).

Machado (2008) menciona que os filmes de faroeste do Tom Mix e Buck Jones, como as comédias de Carlito, eram as alegrias da moçada nas *matinês* do Cine Trianon, e no tempo de carnaval, havia bailes e na ala dos camarotes viam-se os frequentadores atirarem confetes e serpentinas no público do salão (Figura 9).

**Figura 9** - Frequentadores na entrada do extinto Cine Trianon



**Fonte:** Arquivo Pessoal Edson Contar (2013).

O espaço foi palco para exibição de filmes de grande renome, peças teatrais, manifestações políticas e culturais da história local, não deixando a desejar para nenhuma capital do Brasil. Dentre os filmes exibidos no Trianon, por exemplo, destacaram-se: “E o vento levou” (1939) e “O mágico de Oz” (1939), que guiaram mudanças no comportamento de muitos jovens na cidade. O valor do ingresso pago pelos frequentadores era de três mil réis (SERRA, 1971; CONTAR, 2002, MACHADO, 2008, PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Segundo Serra (1971, p. 60):

[...] o Trianon não foi apenas cinema. Foi dilargados anos palco e tribuna cívica. Ainda recinto de memoráveis banquetes, como aquele oferecido ao Dr. Vespasiano Martins ao ensejo da sua partida para a Alemanha e aqueloutro a Dom Aquino Correia, quando o grande arcebispo e elegantíssimo orador nos visitou em caráter oficial.

Pinheiro e Fischer (2008) relatam que a casa de espetáculo do Cine Teatro Trianon (Figura 10), tinha uma orquestra, considerada a maior casa de espetáculos daquele tempo em Campo Grande, tendo uma produção importante da artista Conceição Ferreira, em suas instalações e um musical denominado a *“Bureta”*.

**Figura 10** - Fachada do extinto Cine Trianon (1932)



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2010, p. 220).

Naquele período, aconteciam durante as sessões de exibição cinematográfica muitos intervalos, com o intuito de se realizar as trocas dos rolos de filmagens, e durante essas pausas, bandas e grupos musicais se apresentavam, tais como: os maestros José Passarelli e Emílio de Campos Vidal fazendo muito sucesso. As bandas tocavam para “substituir” trilha sonora, uma vez que no passado os filmes eram mudos (MACHADO, 2008).

No Trianon, foi lançado o filme “Alma do Brasil” (1932) (Figura 11), produzido no estado, por Líbero Luxardo, com parceria de Alexandre Wulfes. O filme (Figura 12) retrata a Retirada da Laguna na Guerra do Paraguai e o enredo inicia mostrando os militares visitando o cemitério dos heróis da batalha. A seguir, apresenta um *flashback*, retratando os momentos das adversidades pelas quais passaram as forças brasileiras durante a Retirada da Laguna. As cenas foram filmadas nos arredores da Lagoa Rica (em Campo Grande) e no garimpo de Piraputanga (MACHADO, 2008).

**Figura 11** - Imagens do filme Alma do Brasil



**Fonte:** BORGES (2008, p. 75); CINEMATECA (2012).

O elenco do filme foi composto por Líbero Luxardo (Coronel Camisão), Antonio Ribas (Capitão Lago), Octaviano Souza (Dr. Gesteira), Francisco Xavier (Guia Lopes), João Milton (Ordenança Salvador), Daniel de Souza (Oficial), Egon Adolfo (Médico), Conceição Ferreira (Mulher), Antonio Candido (Mascote), Amadeu Amaral (Cabo Amaral), B. Oliveira (Compadre) e outros para a figuração (CINEMATECA, 2012).



**Figura 12** - Imagens do filme Alma do Brasil



**Fonte:** BORGES (2008, p. 74).

Alma do Brasil foi considerado o primeiro filme nacional de reconstituição histórica, inteiramente sonorizado, sendo um avanço para o mercado da cinematografia no estado. Inicialmente, foi censurado entre os dias 01 e 15 de junho de 1932 e posteriormente liberado para apresentação (CINEMATECA, 2012).

Nos primeiros anos do Cine Trianon, o proprietário Juvenal Alves Correia passou por muitas dificuldades financeiras, motivadas pela concorrência do Cine Central dos Irmãos Neder e a exploração acirrada das distribuidoras de filmes, que utilizavam a demanda para se beneficiarem (SERRA, 1971). As distribuidoras, até os dias atuais, continuam se beneficiando com as demandas, no entanto, algumas têm suas próprias salas de exibição.

No aporte de Serra (1971), Chico Calarge, um mediador sereno, buscou e encontrou uma forma de harmonizar a situação e assim possibilitou a fusão dos cinemas rivais, tornando-se Empresa Correia & Neder, embora o imóvel continuasse de propriedade de Juvenal, mas para aquisição dos filmes não existia mais concorrência. Esse local foi (des)territorializado e o cinema deixou de existir.

Machado (2008, p. 148) assinala que “quando foram inaugurados o Cine Alhambra e o Cine-teatro Santa Helena, com mais conforto e novas tecnologias, o Cine Trianon não resistiu e fechou as portas”. No seu lugar, antes do atual edifício da Galeria São José (Figura 13) o espaço foi utilizado pela pioneira Rádio Difusora de Campo Grande, conhecida como PRI-7.



**Figura 13** - Local atual do extinto Cine Trianon



**Fonte:** Arquivo pessoal de Celso Higa (2013).

Atualmente, no local onde funcionou o Cine Teatro Trianon, é a Galeria São José, um complexo de lojas comerciais, no centro da cidade que foi (re)territorializado. Infelizmente, para a memória dos campo-grandenses, não existe nenhuma lembrança física do local onde há algumas décadas, existiu uma grande casa de espetáculo e um espaço para a cultura de Campo Grande.

## 2.6 CINE - TEATRO SANTA HELENA

O primeiro cinema construído especificamente para exibições de películas em Campo Grande foi o Cine-teatro Santa Helena (Figura 14), localizado na rua Dom Aquino entre rua 14 de Julho e avenida Calógeras. O local era considerado e chamado de rua do Pecado, por ter lugares de jogatinas e bordéis. Quando foi iniciada a construção do espaço, o proprietário Alexandre Kalyl Saad, um homem muito educado, ex-acadêmico no Egito, se propôs a recuperar a rua (SERRA, 1971).

**Figura 14** - Fachada do extinto Cine-teatro Santa Helena



**Fonte:** Arquivo pessoal de Edson Contar (2013).

Serra (1971) acrescenta que a primeira exibição de um filme falado em Campo Grande, ocorreu no Cine-teatro Santa Helena com a apresentação de *O Babao*. Naquele tempo, os filmes eram mudos e cada cinema tinha sua banda ou orquestra que se apresentava durante os filmes e nos intervalos.

O Cine-teatro Santa Helena, inaugurado em 1929, além de ter sido um bom espaço para exibição de películas e uma casa de espetáculo grandiosa, trouxe consigo a transformação de um lugar habitualmente marginalizado, para uma nova imagem cultural e social para os moradores da cidade e sua respectiva vizinhança. Isso aconteceu com a audácia de seu proprietário Alexandre Kalyi em encontrar formas para melhorar aquele local e para que isso acontecesse, “oferecia ingresso às pessoas ilustres da sociedade campo-grandense para frequentar o cine-teatro”, e assim foi criando uma nova identidade para o local (SERRA, 1971, p. 64).

Higa (2003) ressalta que algumas películas japonesas eram exibidas no extinto cine-teatro Santa Helena, toda sexta-feira, a partir das 20 horas, e essas películas entraram no meio comercial de exibições em 1956, por intermédio de Fukuji Tomiyoshi, que recebia os “enlatados” de São Paulo e programava as exibições na rede Pedutti. As diversidades dos filmes de samurais, máfias japonesas, dramas, comédias, definiram o público frequentador das sextas-feiras.

Essas apresentações foram refletidas nos serviços e no comércio de outros setores como hortifrutigranjeiros. Em sua maioria, japoneses, vinham assistir a filmes de sua origem, e traziam consigo nos caminhões funcionários juntamente com as hortaliças, para revenderem no mercado municipal e na feira central do sábado.

De acordo com Pinheiro e Fischer (2008, p. 20), “o Cine-teatro Santa Helena tinha capacidade para 1.300 pessoas, proporcionou diversos momentos importantes para a sociedade local. Foi reformado em 1937, após a venda para o Félix Damus que fez mudanças nas estruturas e nas tecnologias permitindo a exibição da imagem e do som simultaneamente, equipamentos estes vindos da Europa para o Cine-teatro (Figura 15)”. No lançamento da nova tecnologia que passou a ser utilizada no Cine-teatro Santa Helena, foi exibido o longa metragem “Deve ser Amor” (1920), dividido em oito partes, e tinha como atriz principal Collin Moore (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

**Figura 15** - Imagem restaurada do extinto Cine - teatro Santa Helena



**Fonte:** Museu de Imagem e Som/MIS (2013).

O espaço passou a ser administrado no período de 1949 a 1981, pela empresa Teatral Pedutti, que era gerenciada por Tarcisio Dal Farra. O público que frequentava o Cine-teatro Santa Helena era um público diferenciado, o valor do

ingresso cobrado era o mais popular dos cines da época e os filmes não eram de primeira linha.

Uma sessão normal era composta por uma abertura inicial com uma música, no caso da empresa Pedutti tinha como marca registrada a utilização da música “Amores Clandestinos” (anexo A) como fundo musical em toda a rede em Campo Grande: os cinemas Santa Helena, Alhambra e Rialto. Logo após o cine-jornal, passavam-se os *trailhers* de lançamento e o filme principal (HIGA, 2008). Atualmente, quando se vai ao cinema, uma sessão é composta por propagandas, de dois a três *trailhers* e o filme principal, o que não mudou muito.

Higa (2008) identificou que durante as filas de espera na bilheteria das apresentações do Cine-teatro Santa Helena, os espectadores eram abordados pelos vendedores ambulantes que ofereciam seus doces como quebra-queixo, creme holandês, puxa-puxa, martelinho, pipoca, amendoim torrado com Toddy e chocolate doce e salgado. No interior do cine-teatro tinha uma baleira oficial que vendia drops de anis, mentex, chiclete Adams, balas sete belo e de hortelã, sendo que alguns baderneiros utilizavam os papéis desses doces para jogar no público presente.

Os lanterninhas<sup>4</sup> tinham como função manter a ordem e os bons costumes no interior das salas de exibição e entre outra função, encontrar poltronas vazias para os atrasados e, ao término das apresentações, cuidar para que ninguém adentrasse ou permanecesse no local para assistir a outra exibição (HIGA, 2008).

Outra atividade existente ao redor do Cine-teatro Santa Helena era a troca de gibis, apesar de ocorrerem sessões vespertinas em outros cinemas, a preferência dos trocadores de gibis era no Cine-teatro Santa Helena. Normalmente, a troca ocorria entre às 12h e 13h30m (PINHEIRO; FISCHER, 2010, p. 231).

Em 1987, o prédio, que deu vida a uma grande casa de espetáculo e exibições cinematográficas em Campo Grande, foi demolido para a construção de um estacionamento. Atualmente, dá lugar ao Shopping Pátio Central (Figura 16), um complexo de lojas e departamentos.

---

<sup>4</sup> Profissional munido de uma lanterna que tinha a função, de acompanhar as pessoas que chegavam atrasadas à sessão de cinema quando as luzes já estavam apagadas. Direccionava o frequentador a uma poltrona disponível, com segurança e rapidez. Também era útil ao administrar questões como barulhos que pudessem atrapalhar a plateia. Hoje foram substituídos pela iluminação nos degraus que levam às poltronas e a disciplina, bem esta ficou por conta do bom senso da própria plateia. Disponível em: <<http://salasdecinemadesp.blogspot.com.br/2012/06/os-lanterninhas-de-cinema.html>>. Acesso em: 3 set. 2013.



**Figura 16** - Local atual do extinto Cine Santa Helena



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

## 2.7 CINE - TEATRO ALHAMBRA

Construído em meados de 1936 e 1937, por Karim Bacha, foi inaugurado em 19 de julho de 1937, localizado na avenida Afonso Pena entre ruas 14 de Julho e avenida Calógeras, o Cine Alhambra foi o cinema que marcou uma grande fase de desenvolvimento cultural do campo-grandense (Figura 17). O público frequentador desse cinema era familiar. No local também se apresentavam shows e peças teatrais.

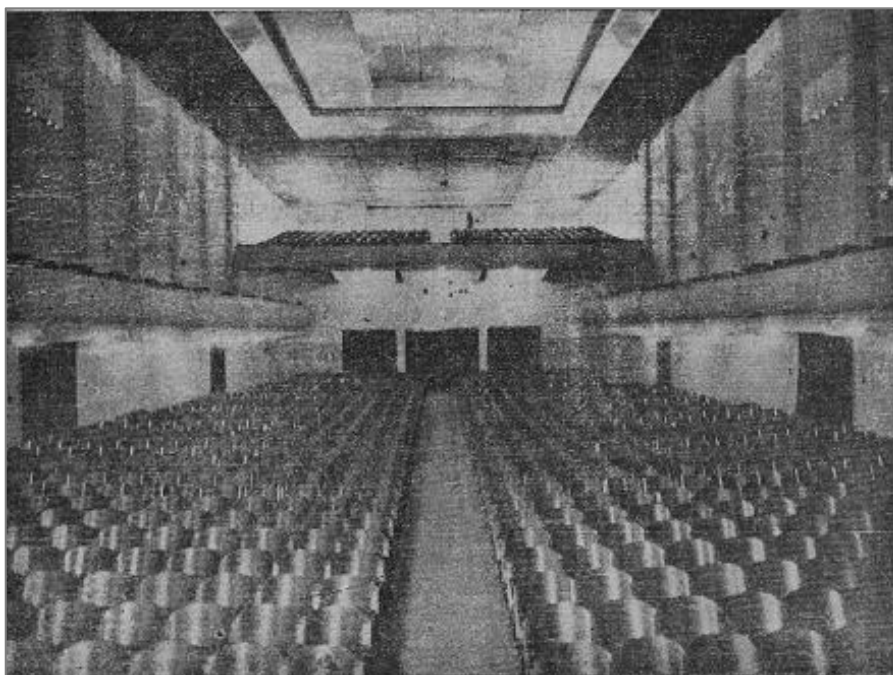
**Figura 17** - Extinto Cine Alhambra em funcionamento (1937)



**Fonte:** Museu da Imagem e Som (2013).

Um cinema amplo, moderno, comportando mil e oitocentas pessoas, com poltronas confortáveis, camarotes laterais os quais eram reservados às autoridades em alguns eventos e galerias na retaguarda (Figura 18). A obra foi projetada pelo engenheiro Joaquim Teodoro de Faria (MACHADO, 2008, p. 350; PINHEIRO; FISCHER, 2008).

**Figura 18** - Interior do extinto Cine Alhambra (1937)



**Fonte:** Acervo pessoal Edson Contar (2013).

Após alguns anos de vivência, houve ampliação da tela, os camarotes tiveram de ser removidos, pois atrapalhava a visão do público. O cine Alhambra contava com uma extensa cortina de veludo na cor verde, a qual era aberta no início das apresentações, como atualmente é feito no início de uma peça teatral (PINHEIRO; FISCHER, 2008). O espaço era amplo e o teto alto, o que contribuía para a ventilação do ambiente, diferente das salas no modelo *stadium* com ar condicionado. Naquela época, o cinema, além de ser uma forma de diversão, era o local de encontro de amigos e namorados.

Machado (2008) observa que, na inauguração do Cine Alhambra, foi exibido o filme “Primavera” (*Maytime*), com o tema musical “*Will You Remember*”, exaustivamente aplaudido pelos espectadores presentes, iniciando assim o sucesso do Cine Alhambra.

O som limpo e a imagem nítida do Cine Alhambra contavam com novos recursos de tecnologia de qualidade, além de estar sempre lotado, alguns espectadores compravam os ingressos muito antes de a sessão começar, para quando chegarem já adentrar direto à sala de exibição. No Alhambra, os filmes não eram repetidos sempre, a menos que o sucesso fosse grande, sendo assim passavam duas no máximo três vezes somente.

O primeiro longa-metragem com som e imagem, simultâneos, inteiramente produzido por campo-grandenses, foi o filme “Paralelos Trágicos” (1965), dos irmãos Abdul Lhado e Bernardo Elias Lhado. O filme concorreu ao Prêmio Air France de Cinema, na cidade de São Paulo, entre outros quarenta e dois filmes nacionais, e participou do Festival de Cinema de Passa Quatro, em Minas Gerais (BORGES, 2008).

De acordo com as informações contidas no jornal Folha de São Paulo, datada de 28 de junho de 1965, o enredo do filme “Paralelos Trágicos” como primeiro longa metragem, preto e branco, sonoro e com duração de 90 minutos, totalmente produzido com artistas e equipe locais, conta uma história humana, a de um professor humilde que se apaixona por uma jovem de família rica e é odiado pelo pai da moça. Assim, vivendo um drama intenso, sacrificando seu amor para não causar transtornos à sua amada.

Pinheiro e Fischer (2008, p. 73) ressaltam que o filme “Paralelos Trágicos” (Figura 19) obteve o selo de qualidade da censura federal e a liberação para exportação do longa-metragem, devido à ótima qualidade do filme. Naquele período, os filmes que não obtinham esse selo não poderiam ser exibidos em festivais e muito menos serem exportados.

**Figura 19** - Cartaz do filme "Paralelos Trágicos"



**Fonte:** Acervo Pessoal Bernardo Lahdo (2013).

De acordo com o jornal O Estado de Mato Grosso do Sul, datado do dia 24 de maio de 2008, o filme “Paralelos Trágicos” (1965) foi lançado em uma sessão *avant premier* (Figura 20) no dia 13 janeiro de 1967, em Campo Grande, no Cine Alhambra, e toda bilheteria desse lançamento foi revertida em benefício da Entidade Beneficente de Combate ao Câncer, atualmente o Hospital do Câncer de Campo Grande. Posteriormente, após o lançamento no Cine Alhambra, a película foi exibida nos demais cinemas da Capital, chegando a totalizar exibições em quinze salas no Brasil e sendo considerado um sucesso internacional.



**Figura 20** - *Avant premier* do filme "Paralelos Trágicos" - Cine Alhambra (1967)



**Fonte:** BORGES (2008, p. 130).

Os frequentadores do Cine Alhambra eram de várias regiões da cidade e, alguns vinham das fazendas, sítios, para conhecer e apreciar as obras cinematográficas apresentadas naquele espaço. No Cine Alhambra, ocorreu a sessão *avant premier* para o lançamento do longa “Férias no Sul” (1968), elenco de grandes nomes na cinematografia: Cláudio Viana, Dagmar Hendrich, Elizabeth Hartmann e David Cardoso, ator e produtor, atualmente diretor de cinema em Mato Grosso do Sul (Figura 21).

**Figura 21** - David Cardoso “Férias no Sul - 1968” - Cine Alhambra



Fonte: PINHEIRO; FISCHER (2010, p. 160)

Conforme Pinheiro e Fischer (2008, p. 22 -23),

As salas de exibição eram palco para o início de grandes relações amorosas, uma delas ocorrida no cine Alhambra foi o encontro de Tarcísio Dal Farra e Nelly Hugueney. Ele veio para Campo Grande gerenciar o Cine Alhambra que era da Empresa Pedutti e ao conhecer Nelly foi conquistado na porta do cinema. Casaram - se, tiveram filhos e viveram juntos por 32 anos, “de 1949 a 1981, ao lado do cine Alhambra”.

O administrador Tarcísio Dal Farra gerenciou em Campo Grande as salas de exibição cinematográficas: Cine Alhambra, Cine Santa Helena, Cine Rialto, Cine Plaza, Cine Center e o AutoCine, totalizando seis salas. Após a mudança da administração geral das salas, não estando de acordo com as novas mudanças, Tarcísio resolveu se aposentar, após 45 anos de carteira assinada pela Empresa Pedutti (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

As funcionárias (Figura 22) do cine Alhambra tinham muito trabalho ao término das sessões, pois quando se encerrava uma sessão, as três portas laterais eram abertas, e a fila na sala de espera já estava imensa, aguardando a abertura para a próxima entrada. As *bomboniéres* da época vendiam apenas balas e

amendoins, não era costume comer pipoca e tomar refrigerante no interior das salas de cinema, as garrafas eram de vidro e por medo de acidentes não eram permitidas.

**Figura 22** - Funcionárias do Cine Alhambra



**Fonte:** Machado (2008, p. 350).

“Uma marca dos cinemas no passado eram os anúncios e propagandas dos filmes que estavam em cartaz. Tais cartazes (Figura 23) eram feitos a mão, e transformados em quadros, expostos na frente dos cinemas que teria a confecção realizada por um pintor conhecido por Alexandre de Oliveira Couto, que tinha o apelido de Índio” (PINHEIRO; FISCHER, 2008, p. 25). Os cartazes tinham vida curta, pois eram expostos nas fachadas dos cinemas durante o período da exibição do filme e, na média, eram feitos dois cartazes por cinema, para a exposição.

**Figura 23** - Fachada do extinto Cine Alhambra com exposição dos cartazes



**Fonte:** Arquivo pessoal de Edson Contar (2013).

O Cine Teatro Alhambra (Figura 24) empregou durante sua existência, em torno de 12 pessoas, para que ocorressem as sessões. Foi considerada uma casa de espetáculos que marcou durante décadas a vida cultural e social dos campo-grandenses, um local que deixou muitas saudades para diversos moradores que frequentaram e conheceram esse local de encantamento.



**Figura 24** - Imagem da fachada do extinto Cine Alhambra (restaurado)



**Fonte:** Acervo pessoal de Matheus de Almeida (2013).

“Em 1987, o Cine Alhambra foi demolido para dar espaço à construção de um hotel e restaurante do grupo Binder. No projeto do hotel estavam previstos 14 andares, sendo dois de transição (serviços), heliporto, restaurante, piscinas, estacionamento subterrâneo, hall de acesso e 180 apartamentos” (PINHEIRO; FISCHER, 2008, p. 27). A obra ficou paralisada desde 1993 e no local encontra-se em andamento o hotel El Kadri Plaza (Figura 25).

**Figura 25** - Local atual do extinto Cine Alhambra



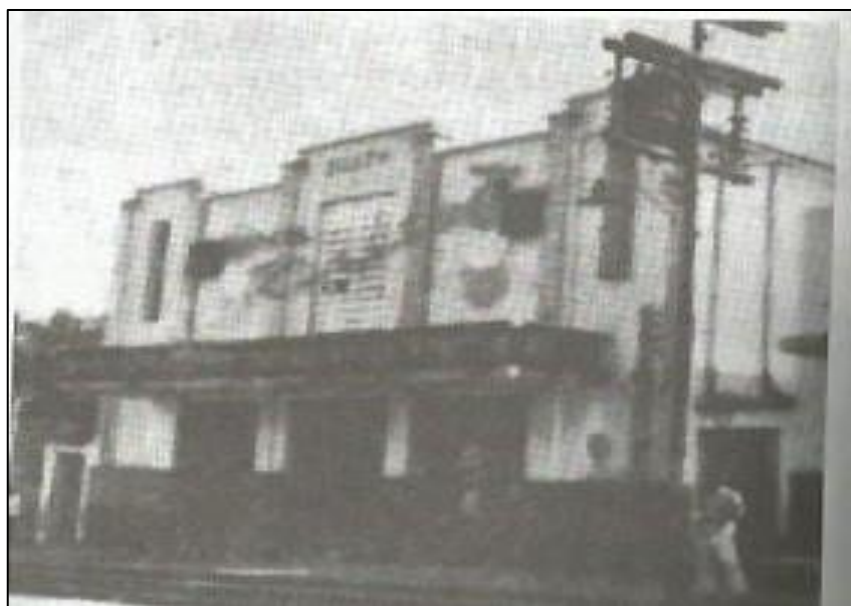
**Fonte:** Acervo pessoal Celso Higa (2013)

## 2.8 CINE RIALTO

Inaugurado em 1947 e localizado na rua Antônio Maria Coelho entre avenida Calógeras e rua 14 de Julho, por Karim Bacha, o cine Rialto, mesmo sendo a menor sala dos cinemas existentes na época, com capacidade para 800 pessoas, foi um dos cinemas mais sofisticados em Campo Grande.

Frequentadores chegavam ao cine Rialto (Figura 26), portando lampião a gás, pois a energia não era transmitida por toda a cidade. A rua que abrigava o Cine Rialto não tinha asfalto e era escura, pouco comércio, apenas mercearias e barezinhos, nas proximidades havia casas e uma escola a Visconde de Cairu, ainda no local. Os vizinhos em sua maioria eram japoneses (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

**Figura 26** - Fachada do extinto Cine Rialto



**Fonte:** Acervo pessoal Edson Contar (2013).

Após a reforma, para adentrar ao interior do Cine Rialto, era necessário que homens usassem terno e gravata, e mulheres vestidas com elegância, era um evento social. Em algumas dessas sessões eram extensas as filas e chegavam a faltar ingressos.

Naquela época, a energia elétrica era raridade em algumas regiões da cidade e, para colocar o Cine Rialto em funcionamento, foi necessária a instalação de um gerador, para a projeção dos filmes. Como de costume nos cinemas, antes de

iniciar as sessões de exibição, tocava-se uma música, logo em seguida o cine-jornal, um noticiário breve, os *trailers* dos filmes que seriam lançados e, após, ocorria a exibição da película.

Conforme Pinheiro e Fischer (2008, p. 43), “as sessões do cine Rialto eram diárias em dois horários: para adulto das 19 h às 21 horas; e os filmes infantis das 14 h às 16 horas. Nas sessões de *matinês*, as crianças pagavam meia-entrada e os pais poderiam assistir ou esperar os filhos do lado de fora. Existiam sessões especialmente para moças, essas pagavam meia-entrada”.

Após alguns anos de funcionamento sob a administração de seu incentivador Karim Bacha, o cine Rialto passou para as mãos da Empresa Pedutti. Durante seu início até meados de 1950, o Cine Rialto (Figura 27) foi um espaço muito sofisticado, mas com o público diminuindo, após a reinauguração dos demais cinemas da cidade e, sem nenhuma revitalização, o Rialto entrou em declínio. Após a venda do espaço para a Empresa Pedutti, foi feita uma reforma em 1958, fazendo com que o Cine Rialto se tornasse um cinema de luxo, com uma estrutura moderna e arrojada para aquele período, com tela panorâmica nova, com poltronas, tudo em seu interior foi modificado.

**Figura 27** - Imagem da fachada do extinto Cine Rialto (restaurado)



**Fonte:** Museu de Imagem e Som (2012).

A direção do Cine Rialto, após a reforma, proibiu seus frequentadores de circularem em seu interior antes do início da sessão, hábito anteriormente utilizado pelos rapazes para paquerar e visualizar futuras pretendentes. Sendo assim, os espectadores, ao entrarem na sala, tinham de imediatamente se sentarem.

Pinheiro e Fischer (2008, p. 44) relatam que, após a reforma, os horários das sessões foram alterados e as películas passaram a ser exibidas diariamente nos seguintes horários: 14, 16, 18, 20 e 22 horas. “O filme estrelado no Cine Rialto em 1960, que fez muito sucesso foi “O Vampiro da Noite” (1957), por ser um filme de terror e de grande emoção. O SAMDU<sup>5</sup> foi chamado para ficar de prontidão em frente ao cinema, durante a exibição do filme caso algum espectador passasse mal”. Filmes como “Os 10 mandamentos” (1956), “Ben-Hur” (1959) e “Doutor Jivago” (1965), ficaram em cartaz por 20 dias no Cine Rialto.

Após a reforma ocorrida no Cine Alhambra, acabou a novidade e o glamour que incentivavam os espectadores a frequentarem o Cine Rialto. Dessa forma, não resistindo à concorrência, fecharam-se as portas de mais um espaço de exibição cinematográfica em Campo Grande.

O Cine Rialto deixou de ser um lugar aonde as pessoas iam vestidas elegante e socialmente, acotovelavam-se em filas para assistir a um determinado filme, como se fosse um grande evento social. O local proporcionava o encontro da comunidade que, após o término das sessões, ficava conversando, criando laços de amizades e trocando valores culturais e sociais. Mas no sentido de entretenimento social, ainda continuava em fase de crescimento devido às tecnologias implantadas nos espaços de exibição.

---

<sup>5</sup> Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência. Disponível em: <<http://historiacuritiba.wordpress.com/2011/12/16/samdu-servico-de-assistencia-medica-domiciliar-e-de-urgencia-1954>>. Acesso em: 14 jul. 2013.



**Figura 28** - Local atual do extinto Cine Rialto



**Fonte:** Acervo pessoal Celso Higa (2013).

Atualmente, no espaço ocupado anteriormente pelo Cine Rialto, encontra-se o prédio da Seicho-No-Ie (Figura 28), o lado externo do prédio foi totalmente preservado, mas em seu interior não tem nenhuma característica do antigo cinema.

## 2.9 CINE ESTRELA

Inaugurado em 1970, localizado no bairro Santo Amaro, na rua Elpídio Belmonte de Barros (extinta rua Corumbá) nº 47, quase esquina com a avenida Júlio de Castilho, ficava o Cine Estrela. O cinema ganhou esse nome em virtude do ponto de referência e em homenagem a Elpídio Belmonte de Barros, o proprietário da Padaria Estrela, na Avenida Júlio de Castilho, a qual fornecia a energia elétrica para o funcionamento do cinema, atualmente, a padaria existe sob outra denominação, Panificadora Tietê (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

De acordo com Pinheiro e Fischer (2008, p. 47), “o fundador e único proprietário do cinema, José Dias Nazar, construiu o cine Estrela na região, devido ao caminho percorrido e grande fluxo de pessoas e seus carros de bois, sendo que a quantidade de salas de cinemas encontrava-se em crescimento na cidade”.

Para não sofrer com a concorrência do Grupo Pedutti e da Família Lahdo, José Dias Nazar decidiu abrir uma sala de exibição no bairro Santo Amaro. Um bairro que, na época, era de muita lama e buracos, sem asfalto, mas com um grande fluxo de pessoas, deixando claro que os ônibus eram raros e poucos os lugares de lazer nos bairros.

Alguns benefícios para o bairro surgiram em decorrência da instalação do Cine Estrela, além do lazer, a socialização e a cultura de seus moradores, o poder público, visando ao desenvolvimento, implantou energia elétrica, transporte coletivo e asfalto.

Pinheiro e Fischer (2008) relatam que os filmes no Cine Estrela eram substituídos a cada três dias e esse era um dos motivos do grande deslocamento feito pelos telespectadores que vinham do centro da cidade para assistirem filmes no Estrela.

O Cine Estrela manteve-se por seis anos (1972 - 1978) em funcionamento, durante esse período diversos filmes foram apresentados no local, dentre eles destacaram-se: “2001 - Uma odisséia no espaço” (1968), “Onde começa o inferno” (1959), e “Barbarella” (1968) esse último exibido na inauguração do Cine Estrela em 1972.

A estrutura do Cine Estrela (Figura 29) ficava na rua Elpídio Belmonte de Barros, que teve essa denominação em homenagem ao primeiro morador do bairro e proprietário da padaria Estrela.

**Figura 29** - Local atual do extinto Cine Estrela



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013)

A territorialidade exercida e desenvolvida por diversos telespectadores que vivenciaram essa época dos cinemas de bairros e dos centros da cidade tinham como elemento comum a identidade e o sentimento de pertencimento daquele lugar, na medida em que se transformavam, correlacionando-se com espaços de exibição.

Costa (1988, p. 25-26) afirma que: o “espaço vivido, ou seja, o território é caracterizado por interesses sociais, econômicos e de classes, onde cada grupo determina e reconhece sua delimitação territorial, o real sentimento de pertencer à região/bairro/território”.

De forma que o sentimento de pertença só se desenvolve e se mantém vivo, como meio da expressão cultural e fazendo com que as pessoas participem ativamente das questões relacionadas às restaurações e revitalizações dos patrimônios históricos e culturais de sua comunidade, não deixando apenas em histórias escritas.

## 2.10 CINE ACAPULCO

Os irmãos Abboud Lahdo e Bernardo Elias Lahdo foram os fundadores de uma empresa de distribuição de filmes - a “Lahdo Produções Cinematográficas”

(1969), que abasteceria mais tarde seus cinemas Acapulco e Jalisco (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

O Cinema Acapulco, inaugurado em 1960, localizado na rua 26 de Agosto, entre as ruas 13 de Maio e 14 de Julho, tinha capacidade para 700 pessoas. Naquele período, o domínio no mercado de exibição em Campo Grande, era da Empresa do Grupo Pedutti, mas, com a criação de uma empresa de distribuição de filmes, o Cine Acapulco foi aos poucos ganhando clientela e telespectadores cativos.

Os valores dos ingressos eram mais acessíveis e a qualidade dos filmes não deixava a desejar. Alguns filmes marcaram a vida do Cine Acapulco, dentre eles destacaram-se: “O poderoso chefão” (1972), “O exorcista” (1973) como pode ser visto o cartaz na (Figura 30), a fila na entrada do Cine Acapulco para se assistir a esse filme, que ficou em cartaz por seis meses, e era exibido em quatro sessões diárias.

**Figura 30** - Fachada do extinto Cine Acapulco



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2010, p. 223)

O filme “Love Story” (1970) ficou três meses em cartaz com lotação esgotada. Em algumas sessões, os ingressos tinham de ser adquiridos com alguns dias de antecedência. Esse sucesso se deu ao bom relacionamento dos “Lahdo” com as produtoras dos filmes e, com isso, lançava simultaneamente os filmes em Campo Grande e nos cinemas de São Paulo (PINHEIRO, 2008).

No dia 28 de fevereiro de 1983, foram fechadas as portas, simultaneamente, dos dois cinemas que pertenciam à família Lahdo (Cinema Acapulco e Cinema Jalisco). No ano de 2000, as instalações do extinto Cine Acapulco (Figura 31) foram incendiadas e não se sabe até hoje o motivo verdadeiro do incêndio.

**Figura 31** - Local atual do extinto Cine Acapulco



**Fonte:** Acervo Pessoal Celso Higa (2013).

O espaço onde funcionou o Cine Acapulco está atualmente abandonado (Figura 32), o palco, as escadarias que davam acesso à sala de projeção e o piso (Figura 33) ainda podem ser vistos.

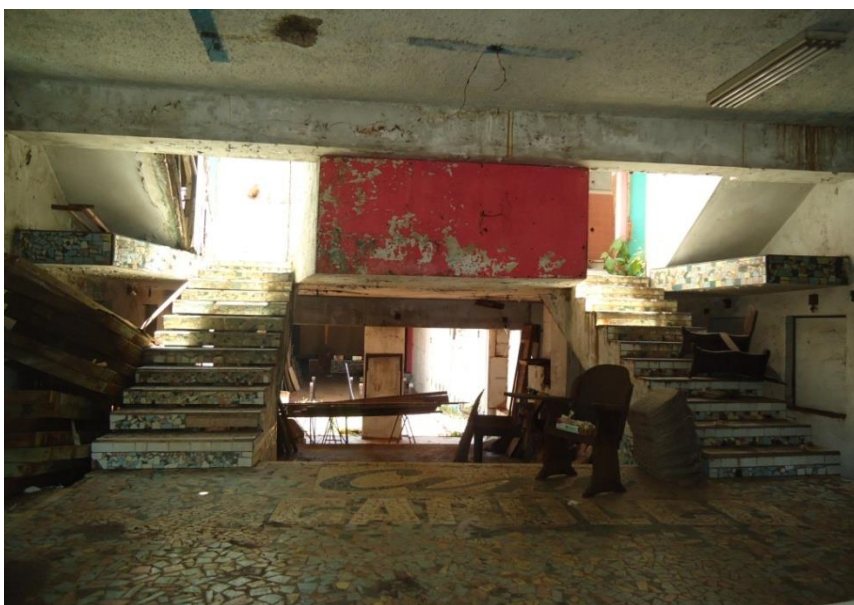


**Figura 32** - Telão do extinto Cine Acapulco ao fundo



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013)

**Figura 33** - Interior do extinto Cine Acapulco



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013)

Um dos motivos para o fechamento, em 1983, foram o progresso e o aumento exagerado de TV nos lares das famílias campo-grandense e o vídeo cassete, houve dificuldades para se manter as salas dos referidos cinemas abertas, com o público diminuindo e o alto custo delas.

O espaço do Cine Acapulco nunca deixou de pertencer à família Lahdo, que tem como projeto em andamento para o local a criação de um Museu do

Cinema, com o intuito de exibir filmes de arte e oferecer cursos na área da cinematografia.

## 2.11 CINE JALISCO

A primeira sala de exibição de cinema em formato de sobrado construído no estado foi o Cine Jalisco em Campo Grande, localizado na rua 14 de Julho, entre as ruas Barão do Rio Branco e Dom Aquino, no centro da cidade.

Seus proprietários, Abboud Lahdo e Bernardo Elias Lahdo, enfrentaram muitos obstáculos até que a sala de exibição fosse liberada pela prefeitura. Essa alegava que a sala não oferecia segurança em caso de incêndio, pois a sala de exibição ficava no piso superior, e se ocorresse um incêndio a população seria carbonizada ou pisoteada nas escadarias de entrada e saída.

Esse embate durou cerca de seis meses até a liberação, sendo necessário que os irmãos provassem na justiça a existência de outras salas desse modelo no Brasil, conseguindo, assim, uma liminar para a inauguração e funcionamento. Até que em 1969, o Cine Jalisco foi inaugurado, com uma sala de pequeno porte com capacidade para 153 lugares, com o objetivo de exibir somente filmes culturais “de arte”.

No Cine Jalisco, foi realizado o primeiro festival de cinema de Campo Grande, sendo exibidos filmes de diversos países, todos precedidos de debate cultural. Os amantes de filmes de arte, estudantes, professores, tinham no Cine Jalisco um espaço para debate de cunho político cultural e formulação de crítica sobre os filmes exibidos (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

O Cine Jalisco teve uma duração curta de apenas dois anos, pois não conseguindo um público cativo, encerrou as atividades em virtude do alto custo para manter a sala funcionando.

Em entrevista concedida à pesquisadora em 2013, Bernardo Elias Lahdo relatou que não deixou de exibir os filmes da programação, mesmo que não tivesse nenhum espectador, pois queria lutar por um espaço onde se pudesse ter um debate cultural, o qual foi tão solicitado pela sociedade.

Atualmente, o local é ocupado por uma galeria, o espaço foi revitalizado após a limpeza das fachadas das lojas da rua 14 de Julho atendendo um projeto da Prefeitura, o prédio (Figura 34) e a parede ocupada pela tela de projeção do Cine Jalisco foram preservados.

**Figura 34** - Local atual do extinto Cine Jalisco em duas fases



Fonte: Acervo pessoal Celso Higa (2013).

Após a revitalização das fachadas é possível visualizar a denominação do prédio - “Edifício Lahdo” (Figura 35), homenagem a seus idealizadores, fundadores e atuais proprietários.

**Figura 35** - Denominação do Edifício Lahdo de fachada do extinto Cine Jalisco



Fonte: Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

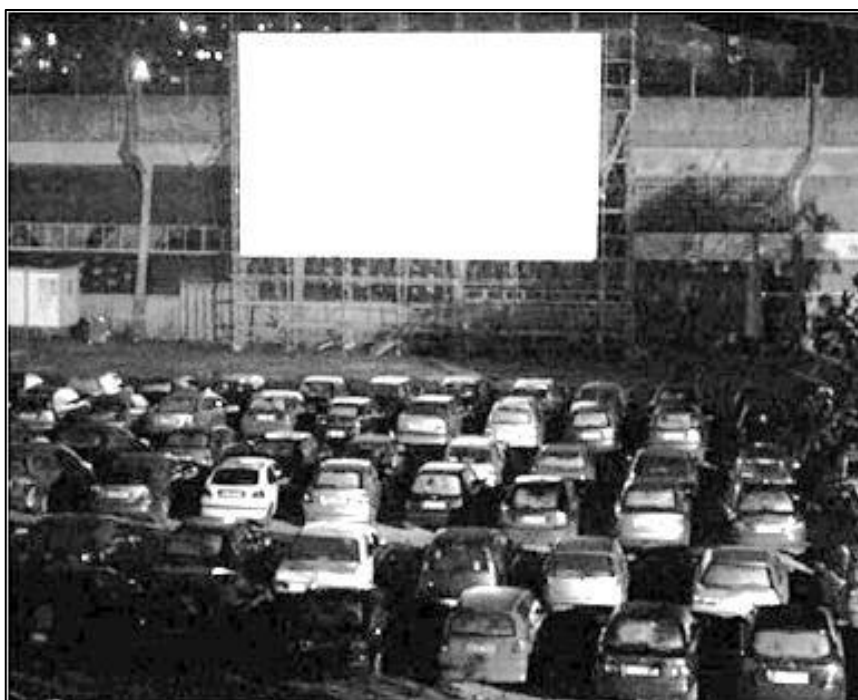


## 2.12 AUTOCINE

O primeiro cinema ao ar livre inaugurado na região Centro Oeste ocorreu em 1972, em Campo Grande, pelo reitor da então Universidade Estadual de Mato Grosso - João Pereira da Rosa. Localizava-se no Campus da (UEMT), ao lado do estádio Moreirão.

O Autocine (Figura 36), considerado um espaço diferenciado por sua estrutura moderna, na qual o espectador poderia assistir ao filme no conforto de seu carro, foi por muito tempo preferência da juventude motorizada e tinha capacidade para 128 carros e uma pequena arquibancada na parte de trás do espaço reservado aos carros, para telespectadores sem veículo automotivo.

**Figura 36** - Extinto Autocine em funcionamento



**Fonte:** Acervo pessoal de Edson Contar (2013).

A administração do Autocine era responsabilidade da empresa do Grupo Pedutti, assim como a escolha dos filmes, a contratação de funcionários e tinha o compromisso de repassar o valor mensal do custo do aluguel do espaço para a então UEMT<sup>6</sup> (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

---

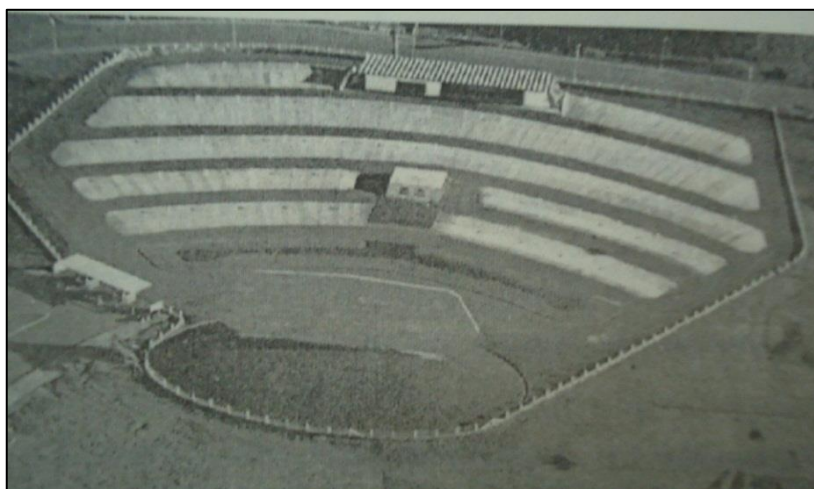
<sup>6</sup> A UEMT federalizou-se e passou a ser Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, após a instalação do novo Estado.

A parceria com a empresa Pedutti encerrou-se em 1983, e desse ano em diante, a administração passou a ser da UFMS, que designou um funcionário do seu quadro funcional, para ser o administrador responsável do cinema.

As sessões eram diárias e, para seu funcionamento, a sala de projeção localizada no meio da pista (Figura 37), projetava as imagens dos filmes no telão de concreto e cada carro recebia uma caixa de som na entrada, estacionava ao lado de um amplificador de som e ligava essa caixa. Os casais de namorados em sua maioria de estudantes lotavam o Autocine, a preferência de muitos namorados pelo Autocine era justamente pela privacidade, visto que tinha o escurinho do cinema, um bom filme e não tinha a luz dos lanterninhas das salas de exibição.

Infelizmente, com o decorrer do tempo e por falta de manutenção e investimento, o Autocine deixou de funcionar.

**Figura 37** - Imagem do Autocine recém-construído



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 64).

Os filmes de lançamentos demoravam a ser exibidos no Autocine por causa da política das distribuidoras, pois após o rompimento da universidade com a empresa do Grupo Pedutti em relação à administração do cinema, a aquisição dos filmes ficou cada vez mais difícil por motivo da concorrência. Os lançamentos vinham todos para a empresa do Grupo Pedutti que mantinha na programação de cinemas as mais novas películas.

O Autocine deixou de funcionar em 1989 em razão da chegada do vídeo cassete e seu uso nas residências. No local atualmente, apenas a tela de concreto

(Figura 38) utilizada na época para projeção dos filmes. A UFMS tem planos para a criação no local do Autocine de um espaço de lazer e eventos para a comunidade acadêmica com palco, cantina, sanitários, lojas, bancos, entre outros.

**Figura 38** - Local atual do extinto Autocine - UFMS



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

Os espaços dos cinemas em sua maioria foram (des)territorializados, motivo que contribuiu para o descaso público, a depredação, ausência de identidade da população local, mas esses espaços antes frequentados ainda ficam na memória, mesmo que adormecida, dos frequentadores de Campo Grande - MS.

## 2.13 CINE NOVA CAMPO GRANDE

O Cine Nova Campo Grande (Figura 39), inaugurado em 1975 pelo casal Ubirajara Ortega, tenente da Força Expedicionária Brasileira e sua esposa Adelina Arce Ortega, localizava-se no fim da rua nº 49, no bairro Nova Campo Grande e tinha capacidade para 250 pessoas (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

**Figura 39** - Local atual do extinto Cine Nova Campo Grande



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

O espaço ocupado pelo Cine Nova Campo Grande resiste ao tempo, pois moradores do bairro utilizam o local como ponto de referência “a rua do antigo cinema”. O proprietário atual Tercio Mardine mora no local desde 1999 e teve muito trabalho para reformar o interior do prédio. O telhado, piso de taco e louças dos sanitários foram destruídos e retirados por vândalos, somente a estrutura externa encontra-se como no passado (Figura 40).

**Figura 40** - Interior do extinto Cine Nova Campo Grande



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

Pinheiro e Fischer (2008) relatam que o Cine Nova Campo Grande funcionou por cinco anos, exibia filmes variados, mas dificilmente lançamentos, as sessões eram sempre aos sábados, domingos e em algumas quartas-feiras e a sessão tinha início às 19 horas. Havia um pequeno intervalo de 10 minutos e os espectadores aproveitavam para comprar balas, ou ir ao banheiro.

Dentre os filmes apresentados no Cine Nova Campo Grande destacam-se: “Sansão e Dalila” (1949), “Dólar Furado” (1965), “Tarzan, o magnífico” (1960), “A Dança dos Vampiros (1967). A propaganda dos filmes era feita por um alto falante instalado no interior do próprio cinema que, uma hora antes de iniciar a exibição do filme, anunciava com uma música de fundo: assista logo mais às 19 horas, no Cine Nova Campo Grande, o filme...

O Cine Nova Campo Grande não tinha funcionários, apenas seus proprietários e o filho administravam o recinto. Para a cidade de Campo Grande, o Cine Nova Campo Grande trouxe um desenvolvimento para essa região da cidade, pois o transporte coletivo na época era muito deficitário e o ponto de encontro da comunidade do bairro era o cinema, que tinha ingresso a preços populares.

Ubirajara Ortega emprestava o prédio para cultos e eventos religiosos, e para os moradores fazerem suas reuniões para reivindicar melhorias para o bairro; também eram encenadas, no local, peças teatrais e festas juninas que a própria comunidade organizava (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Nos últimos anos, sob a responsabilidade do proprietário atual, houve, por um pequeno período de tempo, um criadouro de chinchila, mas não tendo rentabilidade, o proprietário desistiu da criação e, atualmente, utiliza o espaço como depósito e em outra parte do prédio serve como local de confraternização de amigos.

Dessa forma, pode-se verificar que o bairro que foi idealizado para ser um bairro diferenciado e nobre, por estar afastado do centro, com suas ruas largas, projetadas, denominadas por números, a arquitetura e o material para construção das casas deveriam seguir um padrão de alta qualidade. Porém, segundo o morador do bairro Marcos Pedrosa, o desenvolvimento que era para acontecer no bairro, foi todo transferido para o Parque dos Poderes, e dessa forma o bairro continua distante do crescimento da cidade.



## 2.14 CINE PLAZA

Inaugurou-se em 1970, no piso superior no interior do extinto Terminal Rodoviário, localizado na rua Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, 200, entre as ruas Barão do Rio Branco, Dom Aquino e Vasconcelos Fernandes, pela Empresa do Grupo Pedutti, o Cine Plaza funcionou entre 1977 e 1993 e foi um local frequentado por diversos públicos, até seu fechamento no ano de 2010.

Algumas exhibições fizeram com que muitas famílias com suas crianças, chegassem cedo para adquirir ingressos para assistirem a filmes como: “Os Trapalhões” e “Super Xuxa contra o Baixo Astral” (1989).

Os valores dos ingressos cobrados pelo Cine Plaza (Figura 41) eram diferenciados dos demais cinemas devido ao seu interior, contemplado por uma sala de espera com American bar, ar condicionado, som *dolby* e *stereo*, contava com uma parede de vidro que separava a plateia da sala do bar, dos frequentadores do interior da sala de exibição, impedindo que o som de um ambiente atrapalhasse o do outro.

**Figura 41-** Bilheteria e local de espera do extinto Cine Plaza



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 67-68).

As sessões do Cine Plaza iniciavam às 14 horas e terminava às 24 horas, juntamente com o Cine Center, pois era um de frente para o outro e tinha como proprietário o mesmo dono, a Empresa Pedutti. Com a inauguração do Shopping

Center Campo Grande e seus cinemas o Haway I e II, o público migrou do cine Plaza, Cine Center e o extinto Cine Campo Grande para o Cinema do interior do *Shopping Center Campo Grande*.

Com o público do Cine Plaza diminuindo gradativamente, seu proprietário não conseguiu mais arcar com as despesas e muito menos competir com as novas tecnologias trazidas pelos Cines Haway I e II, acabou fechando as portas de mais uma sala de exibição cinematográfica inovadora no momento.

O Cine Plaza, com suas atividades já encerradas, foi vendido em 2003, para a família Lahdo, atual proprietária. O espaço foi alugado. No início de 2011, no local foi inaugurada uma Boate chamada Non Stop para o público homoafetivo e simpatizantes (Figura 42), e desativada em meados de 2012.

**Figura 42** - Interior do extinto Cine Plaza - Boate *Non Stop* (2010)



**Fonte:** <http://sempretudoaqui.blogspot.com.br> (2012).

Atualmente, o local encontra-se fechado e precisando de uma revitalização. Após o terminal urbano ter sido desativado, todo o complexo do piso superior está abandonado, servindo apenas de esconderijo para marginais e moradores de rua.

## 2.15 CINE CENTER

Juntamente com o Cine Plaza, a inauguração do Cine Center (Figura 43) ocorreu em 1970. A proprietária - Empresa Pedutti - administrava os dois cinemas no interior do extinto Terminal Rodoviário de Campo Grande.

**Figura 43** - Fachada do extinto Cine Center

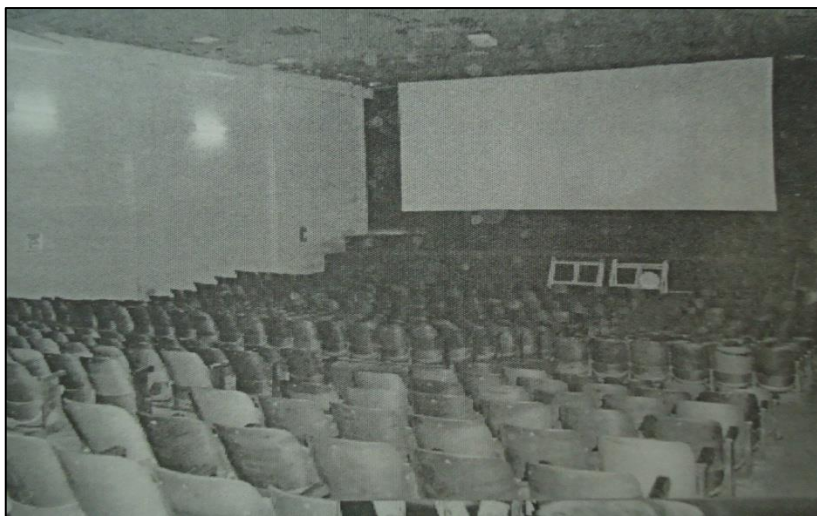


**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 67).

Apesar da existência de duas salas de exibição no mesmo prédio, e do mesmo proprietário, por um período, identificou-se que o público dos dois cinemas era distinto (Figura 44). Os valores dos ingressos e a programação dos filmes podem ter sido um dos motivos desse fato.



**Figura 44** - Interior do extinto Cine Center



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 68).

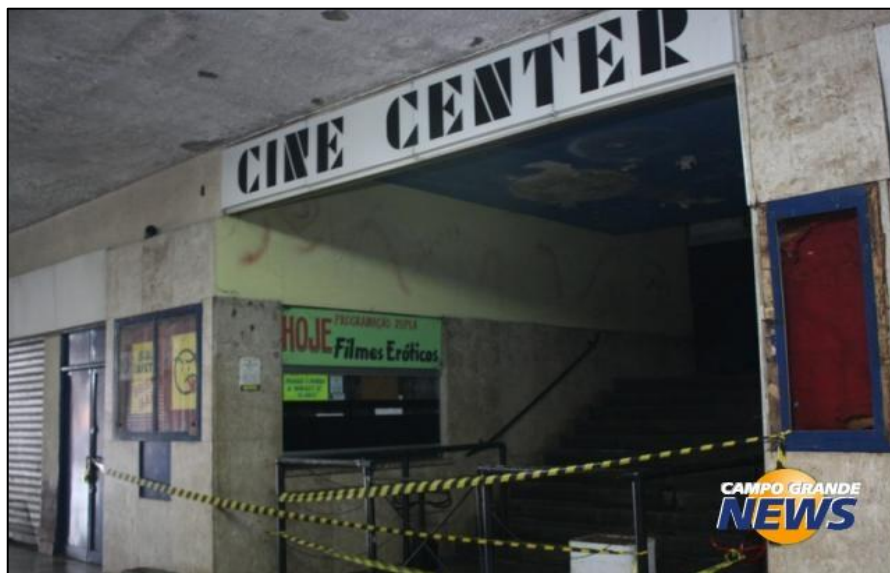
O Cine Center foi arrendado pela empresa administradora dos Cines Haway I e II inaugurados no piso superior do Shopping Campo Grande em 1980, ficando por 12 anos sob sua administração. Posteriormente, passou a administrar o Cine Center outra empresa, cujo proprietário era Alberto Bittelli. Em 1992 começou a exhibir em sua programação somente filmes pornográficos até o seu fechamento ocorrido em 2013 (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

A capacidade do Cine Center era para 600 pessoas, e os filmes eram projetados na tela de 6 metros de altura, por 18 metros de largura. Houve momento em pleno funcionamento que os filmes eram projetados ininterruptamente das 11 às 20 horas. O Cine Center projetava filmes no formato VHS para economizar e no seu interior havia um bar que vendia guloseimas, bebidas, pipocas e cigarros. Com o decorrer do tempo, passou-se a liberar a entrada de alimentos, refrigerantes e em algumas salas até o uso do cigarro nas salas de exibição.

No início de suas atividades, a programação do Cine Center era bem elaborada e exibia somente lançamentos sendo seu público formado por adultos e crianças. Após a inauguração, em 1989, do cinema do *shopping* da cidade e com o afastamento dos frequentadores, passou a exhibir filmes pornográficos. O Cine Center funcionou até recentemente no ano de 2013. Após a desativação do Terminal Rodoviário, diminuiu muito a frequência das salas de exibição. O local (Figura 45)

passou por algumas interdições por determinação judicial, pois havia a denúncia de que pessoas estavam adentrando na sala para uso de entorpecentes.

**Figura 45** - Fachada atual do extinto Cine Center



Fonte: <http://www.campograndenews.com.br> (2013).

O hoje extinto Terminal Rodoviário era considerado como um pequeno *shopping* e, em seu interior, encontravam-se lanchonetes, restaurantes, lojas de eletrodomésticos, de brinquedos, de roupas, de calçados, bancos e duas salas de cinema. Mas com a inauguração do primeiro *shopping* na capital do estado, Shopping Campo Grande, seu público foi diminuindo gradativamente, até que em 2010 foi inaugurado o novo Terminal Rodoviário.

Atualmente, nesse local, está o posto da Guarda Municipal, e alguns lojistas que resistem ao tempo, com o desejo de ver o espaço revitalizado, teimando em sobreviver com o seu comércio.

## 2.16 CINES HAWAY I e II

Com a inauguração do Shopping Campo Grande, a cidade ganhou um novo conceito de cinema, com um complexo de lojas e magazines, bancos, supermercados e estacionamento. As duas salas dos Cines Haway I e II comportavam 642 pessoas.

Pinheiro e Fischer (2008) observam que os Cines Haway I e II funcionaram por 11 anos na cidade. A primeira empresa administradora foi o Grupo Haway Ltda (até 1994) e, posteriormente, a Empresa Cinematográfica Campo Grande Ltda, administrou os dois cines até o encerramento das atividades em 2000.

Os Cines Haway I e II (Figura 46) movimentaram muito a economia local, juntamente com o *shopping center*, gerador de um novo modelo de consumo da população. Nesses cinemas, encontravam-se não só uma forma de diversão como também a segurança maior não oferecida pelos estabelecimentos cinematográficos localizados no centro da cidade.

**Figura 46** - Fachada do extinto Cine Haway I



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 148).

No ano de 2000, o Shopping Campo Grande inaugurou um modelo ainda mais inovador e ambicioso: o Cinemark - um cinema da Rede Cinemark, com dez salas e exibições de filmes *blockbuster* (palavra utilizada para expressar filmes de grandes bilheterias), sendo que os frequentadores deixaram os Cines Haway I e II, e passaram a frequentar o outro cinema, pela tecnologia e outros fatores. Os Cines Haway I e II, mesmo com valores dos ingressos menores, não conseguiram concorrer com a Rede Cinemark, fechando as portas em 2000.

O local ocupado pelos Cines Haway I e II, atualmente, foi ocupado pela parte da nova expansão do *shopping* (Figura 47), não deixando nenhuma recordação na estrutura física antiga.

**Figura 47** - Local onde abrigava os extintos Cines Haway I e II



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2012).

## 2.17 CINECULTURA

Pode-se afirmar que o precursor do Cine Cultura foi o CineClube, que teve seu início na época da ditadura militar, com cinéfilos da época. Foi criado esse espaço para a comunidade, principalmente, para jovens estudantes debaterem assuntos relacionados à cultura, à política e sobretudo cinema.

Em Campo Grande, “a grande idealizadora do CineClube foi a professora Maria da Glória Sá Rosa que, no final de 1960 (67/68)”, período em que ela era coordenadora do curso de Letras da então FUCMAT, iniciou a exibição de filmes, com debates, na casa dos cineclubistas, nos salões dos Colégios: Nossa Senhora Auxiliadora e Escola Estadual Maria Constança Barros Machado (PINHEIRO; FISCHER, 2008, p. 85).

Os longas metragens exibidos nos CineClubes, daquele período, eram filmes de arte, vindos da Itália, da França e de países da América Latina. Alguns foram produzidos pelos próprios cineclubistas que, diante daquele momento difícil da ditadura militar, repressão e censura, contavam com esse espaço, para expor seus pensamentos por meio da linguagem cinematográfica.

Para manter o funcionamento do CineClube eram necessárias doações dos associados e parceiros. Por ser um período de censura, além dos militares, alguns membros da igreja, também tentavam censurar algumas películas. Diante disso, alguns filmes exibiam apenas 1/3 do longa, o restante era cortado pela censura.

Segundo Pinheiro e Fischer (2008, p. 95), o “Cineclube de Campo Grande não teve uma sede própria, funcionava pela paixão de seus idealizadores, parceiros e cinéfilos, que tinham um lema “uma ideia na cabeça e um projetor 16mm nas costas”. Em todo o Brasil, os cineclubes funcionavam como entidades sem fins lucrativos.

O desenvolvimento trazido pelo cineclube no espaço localizado no bairro Nova Lima, foi muito relevante, pois deixou o bairro em evidência na mídia e, conseqüentemente, aos olhos do poder público, conseguindo a construção de uma horta comunitária, um clube de mães e a abertura de uma escola (PINHEIRO; FISCHER, 2008). O cineclubismo não apreciava a forma de transformação da cultura em mercadoria.

O cineclube foi desativado no final da gestão de Paulo César Duarte Paes, que presidiu o Cineclube de 1982 a 1986. Após o encerramento das atividades do cineclube, o presidente entregou um dos projetores do Cineclube ao Serviço Social do Comércio e o outro foi doado para o Centro Cultural José Octávio Guizzo (PINHEIRO; FISCHER, 2008).

Quando o Cineclube fechou, os cinéfilos ficaram órfãos do espaço para os debates, mas em 2002, a comunidade campo-grandense recebeu a notícia da inauguração de um espaço dedicado à exibição de filmes de arte que tinha a preocupação com a estética, debates e discussões, que era a finalidade do CineCultura.

O primeiro espaço ocupado pelo CineCultura (Figura 48) em Campo Grande foi na rua Barão do Rio Branco, 1793, ao lado do antigo Museu Dom Bosco, local antes ocupado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul e, com isso, as cadeiras do parlamento serviram como poltrona para o CineCultura.

**Figura 48 - Primeira sede CineCultura**



**Fonte:** PINHEIRO; FISCHER (2008, p. 138).

Pinheiro e Fischer (2008) ressaltam que o projeto da implantação do CineCultura em Campo Grande foi idealizado por Nilson Rodrigues, um produtor cultural, que sentia a necessidade de um espaço para apreciação dos filmes de arte e dos debates. A primeira sessão do CineCultura foi realizada em 2002, com a exibição do filme “O invasor” (2001).

No ano de 2002, foi realizado um projeto com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul - “A escola vai ao cinema” com o objetivo de formar um público para a apreciação da sétima arte na cidade. Durante o funcionamento do projeto (que durou seis meses), mais de 20 mil alunos assistiram a filmes no CineCultura. Com a mudança do Museu para o interior do Parque das Nações Indígenas em 2006, o CineCultura fechou as portas.

O CineCultura foi reinstalado na avenida Afonso Pena, 5420 (Complexo do Pátio Avenida) (Figura 49), próximo ao *Shopping Campo Grande*. A nova localização deu mais visibilidade ao cinema, tendo um aumento considerável de frequentadores. Comportava 88 lugares, com um público mensal de 700 pessoas. A partir de 2007, o CineCultura foi mantido pela Prefeitura Municipal de Campo Grande e por parceiros empresários que apoiam as atividades culturais.



**Figura 49** - Última sede do extinto CineCultura



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2012).

Pinheiro e Fischer (2008, p. 243) mencionam que outra forma para arrecadar recursos financeiros foi a implantação de uma Associação dos Amigos do CineCultura (AACIC), com doações que variavam entre 10 e 50 reais, assim, os associados discutiam e articulavam junto à diretoria do CineCultura projetos para diversificarem as temáticas dos filmes exibidos.

Apesar do esforço de algumas pessoas em manter o CineCultura funcionando, em 2011, suas atividades foram encerradas e a comunidade perdeu mais um espaço importante.

Atualmente, no Museu de Imagem e Som (MIS), na avenida Fernando Correa da Costa, nº 559, 3º andar, há uma semana em cada mês dedicada à exibição de filmes de arte com espaço para a discussões, mas com demanda pequena, talvez por falta de divulgação.

## 2.18 CINE CAMPO GRANDE

O Cine Campo Grande (Figura 50), inaugurado em 1980, localizado na rua 15 de Novembro, 750, entre as ruas Pedro Celestino e Rui Barbosa, com duas

salas de exibição e capacidade para 490 pessoas, era da Empresa Cinematográfica Araújo.

**Figura 50** - Fachada do extinto Cine Campo Grande



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2013).

Antes de seu fechamento, o Cine Campo Grande era considerado um cinema popular, pelos valores do ingresso, a facilidade no acesso (no centro da cidade). A exibição de filmes de lançamentos mundiais fez com que esse cinema perdurasse por 32 anos, deixando muito boas recordações para seus frequentadores.

Pinheiro e Fischer (2008) afirmam que o valor das sessões nas segundas, terças e quintas era o equivalente na moeda atual a R\$ 8,00 e, que nas sextas, sábados e domingo o valor era de R\$ 10,00; crianças, idosos e estudantes pagavam meia entrada. Nas quartas, os ingressos para todos eram mais baratos, no valor de R\$ 3,50, e consequentemente, era o dia mais lotado.

O Cine Campo Grande, após sua última reforma ocorrida em 2006, teve o número de poltronas reduzido de 749 para 490 lugares, ficando a sala I com 220 lugares, e a sala II 270 lugares (Figura 51). Não houve mais reformas ou mesmo uma revitalização, ficando com um aspecto de abandono em sua fachada e interior



das salas de exibição. Com a inauguração dos Cines Haway I e II no Shopping Campo Grande, o público também foi diminuindo gradativamente.

**Figura 51** - Interior do extinto Cine Campo Grande (A)



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2013).

Os tipos de tecnologias utilizados no Cine Campo Grande eram de boa qualidade, o som era *dolby*, mono e *stéreo*, dependendo do filme em exibição. Com o passar dos anos, as sessões do Cine Campo Grande não tinham horários fixos, variavam de acordo com o filme a ser apresentado. Quando se imaginava que o filme seria muito procurado como os *blockbuster*, o cinema iniciava suas atividades logo no início da tarde. Sua *bomboniére* (Figura 52) não era muito diferente dos modelos antigos, oferecia pipoca, refrigerantes, doces (balas, chocolates e chicletes).

**Figura 52** - Interior do extinto Cine Campo Grande B



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013)

O que prejudicou o Cine Campo Grande foi a inauguração de outro cinema em Campo Grande com promoções de inauguração. Não conseguindo sustentar suas despesas, o proprietário deixou de investir e manter o Cine Campo Grande (Figura 53) e foi investir em um novo cinema na cidade de Dourados.

**Figura 53** - Fachada atual do extinto Cine Campo Grande



**Fonte:** Acervo pessoal Flaviana Miranda (2013).

O Cine Campo Grande encerrou suas atividades em dezembro de 2012. Atualmente, o espaço antes ocupado pelo Cine Campo Grande encontra-se fechado e o proprietário tem interesse em alugar o prédio.

## 2.19 CINEMARK

O grupo Cinemark foi fundado em 1984 nos Estados Unidos e passou a atuar também no Brasil a partir de 1997, iniciando suas atividades por São Paulo. Em 2010, operou 53 complexos distribuídos por 29 municípios brasileiros. Almeida (2003) ressalta que ocorreu o temor de que, com a chegada da nova tecnologia no Brasil, a concorrência estrangeira teria efeitos devastadores sobre o exibidor nacional, isso em meados de 1980.

Com a inauguração do primeiro complexo do Cinemark, em junho de 1997, na cidade de São José dos Campos, em São Paulo, verificou-se a implantação de uma nova tecnologia para os cinemas, sendo atualmente a maior rede de cinema instalada no Brasil. É uma multinacional norte-americana que detém o maior número de salas e a terceira no mundo, com mais de 3.900 salas em diversos países dentre eles: Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru e Taiwan. O grupo é especializado em utilizar nos cinemas a tecnologia do multiplex<sup>7</sup> (CINEMARK, 2013).

Em Campo Grande, o Cinemark iniciou suas atividades em 1999. O complexo com nove salas foi instalado no piso superior do *Shopping Campo Grande* (Figura 54), localizado na Avenida Afonso Pena nº 4909. Encontra-se em seu interior quatro salas com a tecnologia 3D, bilheteria automática para compra de ingressos, uma *bomboniére* tradicional (pipoca, doces e refrigerantes).

---

<sup>7</sup> Multiplex - caracterizado pela união de várias salas com conjunto de seis, oito, 18,32 ou mais, em um mesmo complexo na maioria das vezes *shopping centers* e, geralmente, as salas são utilizadas para exibição dos *blockbusters* simultânea. Gerando uma economia expressiva nos custos de operação e manutenção das salas (ANCINE).

**Figura 54** - Modelo das salas do Complexo do Cinemark



**Fonte:** <http://www.odocumento.com.br> (2013).

Grande parte dos filmes exibidos nesse cinema são *blockbusters* (grande público), promovendo sessões *matinês* no horário das 15 horas, para crianças e pais, todos os dias da semana.

O Cinemark de Campo Grande lançou, no ano de 2012, a sessão de terças-feiras de cada mês, no horário das 14 horas. Essas sessões são especialmente para as mães com bebês que elas não têm com quem deixar em casa e desejam ir ao cinema.

O espaço no interior da sala para essa sessão é todo adaptado tanto para as mães como para os bebês, desde a iluminação, som, temperatura do ar condicionado, até um fraldário foi adaptado. Na imagem (Figura 55) pode-se visualizar o aconchego das mães, transmitindo carinho, amor e uma forma de cultura, para seu bebê desde pequenino.

**Figura 55** - Espectadores da Sessão Cinematerna no Cinemark



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2012).

Criada em 26 de agosto de 2008, a Associação Cinematerna sem fins lucrativos tem o objetivo de viabilizar sessões nos cinemas, com todo o espaço adaptado para o resgate social e cultural da puérpera (mãe de um recém-nascido). O logotipo do Cinematerna foi um presente feito por uma frequentadora, Nádia Lemos, que remete uma poltrona de cinema vista de costa, onde aparecem a mãe e seu bebê. Atualmente, o Cinematerna contempla 27 cidades no Brasil, 53 salas de exibição, com 56 sessões mensais<sup>8</sup>.

## 2.20 CINÉPOLIS

O cinema inaugurado mais recentemente em 2011, na cidade de Campo Grande pertence à Rede do Cinépolis (Figura 56), localizado no interior do Complexo *Shopping Norte Sul Plaza*.

<sup>8</sup> Informações obtidas no site: <http://www.cinematerna.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2013.



**Figura 56** - Fachada do Cinépolis



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2013).

O Cinépolis tem origem mexicana, chegou ao Brasil em 2010, trazendo novidades. É um espaço que oferece lanches: baguetes recheadas, crepes, batata frita, entre outras guloseimas, contando ainda com poltronas reclináveis e braços recolhidos do modelo *stadium*. A capacidade de lugares no Cinépolis de Campo Grande é de 1427 poltronas, divididas em seis salas e três dessas salas utilizam a tecnologia 3D em suas exibições (Figura 57) .

No momento em Campo Grande, o que há de mais moderno em exibição cinematográfica encontra-se no Cinépolis.

**Figura 57** - Interior da sala do Cinépolis



**Fonte:** <http://www.campograndenews.com.br> (2013).

A história apresentada de cada cinema, neste capítulo, demonstra e relembra, por meio de imagens e por referências bibliográficas, que a cidade foi palco de grandes instalações para exibição cinematográfica, produções e apresentação de diversos espetáculos com artista da terra. Assim, a memória individual e coletiva de Campo Grande, junto aos seus frequentadores e ex-frequentadores dos cinemas pode e deve ser preservada.

Na última década, o setor cinematográfico vem passando por inúmeras mudanças, no exterior, no Brasil e em Campo Grande como um todo. Com a estabilização da moeda e a valorização cambial, os grupos estrangeiros de exibição investiram no mercado brasileiro, entre eles: Cinemark e Cinépolis em Campo Grande. Com isso, surgiu um novo conceito em exibição que são as salas *multiplex*, caracterizando-se pela exibição simultânea dos filmes em mais de uma sala ao mesmo tempo. Por esse motivo, as salas de exibição nesses complexos são reunidas em uma mesma estrutura predial, com o intuito de facilitar a exibição e, assim, diminuir os custos de operação, manutenção e aquisição de mais filmes, podendo oferecer variedade dos *blockbusters*.

### **3 A PERCEPÇÃO DOS CAMPO-GRANDENSES E FREQUENTADORES DOS CINEMAS EM CAMPO GRANDE-MS**

Para dimensionar os fatos que marcaram o desenvolvimento dos espaços cinematográficos, denominados cinemas de Campo Grande - MS foram utilizadas, histórias orais de frequentadores<sup>9</sup>, uma vez que a bibliografia sobre o tema é bastante escassa. Vale ressaltar que as narrativas contribuem para compor a história vivida.

Dessa forma, este capítulo aborda os relatos apresentados para esta pesquisadora pelos frequentadores dos cinemas, os quais colaboraram para compreender o tempo vivido nos espaços cinematográficos existentes na cidade, realizados por meio de entrevistas durante o ano de 2013, todas com autorização dos entrevistados.

De acordo com estudos de Ecléa Bosi (2003, p.23), a respeito da história oral, pode-se salientar que:

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

Para Halbwachs (2006), não é suficiente apenas reconstruir parte por parte da imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução funcione a partir dos dados individuais, comuns, que estejam interiorizados em nós e também nos outros, para que possa tornar uma memória coletiva de uma sociedade.

---

<sup>9</sup> Os entrevistados foram escolhidos dentre os campo-grandenses que frequentavam os cinemas em várias épocas diferentes para dar uma visão realista do ambiente cinematográfico.



Percebe-se, pelas falas dos entrevistados, a saudade sentida por alguns, de uma época considerada: glamorosa, divertida, alegre, marcante para a vida social e cultural vivida pela família e pela juventude em geral.

Devido aos distantes períodos de existência dos cinemas: Cine Brasil (1910), Cine Ideal (1913), Cine Rio Branco (1914), Cine Guarani/Cine Central (1921) e o Cine Trianon (1932), não foi possível entrevistar seus frequentadores.

Nota-se que existia preferência pelos cinemas, pois uns eram mais frequentados que outros, por diversos fatores, dentre esses: localização, acomodações da infraestrutura, gêneros dos filmes exibidos, nível social, entre outros.

A seguir é apresentado um breve relato de cada entrevistado em relação ao cinema frequentado, ou seja, a visão de cada um.

O Cine-teatro Santa Helena foi muito frequentado pela população de diversas classes sociais, em decorrência dos valores dos ingressos, influenciando na integração da colônia japonesa com a cultura e a comunidade auxiliou no desenvolvimento do local em que se instalou o prédio, de forma a se tornar uma região da cidade mais valorizada economicamente.

Pode-se constatar na fala do entrevistado Antônio Benedito Scatena<sup>15</sup>, ao recordar-se dos espaços de exibição na cidade, a saudade sentida de quando jovem, pois frequentava toda semana o cinema, relatou que o espaço se tornou um local de encontro e lazer da época, principalmente, aos sábados e domingos.

Para Antonio Scatena:

O Cine Santa Helena era um espaço mais popular, um cinema de gandaia e bagunça. A comunidade japonesa lotava o Cine Santa Helena todas as quintas-feiras, onde eram exibidas películas japonesas, alguns filmes na língua deles.

De acordo com Halbwachs (2006), a memória individual não se encontra totalmente isolada e fechada, pois para uma pessoa evocar seu próprio passado, é necessário que recorra às lembranças de outras, e se transporta a pontos de

---

<sup>15</sup> Antônio Benedito Scatena, 63 anos, nascido em Campo Grande – MS, advogado. Frequentador assíduo de cinemas no período de sua juventude. Tem filmes que foram exibidos em alguns cinemas da época e, como atualmente, é adepto do computador, assiste a seus filmes no conforto e segurança de seu lar.

referência que existem fora de si, determinados pela sociedade, desse modo, o funcionamento da memória individual não é possível sem as palavras e as ideias.

O entrevistado Celso Higa<sup>16</sup>, descendente de japoneses, no decorrer de sua entrevista demonstra uma paixão pela história desses cinemas de Campo Grande - MS e do Estado. Ele guarda em sua residência recortes de imagens, publicações feitas por ele nos jornais de Campo Grande, os quais fazem menção à história dos cinemas deste município e do Estado de Mato Grosso do Sul, e a música que tocava ao iniciar cada exibição cinematográfica da Rede Pedutti. Um frequentador assíduo dos espaços de exibição relembra que um dos únicos lugares de lazer e ponto de encontro da sociedade no passado eram os cinemas.

Dessa forma, o entrevistado relembrou um fato que ocorria sempre:

Meu pai era alfaiate, e quando o ajudava ele me dava mesada, essa eu guardava, para ir ao cinema no decorrer da semana à noite, porque nos finais de semana íamos em família, e se quisesse voltar durante a semana teria que guardar o dinheiro da mesada. Como sempre fui um apaixonado pela sétima arte, estava sempre disposto a ajudar os pais com a intenção da mesada.

Celso mencionou, durante a entrevista, que existia a troca de gibis que acontecia ao redor do Cine-teatro Santa Helena antes do início das sessões, um evento que movimentava os jovens e colecionadores, por isso o cinema era o mais frequentado, motivado pelo valor popular do ingresso e pela troca dos gibis.

Celso Higa recorda-se de quando os chacareiros vinham para a cidade em busca da venda das hortaliças produzidas no campo, e aproveitavam para assistir aos melodramas e filmes de origem nipônica. Ressalta-se que Campo Grande - MS é a segunda cidade do país onde se tem maior concentração de japoneses.

Tal referência é confirmada por Celso Higa, que afirmou:

Nas quintas-feiras, o Cine Santa Helena só exibia filmes da cultura japonesa. Recordo que a comunidade o chamavam de 'purgueiro', pela existência de pulgas na sala, e pela falta de manutenção, cheguei a ver ratos passando embaixo do piso que era de tablado de madeira nas sessões noturnas.

---

<sup>16</sup> Celso Higa, 58 anos, nascido em Campo Grande - MS, engenheiro. Denomina-se um historiador autodidata, tendo em sua residência arquivados recortes de jornais e artigos de revista publicados por ele, com relação às histórias dos cinemas do estado.

Existia a sessão do troco, o entrevistado exemplifica que em uma sessão no valor de hoje R\$ 3,00 (três reais), era necessário levar três notas de R\$ 1,00 (um real), para formar troco para os outros cinemas da mesma administração. Na sessão do troco, complementa, os filmes exibidos, eram os de grande sucesso de lançamento e eram reprisados durante a promoção.

David Cardoso<sup>17</sup>, ator, produtor, diretor de cinema, considerado um cineasta em nossa região, e sempre muito apaixonado pela sétima arte. Em nosso Estado, foi o único a produzir sete (7) filmes, sendo cinco (5) longas metragem, 1 média e 1 curta. Seu mais recente trabalho foi “Maria Fumaça” que encerrou o festival de Anápolis - GO (2013).

Durante a realização da entrevista, David Cardoso expôs o seu interesse em produzir um filme que retratasse a realidade dos indivíduos considerados “sem defesa” (idoso, criança, deficiente), atualmente encontra-se em busca de patrocínio para a produção do longa metragem.

Ele recorda que frequentava o cinema em Campo Grande de cinco a sete vezes por semana, como se pode constatar em sua fala:

Eu saía do colégio, do científico, vinha na *matinê*. Meu pai falava que tinha que ter nota, não precisava ser 10, mas tinha que ter a média, falavam meu pai e minha mãe. Então de cinco a sete vezes por semana participava das sessões e, muitas vezes assistia ao mesmo filme, quando gostava.

Ao recordar-se do Cine-teatro Santa Helena, David Cardoso relata que era um cinema de bagunça, às vezes, não dava para ver o filme no Cine Alhambra, falávamos com amigos, “*vamos lá no Santa Helena mesmo...*”, era como uma segunda opção para ele, considerado um cinema mais simples, com poltronas de madeira, grande parte de seus frequentadores eram pessoas mais simples, destaca que o valor dos ingressos era mais acessível, era metade do preço do Cine Alhambra.

---

<sup>17</sup> David Cardoso, 68 anos, nascido em Maracaju, ator, produtor e cineasta. Morador de Campo Grande-MS, conceituado no Brasil e no mundo, quando se fala de produção de cinematográfica, tem saudades do cinema glamoroso e vê o cinema atual vulgarizado.

Pode-se destacar também a entrevista de Arlinda Cantero Dorsa<sup>18</sup> que se recorda de ter frequentado os cinemas de Campo Grande-MS desde sua infância. São eles: Cine Alhambra, Cine Estrela, Cine-teatro Santa Helena, Cine Acapulco, Cine Jalisco, Cine Rialto, AutoCine, Cine Plaza, Cine Center, Cine Cultura, Cines Haway I e II, Cine Campo Grande, Cinemark, Cinépolis. Pode-se concluir que é uma grande admiradora da sétima arte.

Lembra a entrevistada de ter ido aos cinemas no passado com mais frequência, por ser uma diversão e por falta de outras opções. Uma realidade bem diferente de hoje, pois era um tempo sem televisão, na época um local de encontro de amigos, de famílias, mas que atualmente quase não realiza esse tipo de lazer.

Menciona ainda a entrevistada que, em Campo Grande, não existiam espaços específicos para o teatro e, quando havia algum show ou apresentação teatral, essas ocorriam no espaço do Cine-teatro Santa Helena, alguns desses fatos ficaram marcados na vida dessa campo-grandense.

Arlinda Cantero Dorsa, emocionada comenta:

Uma lembrança positiva que guardo desse cinema é relacionada à minha infância, que foi na apresentação do Palhaço Carequinha, um artista que fez tanto sucesso na vida das crianças brasileiras no final da década 50 e início da de 60, o palhaço transformou o palco do cinema em um grande circo.

A entrevistada afirmou também que do Cine Santa Helena tem lembranças alegres e tristes e que na realização de um show, em 1966, do grupo Zimbo Trio, que era o conjunto que acompanhava Elis Regina em suas apresentações e de forma bem sintomática, durante os intervalos os componentes da banda, ao passarem por trás da cortina furada em vários locais, colocavam o rosto. Essa postura foi considerada pelos expectadores um deboche. A entrevista assinalou que assistindo àquela cena como campo-grandense se sentiu muito ofendida.

Com esse depoimento, pode-se perceber que as instalações do Cine-teatro Santa Helena já não se encontravam em bom estado de conservação. Sendo

---

<sup>18</sup> Arlinda Cantero Dorsa, 63 anos, nascida em Campo Grande – MS, professora. Frequentadora de vários cinemas de Campo Grande-MS. Emocionou-se no decorrer das falas, atualmente, frequenta os cinemas atuais com menos intensidade.

assim, não demorou muito para que seu fechamento ocorresse e, dessa forma, seu espaço foi (des)territorializado, e (re)territorializado.

Essas falas demonstram que esses espaços de exibição cinematográfica tiveram relevância para a comunidade frequentadora naquele período pois, ao mesmo tempo, auxiliaram no desenvolvimento econômico, gerando renda para os proprietários dos espaços e no desenvolvimento da cidade, de forma que o lado social e cultural da juventude campo-grandense foi também aguçado.

Em relação ao Cine Alhambra, era considerado um cinema e casa de espetáculo belíssima, muito frequentado e reconhecido pela população como um espaço diferenciado por sua arquitetura inovadora, com camarotes e poltronas sequenciais, frequentado por público de diferentes classes sociais, com a ressalva dos camarotes que eram frequentados pelos que tinham uma renda elevada, era mais a elite que usava esse espaço dentro do cinema.

O entrevistado Antônio Scatena recorda-se que:

Os camarotes do Cine Alhambra eram frequentados pela elite campo-grandense, o público das outras classes econômicas frequentava o piso térreo, o valor do ingresso do camarote era três vezes maior que o do piso térreo. Esse cinema, para mim, ficou marcado por exibir filmes de *bang bang* e romântico e, principalmente, filmes do ator Mazzaropi, nesses era sinônimo de sessão lotada.

O Cine Alhambra, por ser localizado no centro da cidade e ao lado da praça central era ponto de encontro da sociedade campo-grandense, e nos dias de lançamentos de filmes, que tinham a participação do ator Mazzaropi, era necessária paciência para a aquisição de ingressos, pois as filas eram gigantescas.

O entrevistado Celso Higa recorda-se tanto das sessões das 9 horas da manhã, chamada matinal, como também dos camarotes do Cine Alhambra e assinala que viveu nesse espaço uma fase muito marcante de sua vida. Recorda-se de filmes apresentados nessas sessões como sendo de *bang bang*, épicos, samurais em preto e branco, durante os festivais realizados nesse cinema.

Para David Cardoso, um cinema muito frequentado por ele, foi o Cine Alhambra, mas frequentou o Cine Rialto, o Cine Santa Helena. Em relação às

lembranças do Cine Alhambra para o entrevistado David Cardoso, assinalou-se um saudosismo muito grande, por ele demonstrado da seguinte forma:

A primeira lembrança que me vem do Cine Alhambra é a música de entrada no início da sessão, '*Amores Clandestinos*', o Cine Alhambra representava um cinema lançador, muitos filmes eram exibidos primeiro ali, e nessa época tínhamos os '*foots*', onde os rapazes aproveitavam para ficar andando no interior do cinema, sempre uns quinze minutos antes do início da exibição, e aproveitavam para paquerar, procurando uma menina para namorar. Era nossa extinta paquera, era um ambiente gostoso, bucólico e que infelizmente acabou.

David Cardoso complementa ainda que eram usados dois toques antes de se iniciar a sessão, para que se localizasse o lugar para se sentar. O primeiro "*Pammmmm*" dado diminuía um pouco a luz, então já se sabia que daí a pouquinho teria que se sentar, logo a seguir tocava-se outro e a luz diminuía mais, então era momento de se sentar, pois, iria iniciar a sessão. Outra recordação do entrevistado foi a respeito dos camarotes individuais, para quatro pessoas do extinto Cine Alhambra, e como os valores do ingresso eram elevados, seus frequentadores era a elite campo-grandense, "esse romantismo acabou [...]".

Cardoso registra ainda que mantém um cinema na cidade de Terenos, município próximo de Campo Grande, chamado Cine Alhambra 2, espaço onde exhibe filmes uma vez por mês, para um grupo de pessoas convidadas e, ao iniciar, a sessão toca a música recordada.

Pelos relatos, percebe-se que os cinemas trouxeram para a comunidade de Campo Grande um desenvolvimento local real, considerando que Rozas (1998), conceitua desenvolvimento, como sendo uma perspectiva de construção social, e não somente em relação aos interesses materiais.

O Cine Alhambra fez parte de um período em que os moradores não tinham opções de lazer, a maioria deles se encontrava nas portas dos cinemas com famílias, ou amigos e casais de namorados. Era um divertimento que determinou uma mudança cultural na sociedade campo-grandense. Tal referência é confirmada pelo depoimento de Arlinda Cantero Dorsa, que estabeleceu o seguinte:

Cada cinema frequentado tem uma recordação e um sentido especial, meu preferido foi o Cine Alhambra, por uma série de razões. Frequentei em várias fases de minha vida, durante minha

infância, meus onze anos de namoro, depois casada, e junto de minha família. Era uma fonte de diversão familiar, para toda minha geração do final da década de 50 e início de 60, a ida ao cinema era como uma espécie de ritual. Frequentava as *matinês* com amigos, e à noite, o camarote com meus pais. Recordo, ao entrar, ver o palco ao fundo, os camarotes no piso superior, do espaço que foi utilizado para apresentação de shows.

Dessa forma, era comum durante o período das férias, muitos jovens lotarem as sessões. Não havendo outros lugares para se encontrar, o cinema se tornou o ponto de encontro dessa geração campo-grandense dos anos 50 e 60.

Arlinda Cantero Dorsa recorda-se ainda que:

Assistiu a um show de mariaches mexicanos, no período em que a televisão começou a chegar às residências, em 1965 e 1966. Foi uma grande decepção e tristeza acordar com o fechamento do Cine Alhambra e em consequência sua demolição.

O entrevistado Marcos Antonio Pedrosa Espinosa <sup>19</sup> ao comentar sobre os cinemas frequentados, demonstrou um sentimento saudosista, afirmando que chegou a frequentar esses espaços de três a quatro vezes ao mês. Uma situação bem diferente da atual, pois com a televisão, rede de computadores interligados via internet, DVD, infelizmente se tornou raridade um passeio ao cinema. Recorda-se de ir ao Cine Alhambra algumas vezes com amigos, relatando um fato ocorrido lá, sobre uma briga entre um amigo e um lanterninha, por motivo de paquera no interior do cinema, sendo todos expulsos e que não puderam mais assistir ao filme por completo.

O entrevistado enfatiza que um dos melhores cinemas existentes em Campo Grande nas décadas passadas foi o Cine Alhambra, pois tinha uma excelente localização, próximo à praça central, uma infraestrutura boa e excelente programação de filmes.

Cada entrevistado relembrou o tempo de suas idas aos cinemas, pois o tempo vivido é um ambiente (des)territorializado, o qual pode atribuir ao lugar e à comunidade o desenvolvimento cultural. Por ser um acontecimento passado, para cada frequentador existe um significado diferente em relação ao conjunto, e este é o

---

<sup>19</sup> Marcos Antonio Pedrosa Espinosa, 44 anos, nascido em Campo Grande - MS, empresário, sobrinho do construtor do espaço ocupado pelo Cine Nova Campo Grande, atual presidente da associação dos moradores do bairro Nova Campo Grande.

significado encontrado e conservado. Para que sua realidade não se confunda com as imagens particulares e passageiras do decorrer do tempo, quando o mundo se torna grande demais, e as relações sociais se dissolvem com o tempo e o espaço, os indivíduos se agarram aos espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica (CASTELLS, 1999; HALBWACHS, 2006).

No caso do Cine Rialto, de acordo com os entrevistados, entende-se como sendo um espaço muito sofisticado, onde era necessário o uso de trajes sociais. Antonio Scatena reforça que:

O Cine Rialto representou uma época de tradição, pois para frequentá-lo eram exigidos trajes adequados. Na época, acadêmico do curso de Direito ia de terno, pois representava respeito e era exigido pela administração do cinema. Recordo que os frequentadores eram famílias, e casais de namorados da elite campo-grandense. Assisti ao filme Doutor Jivago (1965) por mais de dez vezes, nesse cinema. Atualmente não frequento mais cinemas, os valores do ingresso estão muito elevados, e o gênero dos filmes não são de meu gosto.

Dentro dessa perspectiva, David Cardoso destaca que:

O Cine Rialto era o mais luxuoso de todos os cinemas de Campo Grande naquele período, apesar de ser o menor de todos, mas tinha poltronas de primeiro nível, ventilação excelente, enfatizo a ventilação *porque em alguns cinemas quando se chegava ao meio da sessão eles desligavam o ar, para não gastarem muita energia*, o hall de entrada era uma beleza, na bombonière, naquele tempo não era permitido comer pipoca no interior das salas de exibição. Tinha-se um respeito, não podia entrar sem *paletó*, era preciso estar de forma decente para entrar no cinema.

O entrevistado Celso Higa ressalta que a criação do Cine Rialto ocorreu após a inauguração do Cine Alhambra, como sendo o cinema mais luxuoso de Campo Grande - MS, com poltronas de madeiras estofadas, produzidas pela empresa de móveis chamada Sim, uma referência da indústria moveleira no país. Recorda que os filmes de longa duração de diretores e produtores de filmes alternativos culturais eram exibidos no Cine Rialto.

Da mesma forma, já relatada, Celso Higa enfatiza que:

Ao escutar a música tema do filme 'A Summer Place' traduzido por 'Amores Clandestinos', recorda dos cinemas que foram administrados pela Empresa Pedutti, pois era tocada essa música no



início de cada sessão, ficando como uma marca registrada, desses espaços de exibição.

Reflete-se, portanto, a partir das falas dos entrevistados que o Cine Estrela foi um cinema inovador pela localização ocupada. Afastado do centro da cidade, agradando principalmente os moradores do bairro e, conseqüentemente, auxiliando no desenvolvimento local da região.

O entrevistado Antonio Scatena compara o público do Cine Estrela com o público do Cine Santa Helena, por ser um cinema popular. Localizado em um bairro afastado do centro da cidade, onde a maioria de seus frequentadores era morador do local, o entrevistado recorda-se de ter assistido a filmes como: “Macunaíma” (1969), “O bebê de Rosemary” (1968), nesse espaço cultural.

Constata-se, na fala de Celso Higa, que a distância do cinema em relação ao centro era grande, afirmando que:

Tínhamos que pegar ônibus na Praça Ary Coelho, antes conhecido como Jardim Público, para chegar ao cinema, que ficava ao lado de um descampado, recordo que tinha uma padaria na esquina.

Essa padaria citada por Celso Higa era a padaria Estrela, de propriedade de Elpídio Belmonte de Barros, localizada na avenida Júlio de Castilho, a qual emprestou seu nome ao cinema. Celso Higa relembra que o Cine Estrela não conseguiu se instalar no centro da cidade, por causa da forte empresa Pedutti na cidade.

Segundo a entrevistada Arlinda Cantero Dorsa:

O Cine Estrela foi vanguardista, um local distante do centro que eu frequentava poucas vezes por causa da distância, pois morava no centro da cidade. Recordo-me com saudades, pois marcou minha juventude, assisti a dois filmes que ficaram marcados em minha memória: 2001 - Uma odisséia no espaço (1968) e Barbarela (1968) recordo como uma verdadeira aventura, uma verdadeira odisséia ir até aquele local.

As instalações do Cine Estrela de acordo com a informação de alguns dos entrevistados eram deficitárias, principalmente, a ventilação, por ser um cinema distante do centro, tinha um aspecto de interior, um cinema simples, a tela em tamanho razoável.

Como se pode notar no relato de Celso Higa:

Durante uma sessão de filme faroeste noturna no Cine Estrela, que mantinha as portas laterais abertas para melhorar a ventilação, durante a exibição do filme houve uma cena de estouro de boiada e, ao mesmo tempo, um vento muito forte do lado de fora do cinema, levantando uma poeira que adentrava pelas portas laterais, e os que estavam sentados depois das portas laterais, viam a poeira entrando ao mesmo tempo em que ocorria o estouro da boiada no filme, dando aquele aspecto de realismo na cena, fato esse nunca esquecido por mim.

Para David Cardoso, o Cine Estrela era considerado um cinema popular, pois seus frequentadores eram moradores das proximidades do cinema. David, amigo de José Dias Nazar, proprietário do Cine Estrela, frequentava esse cinema mais para vê-lo, pois descreve que no Cine Estrela a programação era diferenciada, e o espaço muito afastado de sua residência.

Nota-se que o Cine Estrela, mesmo sendo distante do centro, cumpriu a função de trazer uma nova forma de entretenimento aos moradores da cidade e, com isso, colaborou para o desenvolvimento local, cultural e social no entorno do espaço.

Nos anos de 1960 a 1969, foram inaugurados, respectivamente, os cinemas Acapulco e Jalisco, dos irmãos Abboud Lahdo e Bernardo Elias Lahdo, em uma época em que Campo Grande tinha apenas quatro cinemas: Alhambra, Santa Helena, Rialto e Estrela.

O entrevistado Bernardo Elias Lahdo<sup>20</sup> relata que os filmes exibidos nos cinemas existentes eram filmes do tipo “requeitado”, filmes lançados há mais de 1, 2, 3 anos. Os cinemas dos irmãos Lahdo foram os precursores das exibições de filmes simultâneos, eles afirmam que foram buscar acordo com diversas empresas cinematográficas, como: Warner Bros, Metro Goldmwyer, Columbia Pictures, Universal, entre outras e, dessa forma, conseguiram trazer lançamentos para Campo Grande.

Bernardo Lahdo narra que no passado os casais de namorados frequentavam os cinemas para, no escurinho, terem mais liberdade. Era um local

---

<sup>20</sup> Bernardo Elias Lahdo, 67 anos, nascido em Campo Grande - MS, advogado, jornalista, produtor, ator, proprietário dos Cinemas Jalisco e Acapulco de Campo Grande, durante sua fala expõe certa decepção com os meios de comunicação da época, por não ter noticiado os feitos pelo Estado e recorda-se, com saudades, dos espaços de exibição cinematográfica.

muito convidativo para esse fim como até hoje, mas com algumas mudanças. Antigamente era mais difícil namorar, pois os pais ficavam de olho, se o pai visse o rapaz pegar na mão de sua filha, já ficava inquieto querendo chamar a atenção, até chamava se necessário, então a desculpa era ir ao cinema.

De acordo com Bernardo Elias Lahdo, o Cine Jalisco (1969) foi um cinema especializado em exibir filmes de *bang bang* e filmes de arte, sendo que suas sessões noturnas, no horário das 22 horas, exibia somente filmes considerados de arte. Naquele período, os filmes de arte eram em preto e branco, e ele tinha uma vasta coletânea.

Bernardo Elias Lahdo conta ainda que:

As sessões noturnas permaneceram por seis meses no Cine Jalisco, mas lamentavelmente tivemos que encerrar com essas sessões de exibição de filme de arte, por falta dos pseudos-cultos que não apareciam nos cinemas.

Conforme relato de Bernardo Elias Lahdo, o Cine Acapulco foi especializado em lançar filmes simultaneamente com São Paulo. O filme o “Exorcista” (1973) foi exibido durante seis meses com lotação esgotada. Era necessário que os frequentadores comprassem os ingressos com no mínimo uma semana de antecedência. Bernardo Lahdo recorda que as filas eram imensas, mas sem tumulto, os ingressos eram vendidos com antecedência.

No Cine Acapulco, as sessões eram diárias, totalizando quatro por dia, sendo três sessões noturnas e uma no período da tarde. Esses empresários foram os primeiros a lançar sessão infantil nos cinemas de Campo Grande, as quais ocorriam aos domingos, com a exibição de filmes e desenhos infantis, da Metro Goldmeyer (produtora), no horário das dez horas da manhã. Nessa época, a televisão fazia parte de pouquíssimas residências, então os pais levavam os filhos para um passeio diferente.

Para Arlinda Cantero Dorsa:

Os Irmãos Lahdo, fundadores dos Cinemas Acapulco e Jalisco, foram ‘vanguardistas’ no setor da Sétima Arte em Campo Grande, pois além de construir esses cinemas, fizeram filmes entre eles: Paralelos Trágicos (1965), de grande repercussão mundial, deve-se respeito a eles, pois, investiram nessa área para cidade.

Os irmãos Lahdo destacam-se na vida cultural e da sétima arte em Campo Grande, por serem pioneiros e empreendedores nessa arte. O entrevistado Bernardo Lahdo, durante a entrevista, afirma que ele e o irmão produziram o primeiro filme totalmente com equipe técnica e artística de Mato Grosso do Sul, porém, antes da divisão do Estado, o filme foi recolhido pela censura e, após um ano, obtiveram o selo da liberação.

O filme “Alma do Brasil” (1932), considerado o primeiro longa metragem, silencioso, e “O caçador de esmeralda” (1963) considerado como curta-metragem sonoro, ambos têm seus valores, porém não são considerados um longa-metragem sonoro e, com toda a equipe do Estado, portanto, o pioneiro longa-metragem sonoro realizado totalmente por moradores de Mato Grosso do Sul foi “Paralelos Trágicos”(1965).

Bernardo Elias Lahdo relata que:

Para o lançamento do filme foram convidados grandes críticos de cinema da época, entre eles: Orlando Lopes Facioni, da Folha de São Paulo, Rogério Scanzela do Estadão, a exibição do filme foi realizada, no dia 13 de janeiro de 1967, em uma sessão *avant premier* no Cine Alhambra.

Celso Higa, frequentador assíduo dos cinemas de Campo Grande, também fala sobre as estruturas diversificadas dos espaços de exibição.

Recordo que o Cine Jalisco tinha um diferencial em sua estrutura, pois, ao adentrar pela rua 14 de Julho, o frequentador subia uma escada e voltava no sentido oposto: a face da tela era na rua 14 de Julho, recordo de ter assistido ao filme, ‘Che’ (1969) com Jack Palance no papel de Fidel Castro, e Omar Sharif no papel de Che Guevara. Estava a caminho da casa de um colega para estudar, que morava na rua Barão do Rio Branco, próximo ao cinema Jalisco, acabei me perdendo dos colegas, quando passei pelo cinema perguntei ao porteiro se tinha visto meus colegas passarem por ali, e o porteiro disse que estavam todos assistindo ao filme, então resolvi subir e assistir ao filme também.

Higa relatou ainda que não fosse assíduo frequentador dos cinemas da família Lahdo, às vezes ia ao Cine Jalisco, mais por interesse nos filmes de *bang bang* e de cunho cultural, os de arte.

Conforme as lembranças do entrevistado Antônio Scatena, tanto o Cine Acapulco quanto o Cine Jalisco era considerado “*pulgueirão*” bagunçado. Sendo que

o entrevistado Marcos Pedrosa recorda-se de ter assistido no Cine Acapulco um filme que tinha como tema a Segunda Guerra Mundial, frequentava sempre nos horários de *matinê*.

Dessa forma, pode-se salientar que mesmo os Cines Acapulco e Jalisco, sendo considerados cinemas populares, tiveram seus momentos gloriosos, e viabilizaram a diversificação dos espaços culturais relacionados à sétima arte em Campo Grande-MS, influenciando os moradores locais para um novo comportamento de interação social em sua vida cultural.

Arlinda Cantero Dorsa, moradora, por um período, na rua do Cine Acapulco, recorda-se que,

No Cine Acapulco tinha apenas uma entrada e saída, não tinham janelas, nas paredes tinham ventiladores, um local que desafiava a nós, em questão de segurança. Era nítida a falta de circulação de ar e segurança, pois se houvesse a necessidade dos espectadores saírem às pressas do espaço, seria difícil, mas mesmo assim frequentávamos por ser um local divertido.

Os cinemas da família Lahdo tiveram um significado transformador na sociedade campo-grandense, enquanto estiveram em ação. Deram aos frequentadores um ar de fascínio pelo universo imaginário, que a sétima arte proporciona, afastando os espectadores cada vez mais da realidade vivida. Em alguns momentos, o cinema pode ser considerado um meio de comunicação em massa.

Os cinemas nas décadas anteriores representavam apenas uma atividade de entretenimento e lazer, com salas grandiosas e luxuosas, as salas de exibição cinematográfica do passado eram acessíveis a todos os grupos sociais. Atualmente, os espaços para os frequentadores são amplos, mas o valor cobrado pelo ingresso dificulta a acessibilidade para um grupo maior de pessoas. Os espectadores não deixaram de assistir aos filmes, mas os locais para essa apreciação foram reconfigurados, são suas próprias casas, com o uso da televisão e do DVD.

Um novo espaço cinematográfico para exibição construído em meio à cidade, não pode ser visualizado apenas como mais uma construção, o local guarda recordações, sonhos, afetividade, transformações ocorridas, o presente e o passado, de um grupo. No caso do Autocine, um cinema inovando pela sua estrutura ao ar

livre, localizado em um ambiente universitário, inaugurado no início dos anos 70, destaca-se pelos frequentadores como se pode verificar.

Antônio Scatena afirma que:

O Autocine foi criado e inaugurado, na época denominada UEMT<sup>21</sup>, pelo então reitor João Pereira da Rosa, juntamente com governador Pedro Pedrossian, na década de 70.

Celso Higa relata:

Frequentei poucas vezes esse cinema, pois, era preciso ter carro, muito distante do centro da cidade. Ao entrar, o espectador recebia um alto falante para conectar no carro, assisti alguns filmes com minha finada esposa, comendo pipoca no interior do carro, e às vezes com amigos.

David Cardoso reforça que:

O Autocine foi um cinema mais apropriado para casais de namorados, eu tinha uma Kombi 61, e levava minha namorada para assistir ao filme, comia uma pipoca, bebia alguma coisa e ficava namorando por ali mesmo. Era um espaço muito interessante e diferente, ousado para Campo Grande, mas que infelizmente o movimento foi diminuindo com o advento da televisão e foram encerradas suas atividades em poucos anos.

Arlinda Cantero Dorsa, também participou desse cinema, conforme se pode constatar em sua fala:

Frequentei com meus amigos, no final da década de 60 e início de 70, uma ótima oportunidade de assistir a um bom filme, para os jovens que tinham carros, recordo que no local tinha uma tela grande e de perfeita visualização, e o som muito bom, era um momento de confraternização.

A entrevistada acredita que a população de Campo Grande sentiu muito a perda desse espaço, pois ocorreu de forma gradativa, de maneira que sem a devida manutenção e investimento, acarretou em seu fechamento.

Realidade diferente encontrada na entrevista de Marcos Pedrosa que assistiu apenas a um filme no Autocine. Ele acredita que se reativassem o Autocine hoje, seria um fracasso, pois para ele vivemos um momento com muitas opções de

---

<sup>21</sup> Então Universidade Estadual de Mato Grosso.

entretenimento, uma era mais tecnológica, com computadores, internet, videogames, entre outras formas de entreter principalmente a juventude.

A revitalização do AutoCine, nos dias atuais, com o fácil acesso à televisão, aos filmes por meio de DVD, internet, o custo com ingresso e principalmente a insegurança sentida pela sociedade atualmente, dificultaria o retorno desse modelo de cinema, em um ambiente ao ar livre.

Outro espaço de exibição de filmes em Campo Grande-MS foi o Cine Nova Campo Grande, apesar de o bairro Nova Campo Grande ser antigo, não obteve o desenvolvimento aguardado por seus idealizadores, pois continua distante do centro da cidade, considerado pequeno, onde boa parte dos moradores se conhecem, salvo a história do cinema do bairro.

Grande parte de seus frequentadores foram moradores do próprio local, pela distância, entre o centro da cidade e o bairro, muitos de seus moradores frequentavam esse cinema, por ser uma das poucas formas de lazer existentes ali naquele tempo.

Apesar de ser um cinema de bairro, o Cine Nova Campo Grande teve, como diferencial, a visão dos seus proprietários em instalar naquele local um espaço com acesso à cultura e usado como entretenimento dos moradores da cidade, possibilitando um contato entre a sociedade e o cinema.

David Cardoso relata ter ido apenas uma vez para conhecer as instalações do Cine Nova Campo Grande, uma curiosidade, não assistindo a nenhum filme, relata ser um cinema normal, não tendo nada em especial ou aquém dos outros.

Inaugurados na década de 70 os Cinemas Plaza e Center, localizados no piso superior do extinto Terminal Rodoviário de Campo Grande-MS, teve grandes transformações ao longo do tempo. Os espaços foram frequentados por diferentes públicos, cada um ao seu modo.

Celso Higa afirma que:

Assisti alguns filmes nos cinemas Plaza e Center, mas quando o público começou a diminuir, pode verificar que logo após a chegada da televisão nas casas dos campo-grandenses, o espaço ao redor da rodoviária foi ficando muito perigoso, começando a ser ocupado por malandros e prostituição, por esse motivo, muitas famílias foram deixando de frequentar o espaço com medo da violência.

Para David Cardoso, o Cine Center foi recordado por exibir filme interpretado por ele, no qual relata:

Frequentei algumas vezes, para assistir aos filmes os quais participei como ator e produtor, filmes esses exibidos no Cine Center restritos para a maioria, frequentava para conferir meu desempenho como ator e produtor nos filmes.

Outra recordação do Cine Plaza para o entrevistado Marcos Pedrosa era em relação aos encontros com sua namorada. Ressalta que:

Namorei muito no Cine Plaza, após frequentar as aulas, ia namorar no cinema, só tinha que ficar de olho nos lanterninhas, lembro que no cinema Plaza tinha dois lanterninhas e que para pegar na mão da namorada era uma dificuldade, um cuidava na vertical e outro na horizontal.

Maria de Fatima<sup>22</sup>, uma frequentadora assídua do Cine Plaza, comenta:

O Cine Plaza era um cinema diferente de tudo que tinha no momento aqui, era o mais novo, sua inauguração ocorreu em minha mocidade, juventude. Frequentava em turma de amigos o Cine Plaza, recordo de ter assistido filmes como: King Kong (1976), De Volta para o Futuro (1985), Menino da Porteira (1976), Tubarão (1975) e Os Embalos de Sábado à Noite (1977). Eu lembro que ele tinha um barzinho no piso superior, que podia assistir do barzinho. Recordo que o cinema lotava tanto que era preciso sentar no chão das escadas para assistir o filme desejado.

Os entrevistados enfatizaram que suas escolhas para frequentar os cinemas eram delineadas pela localização, proximidade de casa, e as instalações do cinema, hoje suas preferências passaram, a ser primeiramente, a segurança e, posteriormente, as acomodações dos cinemas.

A escolha atual dos entrevistados demonstra o momento por que não só o país está passando, mas a cidade também, com os altos índices de violência e insegurança vividos. De fato, tornam-se cada vez mais favoráveis às mudanças dos cinemas, para o interior dos *shoppings centers*, o ruim é que, devido a essa transformação, o custo para frequentar essas novas salas é alto.

---

<sup>22</sup> Maria de Fátima Amorim Leite da Silva, 45 anos, nascida em Campo Grande, funcionária pública. Frequentadora assídua, durante sua mocidade, dos cinemas de Campo Grande, principalmente do Cine Plaza.



Quanto às narrativas utilizadas em relação à memória dos frequentadores, pode-se destacar o pensamento de Teles (2001, p. 2):

Ao recorrermos à memória dos relatos e testemunhos das épocas passadas, estamos transformando essas narrativas em história, fazendo com que um amontoado de fatos ganhe sentido. O narrador histórico é aquele que procura o sentido das ações humanas e encontra nelas uma conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente. Sua importância não está em apresentar uma imagem do passado, tirando sua autenticidade, mas em transformá-lo em uma experiência política única que possa renovar o futuro com seu reconhecimento no presente.

Outros cinemas marcados na memória e lembranças dos frequentadores de cinema de Campo Grande - MS foram os Cines Haway I e II. O primeiro cinema de Campo Grande localizado no interior do *shopping* Campo Grande, dando início a essa nova fase em que vivemos atualmente. Pode-se notar, em alguns depoimentos dos entrevistados, o que esses espaços significaram.

Celso Higa diz:

Assisti no Cine Haway I e II, instalado no interior do *shopping* Campo Grande alguns filmes, dentre eles: O último Samurai (2003) com minha finada esposa, vi a chegada do Cinemark, e o fechamento dos Cines Haway I e II, ocorrida através da substituição das salas comuns pelo modelo multiplex.

Como se pode constatar na fala empolgada do entrevistado Jofman Amorim<sup>23</sup>, o prazer e o encantamento exercido pelo cinema e, permanecendo em nossa memória esse sentimento, quando ele comenta em relação ao Cine Haway I e II:

Na época da minha infância, pré-adolescência, eu ia muito com os amigos, ia direto assistir filmes de criança, tipo desenho, recordo de ter assistido o primeiro filme de Stars Wars, lá. Foi muito legal.

David Cardoso revela que esses espaços foram pouco frequentados por ele:

Fui apenas duas ou três vezes, não gosto desse modelo novo de cinema, nos interiores dos *Shopping Centers*, frequentei essas vezes apenas para conhecer as instalações e por na época já ter poucas opções.

---

<sup>23</sup> Jofman Amorim Leite da Silva, 23 anos, nascido em Campo Grande, estudante. Considera-se um cinéfilo (uma apaixonado pela sétima arte), frequenta diversos cinemas atuais.

Como se pode notar, pelas falas desses entrevistados, os Cines Haway I e II foram os primeiros modelos de cinema no interior desses complexos de ilhas comerciais (*shopping centers*), existentes em Campo Grande.

Arlinda Dorsa destaca essa modernização ocorrida nos espaços de exibição com o passar dos tempos:

Os cinemas mais atuais como: Cine Plaza, Cine Center, Cine Campo Grande, Cines Haway I e II, trouxeram uma nova perspectiva na remodelação dos interiores dos espaços de exibição, as telas de projeção, o formato das poltronas, as *bombonières* presentes em seu interior, as tecnologias de exibição, e filmes que vinham com outros efeitos.

O insucesso desse cinema se deu devido à instalação de outro cinema mais moderno, com uma nova tecnologia e infraestrutura, no interior do mesmo *shopping*. Sendo assim, o público, aos poucos, foi deixando de frequentá-lo, passando a frequentar o Cinemark. Aqueles que não podiam pagar o ingresso desse novo modelo de cinema passaram a frequentar o Cine Campo Grande, localizado no centro da cidade.

Outro espaço para exibição cinematográfica em Campo Grande foi o Cine Cultura, que tinha como objetivo a exibição de filmes de arte (não *blockbusters*), com debates no final de cada sessão acerca do filme apresentado.

Celso Higa refere-se ao Cine Cultura como:

Um local de exibição de filmes cabeças, seus frequentadores eram chamados de intelectuais, os filmes apresentados nesse espaço, eram de diretores renomados considerados filmes de arte, não eram filmes comerciais. Frequentei o Cine Cultura nos dois espaços ocupados na cidade.

Os dois espaços citados pelo entrevistado foram, primeiro, na rua Barão do Rio Branco, entre a rua Pedro Celestino e a rua Padre João Cripa e, depois, na avenida Afonso Pena, no Pátio Avenida.

David Cardoso, frequentador assíduo do Cine Cultura, relata que:

Frequentei o Cine Cultura por diversas vezes, um local de ponto de encontro de muitos intelectuais da cidade, ligado à sétima arte, um espaço requintado e rebuscado, por ser um espaço mantido pelo poder público não durou muito tempo, pois o governo não teve mais interesse em continuar mantendo o local. Entende-se como Cine

Cultura um espaço que não tem interesse comercial, e somente um espaço de entretenimento cultural. Dessa forma, encerraram-se as atividades, um pecado.

Arlinda Cantero Dorsa enfatiza que a grande idealizadora do Cine Cultura em Campo Grande, foi professora Maria da Glória Sá Rosa (Glorinha), sua professora e amiga, iniciando esse trabalho no Curso Clássico, equivalente ao Ensino Médio hoje, e depois com algumas alunas do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Dom Aquino, hoje UCDB. Depois da exibição dos filmes, havia debates.

Arlinda Cantero Dorsa afirma:

Frequentei o Cine Cultura no período das décadas de 80 e 90, era uma oportunidade de assistir a bons filmes, inclusive brasileiros. Infelizmente, por falta de investimento público, foi fechado deixando uma gama de estudantes sem o espaço para discussão sobre a Sétima Arte em Campo Grande.

Com base nos relatos de alguns entrevistados e analisando outras fontes, entende-se que o espaço do Cine Cultura, por ser considerado pelo poder público um local de entretenimento e sem fins lucrativos, encerrou as atividades, com a proposta de construir outros locais de entretenimento e outras formas para esse fim.

Campo Grande teve por aproximadamente mais de três décadas (1980-2012), o espaço denominado Cine Campo Grande, um cinema localizado no centro da cidade, por ele circularam milhares de campo-grandenses durante sua existência.

O entrevistado Marcos Pedrosa conta ter ido à inauguração do Cine Campo Grande assistir ao filme “O Exterminador do Futuro”, recorda-se que:

Ao sair da escola Joaquim Murtinho encontrei uma nota no valor de R\$ 10,00, e fui para o Cine Campo Grande, na rua 15 de Novembro, assistir o filme. Recordo que o valor do ingresso era um real e pouco, baratíssimo, o real era muito valorizado.

Com a inauguração de um cinema no centro da cidade, após um período sem esse espaço, foi muito comemorada, principalmente, pelo público com menos poder aquisitivo, pois era um cinema mais popular.

De acordo com David Cardoso:

O Cine Campo Grande foi o cinema mais frequentado por mim ao longo dos meus últimos 20 anos, até seu recente fechamento. Diversos são os motivos pelos quais frequentei esse cinema, ia entre uma a duas vezes por mês, os valores dos ingressos eram acessíveis, ar condicionado e instalação boa, sessões não muito cheias, e uma boa programação.

Com o fechamento desse cinema ocorrido no dia 16 de dezembro de 2012, os frequentadores de cinema em Campo Grande têm como opção somente os novos modelos, localizados em ilhas comerciais, salas multiplex, ingressos com valores abusivos, e filmes do tipo *blockbusters*.

As práticas de exibição também seguiram a tendência com o multiplex, que permite aos exibidores alcançar algo que se aproxima de seu antigo público de massa, acomodando os espectadores em diferentes salas de projeção, cada uma passando um filme diferente (TURNER, 1997).

O número de salas de exibição voltou a crescer devido aos investimentos de grandes empresas estrangeiras que visualizaram no Brasil a demanda por esse modelo de complexos de exibição. Dessa forma, aumentaram as salas e também os espaços de exibição cinematográfica em Campo Grande e no Brasil.

Dentre esses, estão o Cinemark no interior do Shopping Center Campo Grande e o Cinépolis no interior do Shopping Norte Sul Plaza. Ambos com tecnologia de última geração, salas multiplex, próximos às praças de alimentação, local onde se concentram maior público frequentador desse ambiente comercial.

Em Campo Grande - MS, o primeiro modelo de cinema no sistema multiplex foi o Cinemark, inserido no interior do *Shopping* Campo Grande em 1999, sendo de origem americana, foi considerado o motivo do encerramento das atividades dos Cines Haway I e II, que foram o primeiro instalado no interior dessa ilha comercial.

Jofman Amorim<sup>24</sup> guarda recordações afetivas relacionadas ao Cinemark, como se pode conferir em seu depoimento.

Recordo de começar a namorar no interior do Cinemark, tendo todo aquele charme de colocar o braço por de trás da garota, a pegada da mão e aquele silêncio. Meus namoros começaram sempre no interior do cinema e, principalmente do Cinemark, por ser o mais antigo.

---

<sup>24</sup> Ibidem., p. 119.

Apesar das novas tecnologias utilizadas no novo modelo de cinema para resgatar o público novamente aos cinemas, na maioria de jovens e casais de namorados, não remete aos frequentadores dos cinemas extintos na cidade o mesmo sentimento, como se pode destacar na fala de Marcos Pedrosa:

Sinto saudades, não desse modelo novo de cinema, mas do cinema do sossego onde existia o respeito com o outro, o silêncio no decorrer do filme, quando as pessoas eram mais civilizadas. Naquela época não tinha telefone, então você paquerava, e depois se encontrava novamente no mesmo cinema e horário.

No decorrer das entrevistas ficaram visíveis os momentos de emoção e saudades sentidos pelos entrevistados ao relatarem suas experiências e os momentos vividos nos extintos cinemas da cidade. Nesse sentido, o cinema pode ser considerado como uma cultura de massa (MORIN, 2011, p.12).

Celso Higa encerra sua entrevista relatando um fato marcante para ele ocorrido no Cine Santa Helena:

Enquanto estava na fila para comprar ingresso para mim e minha irmã, no Cine Santa Helena, quando de repente minha irmã chega com mais 10 amigas, eu olho para trás e vejo o pessoal que estava na fila emburrado. Atores como Oscarito, Grande Otelo, Demy Dennis, deixaram saudades para mim. O cinema foi um local para as pessoas se conhecerem, e inícios de namoros, local esse que no escurinho do cinema muitos namoros, e consequentemente casamentos iniciaram. E com o fim dessa magia, foram embora os filmes de faroeste, bang bang, e muitas histórias de heróis.

David Cardoso ressalva que:

Atualmente tenho ido menos ao cinema, porque hoje não se tem mais o glamour do passado, hoje para ir ao cinema, o público tem que ter um poder aquisitivo bom. Sinto muitas saudades daquela época, me considero um saudosista. Os níveis das produções cinematográficas melhoraram com o auxílio da tecnologia, mas existe alguma coisa errada, pois no passado se tinha no Brasil uma média de 4 mil cinemas e atualmente são apenas 2 mil. Sendo que a população aumentou, e no passado as salas eram grandes como as do Cine Alhambra que comportava em torno de 1200 lugares.

A maioria dos entrevistados relatou o respeito que se tinha ao adentrar nesse espaço mágico, e esperar o início de uma sessão. Existia todo um roteiro a ser seguido, com abertura de cortina, uma música ao fundo tocada, era apresentado

um cine jornal, assim chamados, com a apresentação das notícias do Brasil e do mundo. Fechava-se a cortina, então se abria novamente e apresentavam-se os *trailhers* não podendo ser mais de três, fechava-se novamente a cortina, e então abria e se iniciava a exibição da película. Não tinha barulho, era aquele silêncio, o público tinha respeito, muitos sentem saudades desse modelo.

De um modo geral, no passado, os cinemas tinham uma representação de diversão, ponto de encontro de jovens e amigos, lugar frequentado por famílias, espaço de tranquilidade, atualmente, existe uma nova abordagem que é a do medo, a insegurança com a violência, por isso essa grande transformação dos cinemas de deixarem o centro da cidade, para iniciarem essa nova concepção de cinemas em complexos de ilhas comerciais, por ter segurança, estacionamento, restaurantes, bancos, concentrados tudo em um lugar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tanto as salas de exibição quanto a produção dos filmes oferecidas em Campo Grande, durante toda a sua história dos cinemas, marcaram as vidas de diversas pessoas, entre adultos, jovens e crianças, cada um em seu tempo vivenciado. Algumas salas de cinemas foram mais importantes e duradouras que outras, mas todos trabalharam para a criação do território vivido para o lazer via cinema.

Esta pesquisa buscou apresentar e rememorar, com o auxílio de imagens e relatos de frequentadores desses espaços cinematográficos existentes em Campo Grande, as transformações ocorridas em torno desse território vivido, muitas vezes (des)territorializado e, posteriormente, (re)territorializado, sem o mesmo interesse cultural.

Vale ressaltar ainda que o referencial teórico apresentado no primeiro capítulo, relacionando identidade cultural, patrimônio, cultura, memória, território, são alicerces fundamentais para que ocorra o desenvolvimento local de uma determinada comunidade.

As fotos e as imagens inseridas na pesquisa evidenciam o não-comprometimento do poder público e seus agentes em revitalizar ou restaurar espaços atualmente considerados por todos abandonados. Algumas das salas foram (re)territorializadas para outros fins, em sua maioria ou templos religiosos ou centros comerciais.

Nos dias atuais, quando se fala em assistir a filme, não se assimila como uma sala escura de exibição, pois o que se tem hoje é o avanço da tecnologia, o custo econômico alto, a comodidade de ficar em casa, e a falta de segurança que atinge a sociedade, assim o bem-estar individual dos telespectadores acaba sendo levado em conta.

Durante as entrevistas realizadas com os frequentadores de cinema, foram notáveis as marcas registradas por eles e muitos não conseguiram esconder suas emoções vividas durante o período, em que frequentaram os cinemas sendo que para alguns esses momentos foram marcados por muitas alegrias. Diversos momentos importantes ocorridos na cidade aconteceram no interior dos cinemas ou ao seu redor.

Identifica-se que houve uma transformação na vida social da comunidade residente próxima aos cinemas que, de certa forma, influenciou na construção dos aspectos identitários de várias gerações de campo-grandenses.

Como foi exposto ao longo do trabalho, esses espaços culturais foram envolvendo a comunidade, e exercendo sobre ela um enorme fascínio pelas imagens em movimento, as quais retratam a realidade, as opiniões políticas e comportamentos sociais desse tempo.

Verifica-se, portanto, que o cinema contribuiu e contribui para um enriquecimento cultural da sociedade campo-grandense, de forma que a comunidade local utilizava-se desses espaços para encontros sociais e atividades culturais antes inexistentes.



## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Vicente Fideles de et al. **Formação educacional em desenvolvimento local**: relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2000.
- ÁVILA, Vicente Fideles. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: Edições UVA, 2005.
- ALMEIDA, Paulo Sérgio. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro - RJ: Aeroplano, 2003.
- ALMEIDA, Valério de. **Campo Grande de outrora**. Campo Grande - MS: Letra Livre, 2003.
- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva. 2001.
- ARAÚJO, Inácio. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.
- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. **Campo Grande**: arquitetura, urbanismo e memória. Campo Grande: UFMS, 2006.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BITTAR, Marisa e FILHO, Dante. **Dos campos grandes à capital dos ipês**. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 2004.
- BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. **Memória do Cinema em Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ecléa. **Memória e sociedade**. 10.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRAND, Antônio. Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Interações - Revista Internacional do Desenvolvimento Local**, v. 1, n. 2, p. 59-68, mar., 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Maria Augusta de; SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. **Rota do trem do Pantanal: o diálogo entre o patrimônio e desenvolvimento local**. Campo Grande: Life Editora, 2012.

CONTAR, Edson Carlos. **Das margens do prosa ao bar do Zé**. Campo Grande: FUNCESP, 2002.

CORRÊA, Carlos Humberto P. História oral: considerações sobre suas razões e objetivos. In MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 63-70.

CUELLAR, Javier Perez de. Nuestra Diversidade Creativa. **Informe de la Comission Mundial de Cultura y Desarrollo**. Paris: UNESCO, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil plâtos** - capitalismo e esquizofrenia. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

FANTIN, Mônica. Crianças no cinema: fragmentos e olhares. **Presente! Revista de Educação**, Salvador, ano 13, nº 49, p. 13-19, jun., 2005.

FERNANDES, João Luís Jesus. Implantação de projectos de desenvolvimento, desterritorialização e vulnerabilidade das populações: o caso da construção de barragens. In: **Cuarto Encuentro Internacional sobre Pobreza, Convergencia y Desarrollo**. Espanha: Universidad de Málaga, Espanha, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Da geografia às geografias: um mundo em busca de novas territorialidades. In SADER, E.; CENEÑA A. E. (Orgs.). **La Guerra Infinita: hegemonia y terror mundial**. Buenos Aires: Clacso, 2002.

GUIMARÃES, Nathália Arruda. A proteção do patrimônio cultural: uma obrigação de todos. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 354, 26 jun. 2004 . Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5372>>. Acesso em: 20 maio 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: Eduf, 1997.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIGA, Celso. “Amores clandestinos” nos cinemas de Campo Grande. In: **Jornal Correio do Estado**, Caderno B, 26 de agosto de 2008.

IANNI, O. **A desterritorialização**. In: \_\_\_\_\_. A sociedade global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 89-105.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Trad. Ruy Jungmann; consultoria Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JUNKES, Lauro. **A narrativa cinematográfica**: introdução à linguagem e estética cinematográfica. Florianópolis, mimeografado, 1979.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: sextante, 2011.

KNOPP, Glauco da Costa; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Cultura e Desenvolvimento: O programa bairro-escola da cidade de Nova Iguaçu. **Revista Administração e Diálogo**, v.9, n.1, 2007, p. 59-94.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2004. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/redesist/P4/Ampli/Gloss%E1rio%20RedeSist.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2013.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa científica em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMS, 1999.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Territórios & Contextos culturais. **Revista Cultura em MS**. Fundação de cultura de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, n. 5, 2012, p. 10-18.

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo: Paulus, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologie et Antropologie**. Paris: PUFF, 1950.

MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande**. Campo Grande: Instituto histórico e geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

MARQUES, Heitor Romero *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. 3.ed. Campo Grande: UCDB, 2008.

MARTINS FILHO, Amílcar Vianna. **Como escrever a história de sua cidade**. Belo Horizonte: ICAM, 2006.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: Xavier, Ismael (Org.) **A experiência do cinema: antropologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

\_\_\_\_\_. **Cultura de Massas no século XX**: espírito do tempo 1: neurose. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NOLASCO, Edgar; BESSA - OLIVEIRA; Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Nolasco dos. **Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life Editora, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

OCA. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Dados Gerais do Mercado Cinematográfico. Disponível em: <<http://www.oca.ancine.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Cortez Vaz dos Santos. **Processos de desterritorialização e filiação ao lugar**: o caso da Aldeia da Luz. Coimbra: s/e, 2011

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, Marinete; FISCHER, Neide. **Salas de sonhos** - história dos cinemas de Campo Grande. Campo Grande: UFMS, 2008.

PINHEIRO, Marinete. **Salas de sonhos** - memórias dos cinemas de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REALE, Miguel. **Paradigmas da cultura contemporânea**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: Introdução Metodológica. 3.ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1969.

ROSSINI, Miriam de Souza. O cinema da busca: discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. **Revista Famecos**, Porto Alegre n. 27, agosto, 2005.

ROZAS, G. **Pobreza y desarrollo local**. In: *Excerpta*, Universidade do Chile, n. 7, 1998.

SACK, R. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. (Coord.). **O mapa do mundo** - fim de século e globalização. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. **Rota do Trem do Pantanal** – O diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local. Campo Grande: Life, 2011.

SANTOS, Robson Souza dos; COSTA, Felipe da. **Cinema brasileiro e identidade nacional:** análise dos primeiros anos do século XXI. Universidade do Vale do Itajaí. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 maio 2012.

SERRA, Ulysses. **Camalotes e guavirais**. São Paulo: Classico-Cientifica, 1971.

SILVA, Alzilene Ferreira da. **A magia do cinema na praça:** apropriação do espaço e sociabilidade em Salvador - BA. 2009. 230f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SILVA, Carlos Rafael Braga da Silva; ONOFRE, Leonardo de Freitas. O cinema como representação da identidade cultural. **XIII Encontro de História Anpuh**. Rio de Janeiro - RJ, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SOUZA, Carlos Roberto de. **A fascinante aventura do cinema brasileiro**. Fundação Cinemateca Brasileira, São Paulo, 1981.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. *et al.* (Orgs.). **Geografia** - conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TELES, Edson Luis de Almeida. **Passado, memória e história:** o desejo de atualização das palavras e feitos humanos, ano I, n. 3, Maringá, dezembro, 2001. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/03teles.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

TUAN, Yiu-Tu. **Topofilia**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difeu, 1980.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

### **Sites consultados**

OCA. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Dados Gerais do Mercado Cinematográfico. Disponível em: <<http://www.oca.ancine.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

CINEMATECA BRASILEIRA. Disponível em: <<http://www.cinemateca.gov.br>>. Acesso em: 3 dez. 2012.

FILME B - Disponível em: <<http://www.filmeb.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

CINETOSCÓPIO. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/cinetoscopio>>. Acesso em: 23 maio 2012.

## APÊNDICE

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Dados Gerais do entrevistado (a):

Nome: (Opcional) \_\_\_\_\_

Idade em anos completos:

( ) + de 20                      ( ) De 21 a 30                      ( ) De 31 a 40

( ) De 41 a 60                      ( ) + de 60

Cidade onde nasceu: \_\_\_\_\_. Estado da federação: \_\_\_\_\_

Quanto tempo mora em Campo Grande (em anos completos): \_\_\_\_\_ anos

2. Já frequentou cinema em Campo Grande - MS?

( ) Sim ( ) Não

Em caso afirmativo assinale abaixo aquele (s) que frequentou:

Cine Brasil	Auto Cine
Cine Rio Branco	Cine Nova Campo Grande
Cine Guarani/Cine Central	Cine Plaza
Cine Teatro Trianon	Cine Center
Cine Teatro Santa Helena	Cine Cultura
Cine Teatro Alhambra	Cine Haway I e II
Cine Rialto	Cine Campo Grande
Cine Estrela	Cinemark
Cine Acapulco	Cinépolis
Cine Jalisco	Cine 5d

3. Tem conhecimento dos cinemas que já existiram Campo Grande - MS?

( ) Sim ( ) Não . Quais? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

4. Com que frequência foi e/ou vai ao cinema?

( ) ocasionalmente                      ( ) raramente                      ( ) 1 vez/mês  
 ( ) 1 vez/semana                      ( ) + de 1 vez/semana

5. O que interferiu na preferência da escolha do cinema frequentado?

( ) preço    ( ) localização                      ( ) segurança  
 ( ) proximidade da moradia                      ( ) acomodações do cinema  
 ( ) Outros \_\_\_\_\_

6. Dos cinemas frequentados qual foi aquele que mais te impressionou? Por quê? E fale sobre os cinemas frequentados por você.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_